

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

PEDRO NAKAMURA SCHARLAU VIVAS VIEIRA

OS SENTIDOS DA VAZA JATO NO DISCURSO DOS LEITORES:
O que revelam as caixas de comentários da série investigativa na Folha
de S. Paulo

Porto Alegre
2021

PEDRO NAKAMURA SCHARLAU VIVAS VIEIRA

OS SENTIDOS DA VAZA JATO NO DISCURSO DOS LEITORES:

O que revelam as caixas de comentários da série investigativa na Folha de S. Paulo

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Basilio Alberto Sartor

Porto Alegre

2021

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) intitulado “**Os sentidos da Vaza Jato no discurso dos leitores: o que revelam as caixas de comentários da série investigativa na Folha de S. Paulo**”, de autoria de Pedro Nakamura Scharlau Vivas Vieira, estudante do curso de Jornalismo, desenvolvido sob a minha orientação.

Porto Alegre, 05 de novembro de 2021

Basilio Alberto Sartor

PEDRO NAKAMURA SCHARLAU VIVAS VIEIRA

OS SENTIDOS DA VAZA JATO NO DISCURSO DOS LEITORES:
O que revelam as caixas de comentários da série investigativa na Folha
de S. Paulo

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado ao Departamento de Comunicação
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul –
UFRGS como requisito parcial para a obtenção
do grau de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Basilio Alberto Sartor

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Basilio Alberto Sartor
Orientador

Prof. Dr. Marcelo Träsel
Examinador

Profa. Dra. Thaís Furtado
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Esta monografia foi escrita sob um contexto de agudas e mortais crises.

No mundo, vigora uma pandemia que vitimou, até novembro de 2021, 5 milhões de pessoas ao redor do globo (sim, a Terra é redonda) – mais de 600 mil no Brasil. Uma delas foi Vinícius Moura, amigo querido. Partiu aos 23 anos, dois meses antes que pudesse ser vacinado.

No Brasil, vigora o governo Bolsonaro. Pararei por aqui – a descrição de meu descontentamento tomaria mais páginas que a própria monografia.

Na UFRGS, vigora a gestão Bulhões, um reitor-interventor que, sem dignidade para deixar o cargo face a própria incompetência e indicado à função de forma autocrática por Bolsonaro à revelia das eleições acadêmicas, atravanca ainda mais a já turbulenta vida universitária em calendário pandêmico.

No trabalho, vigora a proxalutamida, uma pauta investigativa que caiu no meu colo e se tornou uma reportagem com repercussões nacionais, que rendeu reconhecimentos, ameaças de processo e crises de ansiedade, e que até o presente momento não deixou de render novas repercussões ou absurdos a serem desvelados.

Na família, vigora a luta contra o câncer. E confesso que tem sido difícil dividir as atenções entre as agruras do mundo, as tensões pessoais e a vida acadêmica.

Enfim: após tantos lamentos, dirijo meus agradecimentos, portanto, a todos aqueles que tornaram a escrita desta monografia, em meio ao caos total, um caminho menos dilacerante. Por isso devo a muitos amigos, familiares e colegas, que de um modo ou de outro, contribuíram com conversas, risadas e reflexões.

Os principais a quem devo gratidão são meu pai e minha mãe, pelo apoio material, emocional e espiritual, incondicional e completo, que me deram ao longo de toda a

minha trajetória de estudos. Obrigado também a minha querida e minuciosa prima Kássia, que ajudou a formatar e revisar este trabalho em meio à rotina conturbada que acometeu a produção desta monografia.

Agradeço especialmente a todos os professores que tive ao longo da graduação, sobretudo aos profs. Thaís Furtado e Marcelo Träsel, que foram essenciais para minha formação neste curso e por isso muito me alegra tê-los na banca. Devo também principalmente ao meu orientador, prof. Basílio Sartor, que desde o início do curso muito me incentivou, inclusive nos momentos difíceis e de crise. Sem o seu apoio, prof., eu poderia ter abandonado o Jornalismo. Obrigado pela força para continuar e chegar ao final da graduação.

Também devo muitos agradecimentos a Sílvia Lisboa, a quem devo uma universidade inteira, por todo o aprendizado diário em mais de dois anos de convívio na Agência Fronteira. Amiga, editora e tutora, não satisfeita em apenas me ensinar na vida profissional, Sílvia também o faz pela via acadêmica – esta monografia usa suas contribuições inestimáveis ao estudo da credibilidade jornalística como referência bibliográfica.

Por último, é preciso lembrar que uma universidade pública e de qualidade como a UFRGS só existe por conta do povo brasileiro, que a financia e sustenta. Vejo como meu dever retribuir pela minha formação servindo ao interesse público, à liberdade de expressão e ao direito à informação de todos, na condição de futuro jornalista graduado (para pautas e denúncias: pedronakasc@protonmail.com).

Por último, agradeço especialmente a você, que lê esta monografia, posto que os leitores e leitoras são a razão de ser de todo texto.

Dedicado a Vinícius Moura, querido amigo.

A meu pai e minha mãe, por tudo.

A cada um de meus professores, pois sou constructo do que estes me ensinaram.

A Flavio Porcello, um dos mestres mais radiantes que tive na jornada universitária.

A Alexandre Rocha, uma das mentes mais brilhantes que conheci.

E a Deltan Dallagnol – por deixar o Telegram aberto.

Em memória de Antonio Alfredo Scharlau Vieira, meu generoso e amoroso pai.

No início de 2021, ele foi diagnosticado com uma grave doença no fígado. Ainda de cama, me disse que queria ver eu me formar antes de partir deste mundo.

Meses depois, em 19 de novembro de 2021, apresentei esta monografia à banca, que o aprovou. Apesar de não tê-lo oficialmente, a defesa do TCC é o evento que sela o fim da graduação, e precede a formatura. Nesse dia, após ganhar um A com louvor, recebi um forte e orgulhoso abraço de meu pai.

Ele faleceu cinco dias depois.

*Mais do que para me graduar, esta monografia foi escrita para ele.
Pai, te amo muito, seja lá onde você estiver.*

RESUMO

Esta monografia busca identificar os sentidos que leitores da Folha de São Paulo atribuíram à série investigativa Vaza Jato, publicada pelo jornal em parceria com o Intercept Brasil, em 2019. O corpus da pesquisa consiste em 305 comentários de leitores coletados nas caixas de comentários das dez primeiras reportagens da série publicadas no site da Folha. Por meio do método da Análise de Discurso, foram identificadas duas formações discursivas (FDs) nesse corpus: uma autoritária-moralista e outra iluminista-democrática. Na FD autoritária-moralista, os sentidos de manipulação e criminalização foram encontrados, enquanto os de revelação, credibilidade, confirmação e parcialidade estavam presentes na matriz iluminista-democrática.

Palavras-chave: Jornalismo Investigativo. The Intercept Brasil. Lava Jato. Análise do Discurso. Leitores.

ABSTRACT

This monography seeks to identify the meanings that Folha de São Paulo's readers assign to the investigative series Vaza Jato, published by the newspaper in partnership with The Intercept Brazil, in 2019. This research corpus has 305 readers' comments collected in the ten first series' reports comment section that were published in Folha's website. Through the method of Discourse Analysis, two discursive formations (DFs) were identified in this corpus: an authoritarian-moralist one and another enlightened-democratic. At the authoritarian-moralist DF, meanings of manipulation and criminalization were found, while those of revelation, credibility, confirmation and partiality were present at the enlightened-democratic matrix.

Key-words: Investigative Journalism. The Intercept Brasil. Lava Jato. Discourse Analysis. Readers.

LISTAS DE TABELAS

| | | |
|------------|--|----|
| Tabela 1 - | Evolução do Jornalismo sobre Investigações no Brasil (1989-2014) | 28 |
| Tabela 2 - | O corpus da pesquisa | 62 |
| Tabela 3 - | Identificação dos comentários do corpus da pesquisa | 63 |
| Tabela 4 - | Definições dos sentidos e formações discursivas | 82 |
| Tabela 5 - | Análise quantitativa dos sentidos no discurso dos leitores | 83 |

LISTA DE SÍMBOLOS

| | |
|---|-------------|
| % | Porcentagem |
|---|-------------|

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|--------|---|
| ABRAJI | Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo |
| AD | Análise do Discurso (de linha francesa) |
| FD | Formação discursiva |
| FSP | Folha de São Paulo |
| JI | Jornalismo Investigativo |
| LAI | Lei de Acesso à Informação |
| MDB | Movimento Democrático Brasileiro |
| MPF | Ministério Público Federal |
| PP | Partido Progressista |
| PT | Partido dos Trabalhadores |
| SD | Sequência discursiva |
| TIB | The Intercept Brasil |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 Introdução | 14 |
| 2 O Jornalismo Investigativo | 17 |
| 2.1 O Jornalismo Investigativo nos EUA | 17 |
| 2.2 O Jornalismo Investigativo no Brasil | 23 |
| 2.3 Definições de Jornalismo Investigativo | 30 |
| 3 A Vaza Jato | 36 |
| 3.1 A Operação Lava Jato | 36 |
| 3.2 A Folha de São Paulo e a Lava Jato na imprensa | 39 |
| 3.3 O Intercept Brasil | 43 |
| 3.4 A série jornalística Vaza Jato | 47 |
| 4 O discurso dos leitores | 52 |
| 4.1 O discurso jornalístico | 52 |
| 4.2 O lugar do leitor..... | 54 |
| 4.3 Os comentários de leitores..... | 56 |
| 5 Os sentidos da Vaza Jato no discurso dos leitores | 59 |
| 5.1 A metodologia | 59 |
| 5.1.1 A análise do discurso..... | 59 |
| 5.1.2 A seleção dos comentários..... | 61 |
| 5.2 Resultados da análise | 64 |
| 5.2.1 FD iluminista-democrática | 65 |
| 5.2.1.1 Revelação | 66 |
| 5.2.1.2 Confirmação | 69 |
| 5.2.1.3 Credibilidade | 70 |
| 5.2.1.4 Parcialidade | 73 |
| 5.2.2 FD autoritária-moralista | 75 |
| 5.2.2.1 Manipulação | 77 |

| | |
|---------------------------------------|-----------|
| 5.2.2.2 Criminalização | 80 |
| 5.2.3 Percepções sobre a análise..... | 82 |
| 6 Considerações finais | 84 |
| 7 Referências | 86 |
| Anexo A..... | 92 |

1 INTRODUÇÃO

A partir do alvorecer da Operação Lava Jato, em 2013, uma simbiose entre imprensa e Ministério Público, já denunciada por Solano Nascimento (2007) aprofundou-se. Com uma cobertura focada em um “jornalismo sobre investigações”, pautada pelos inquéritos e delações realizados no âmbito do MPF, jornalistas e veículos ressoaram tacitamente o que, descobriu-se depois, por meio de uma investigação jornalística independente de órgãos oficiais, foi uma operação que usou expedientes de exceção à revelia do devido processo penal para punir pessoas poderosas acusadas de corrupção. O impacto das revelações trazidas pela série de reportagens investigativas, a Vaza Jato, lançadas pela sucursal brasileira do site norte-americano Intercept em junho de 2019, foi amplo. A atualidade do fenômeno, no entanto, ainda não permitiu que as consequências dessas reportagens fossem analisadas com a mesma amplitude pela pesquisa acadêmica.

Esse ineditismo é uma das justificativas para a produção desta monografia, que também nasceu da constatação de que poucas pesquisas sobre Jornalismo Investigativo analisam a ótica do leitor em relação ao ofício. Com base em um levantamento bibliográfico preliminar realizado no segundo semestre de 2020, não identifiquei trabalhos em língua portuguesa que analisassem a perspectiva do leitor sobre a atividade. Deste modo, especialmente em um cenário que ainda é de crise da credibilidade e no qual o JI surge justamente como uma das frentes que clama pela valorização da profissão diante do público, considere que uma pesquisa voltada para a análise dos discursos de leitores deste gênero jornalístico poderia ser útil para que jornalistas e veículos planejem estratégias tendo em vista a reconquista dessa credibilidade junto ao leitorado.

Nesse contexto, a escolha da Vaza Jato como objeto se justifica, sobretudo, pelo amplo impacto da série na percepção pública sobre a Operação Lava Jato, um dos escândalos políticos mais marcantes da história recente brasileira (se não o mais), em um país pródigo em denúncias de corrupção amplamente cobertas pela imprensa. Além disso, por conta do vazamento dos documentos nos quais as reportagens se baseiam ter sido realizado por um hacker, o próprio jornalismo se tornou parte da pauta em discussão com as revelações da Vaza Jato, debate que se aprofundou com críticas ao modo com que a imprensa cobriu de modo dócil e acrítico a

própria Lava Jato até ao momento do lançamento da série jornalístico realizada pelo Intercept, o que a torna uma boa candidata para um estudo sobre como leitores entendem o fazer jornalístico, neste caso, mais especificamente, o investigativo.

Com isso, a pergunta norteadora desta pesquisa é: **quais sentidos os leitores da Folha de São Paulo atribuem às reportagens da Vaza Jato publicadas no jornal?** Essa pergunta se desdobra em um objetivo geral e em outros mais específicos. O **objetivo geral** desta monografia é identificar os sentidos que leitores atribuem à Vaza Jato por meio dos comentários publicados no site da Folha de São Paulo. Já os **objetivos específicos** são: a) compreender de que forma esses sentidos se relacionam com o conceito de Jornalismo Investigativo; b) verificar como os leitores entendem o Jornalismo Investigativo e c) analisar os discursos construídos pelos leitores nos comentários da série Vaza Jato.

Após esta introdução, a monografia começa, no capítulo 2, com uma breve história do Jornalismo Investigativo nos Estados Unidos. Depois, sigo com o histórico do gênero no Brasil. Nesta parte do trabalho, faço um panorama geral que vai das origens da atividade até sua consolidação profissional. Finalizo este mesmo capítulo com a apresentação do conceito de Jornalismo Investigativo a partir de um levantamento bibliográfico com as definições teorizadas por jornalistas e pesquisadores. Em seguida, no capítulo 3, apresento mais uma sequência de breves incursões históricas, dessa vez da Operação Lava Jato, dos veículos Folha de São Paulo e Intercept Brasil e da Vaza Jato, no qual delinheio o contexto no qual a série de reportagens foi publicada. Depois, segue-se o capítulo 4, teórico, sobre os leitores na perspectiva da análise de discurso, em que apresento os conceitos que aplicarei na análise de sentidos proposta para este trabalho.

Por último, no capítulo 5, explico a metodologia que utilizei de acordo com a AD e apresento a análise que realizei em um corpus de 305 comentários publicados nas caixas de dez reportagens da série Vaza Jato no site da Folha de São Paulo. Encontrei seis sentidos (revelação, confirmação, credibilidade, parcialidade, manipulação e criminalização) inseridos em duas formações discursivas, uma iluminista-democrática e outra autoritária-moralista. Os principais resultados desta pesquisa são a constatação da proeminência de um discurso autoritário diante da Vaza Jato por parte do leitorado, em que a atividade jornalística é criminalizada e descredibili-

zada conforme critérios morais, e a identificação de uma correspondência entre os principais sentidos atribuídos pelos leitores às reportagens da série e as definições teóricas que definem o que é o Jornalismo Investigativo, isso entre aqueles leitores que se ligam a valores iluministas.

2 O JORNALISMO INVESTIGATIVO

Neste capítulo apresento a história do Jornalismo Investigativo, a iniciar pelos Estados Unidos, o principal berço de origem da imprensa. Em seguida, explico de que modo essa influência norte-americana chegou ao Brasil e teço uma breve história do Jornalismo Investigativo brasileiro. Por último, apresento as definições e conceitos que consolidaram a noção de Jornalismo Investigativo.

2.1 O JORNALISMO INVESTIGATIVO NOS EUA

Exemplos pontuais de reportagens investigativas podem ser rastreados até o surgimento da imprensa, do século XVIII em diante, tanto nos EUA como na Europa. São casos de cidadãos indignados que imprimiam seus próprios periódicos para denunciar imoralidades cometidas pelas autoridades e elites de seu tempo – e que, não raro, após as publicações, acabavam presos (NASCIMENTO, 2007, p. 41). Esses exemplos, entretanto, ocorreram em épocas em que a própria imprensa, a técnica jornalística e a sociedade democrática de mercado eram incipientes demais para que o próprio jornalismo enquanto fenômeno social tivesse surgido plenamente.

Por essa razão, o Jornalismo Investigativo, assim como conceitos basilares da profissão, tal qual a própria ideia de reportagem (SCHUDSON, 2010, p. 107), só começa a se desenvolver mais claramente a partir da virada do século XIX para o XX, nos Estados Unidos, quando inovações tecnológicas, o crescimento econômico e o desenvolvimento da vida urbana permitiram a ascensão de grandes jornais, com posturas editoriais distintas, que disputavam pela atenção de um vasto público leitor de diferentes condições sociais. O pano de fundo para isso foi o cenário nova-iorquino do fim do século XIX (SCHUDSON, 2010). Estudiosos apontam que é nesse momento histórico que surge o Jornalismo Investigativo enquanto uma tendência, conforme descreve Nascimento (2007, p. 41).

Segundo Schudson (2010, p. 80-81), um dos aspectos mais importantes do jornalismo norte-americano dos anos 1880 é a “invenção social” dos repórteres, de modo que estes, “pela primeira vez, passavam a ser atores no drama do mundo dos jornais”. Se antes os periódicos eram o trabalho de um único indivíduo que atuava como impressor, editor, agente de publicidade e repórter, com a divisão do trabalho

nas redações, os jornais passaram a contratar escritores freelancers e a remunerar repórteres pelas notícias. Com esse protagonismo, alguns se sentiram independentes de seus chefes e editores. Além disso, também se consagrou a figura do correspondente estrangeiro, a partir da guerra de independência cubana¹.

Com uma imprensa economicamente sustentável e a profissionalização dos repórteres, reportagens com denúncias começam a prosperar em meio à competição entre veículos de imprensa, que passaram a publicar escândalos como um modo de satisfazer um público ávido por informação, além de se diferenciar de outros veículos e aumentar as tiragens. O gênero se proliferou especialmente em revistas, que à época incorporaram os princípios informativos dos jornais. Em pouco tempo, se iniciou a chamada “Idade de Ouro” do Jornalismo Investigativo, protagonizada pelos “muck-rakers” (NASCIMENTO, 2007, p. 42).

No princípio do século 20 uma nova geração de jornalistas conhecida como ‘muckrakers’, especialistas em denunciar as mazelas oficiais, exigia reformas nos níveis local, estadual e federal. Sua meticulosa investigação e exposição sobre o poder corrupto, desde os abusos do trabalho infantil até as máquinas políticas urbanas e os trustes ferroviários e de petróleo, criaram um movimento progressista na política nacional (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 176).

O nome “muck-rakers”², traduzido pelo pesquisador Solano Nascimento como “cavadores de informação”, surgiu de uma declaração do ex-presidente norte-americano Theodore Roosevelt, em 1906, que criticou jornalistas que lhe perguntavam sobre tópicos que não lhe interessavam no lugar de falar de seu programa de governo. Insatisfeito, Roosevelt os comparou a um personagem do romance *O peregrino*, de John Bunyan, que estava fixado demais no estrume no chão e no ancinho que usava para limpar a sujeira do que em qualquer outra coisa³. Com isso, nos anos seguintes, o apelido logo se tornou uma forma de distinção para se referir a repórteres meticolosos e interessados em ir fundo na revelação de mazelas e injustiças (NASCIMENTO, 2007, p. 46).

¹ A guerra hispano-americana, que durou três meses em 1898, entre Espanha e EUA, foi muito polemizada e até ficcionalizada pelo jornalismo nova-iorquino (SCHUDSON, 2010).

² Do inglês, *muck* quer dizer sujeira, estrume, porcaria. O substantivo *rake* se refere a um ancinho, ferramenta usada em áreas agrícolas para arrastar estrume no chão da roça. Já o verbo *to muck* dizer remexer, limpar, esquadrihar. Em tradução literal, o *muck-rake* é o “ancinho de estrume” e a atividade do *muck-raking* seria o “remexer de sujeira” ou “esquadrihar de estrume”.

³ Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1985/04/10/us/muchraker-2-meanings.html>> Acesso em: 05 ago. 2021.

O “muckraking”, contudo, se enfraqueceu a partir dos anos 1910, com o surgimento do profissional de relações públicas. Um marco desse processo foi quando o pioneiro da assessoria de imprensa Ivy Lee⁴ começou a trabalhar para a companhia ferroviária Pennsylvania Railroad e, após um acidente em uma linha, no lugar de tentar abafar as notícias como era tradicionalmente feito, chamou os repórteres ao local à custa da empresa para evitar uma cobertura desfavorável. Segundo Schudson (2010, p. 158), “esse foi o começo de uma nova relação entre as estradas de ferro, então as maiores e mais poderosas corporações do país, e a imprensa e o público leitor”. Nos anos seguintes, os assessores de imprensa e relações públicas tiveram, eles mesmos, sua era de ouro, ao reduzir significativamente as denúncias e exposições publicadas contra seus assessorados.

A própria imprensa foi responsável pelo aumento da publicidade, ou propaganda (...). Nelson Crawford, em seu bem-considerado texto *The Ethics of Journalism*, de 1924, sustentava que a imprecisão dos jornais e o hábito dos repórteres de dar mais espaço àqueles que lhes forneciam ‘cópias datilografadas de declarações, entrevistas pré-produzidas e material similar’ encorajava o emprego das relações públicas por particulares e organizações. (...) Repórteres reflexivos não gostavam de contar com os agentes de publicidade, mas a facilidade com que os agentes eram capazes de usar os jornais para os seus próprios propósitos surpreendiam até mesmo os próprios agentes (SCHUDSON, 2010, p. 161-162).

Após a I Guerra Mundial (1914-1918), as assessorias governamentais também se proliferaram (SCHUDSON, 2010, p. 163). Somou-se a isso o sucesso da propaganda de guerra e o modo com que Estados passaram a usar os emergentes meios de comunicação de massas para impor seus interesses. Foi um momento de “declínio dos fatos” (SCHUDSON, 2010): a popularidade dos estudos de Freud, Gustave Le Bon e Walter Lippmann erodiu a confiança na democracia por conta da descoberta da “irracionalidade” do público, que poderia ser facilmente manipulado por meio da propaganda, extensamente utilizada pelas ameaças autoritárias e nazifascistas que surgiram em diversos países ao longo dos anos 20 e 30.

⁴ Ivy Lee (1877-1934) foi um jornalista norte-americano, tido como o pioneiro das Relações Públicas modernas e inventor do *press release*. Seu trabalho foi tão popular que grandes empresas, assessorias pessoais de bilionários e até Adolf Hitler contrataram sua assessoria para influenciar a opinião pública. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Ivy-Ledbetter-Lee>> Acesso em: 01 nov. 2021.

O cenário desfavorável às investigações jornalísticas permaneceu depois da II Guerra Mundial (1939-1945), com a instrumentalização do jornalismo para esses fins propagandísticos. Um exemplo foi o extenso uso de agências de notícias para distribuir informações de interesse norte-americano, inclusive a países como o Brasil (MENDEZ, 2006, p. 51). Após a queda do nazifascismo, o início da Guerra Fria⁵ entre norte-americanos e soviéticos deu sequência à tendência, com o surgimento de uma espécie de “estado de segurança nacional” nos EUA, no qual houve uma união institucional entre o governo e a sociedade civil, que incluiu a iniciativa privada e a imprensa, no combate a inimigos internos e externos, taxados de comunistas, sobretudo nos anos 50 (SCHUDSON, 2010, p.197).

(...) no exato momento em que o público e a imprensa tinham cada vez mais razões para se interessarem pela política externa, as novas instituições de segurança nacional frustravam os esforços para compreendê-la. O governo norte-americano, há muito reconhecido por sua abertura em comparação aos governos da Europa, deslocou o controle da política externa para as agências mais afastadas da observação pública. Havia um acordo, no bom sentido do termo. A imprensa, como o Congresso, simpatizava com a ideologia da Guerra Fria e raramente questionava os pressupostos de uma doutrina de segurança nacional. Mas, novamente, assim como o Congresso, a imprensa queria entrar no jogo e não estava contente em permanecer à margem do poder (SCHUDSON, 2010, p. 198).

Na década seguinte, com o alvorecer de uma cultura crítica ao establishment e às autoridades nos anos 60, o cenário trouxe “um jornalismo mais agressivo e mais cético” (SCHUDSON, 2010, p. 191). O choque entre a nova tendência cultural e a “administração da notícia” promovida por governos durante a Guerra Fria criou um terreno fértil para a consolidação do Jornalismo Investigativo. Em 1964, o prêmio Pulitzer⁶, um dos mais prestigiados dos EUA, alterou o nome de uma de suas categorias de “reportagem local”, que existia desde 1953, para “reportagem especial investigativa local”, o que “marcou um reconhecimento formal pela imprensa escrita de uma nova era do jornalismo nos Estados Unidos” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p.

⁵ A Guerra Fria (1947-1991) foi um conflito geopolítico entre Estados Unidos e União Soviética que nunca chegou às vias de fato entre os dois países, mas que causou uma disputa ideológica, principalmente no âmbito da propaganda, da economia e da política externa. Disponível em: <<https://www.britannica.com/event/Cold-War>> Acesso em: 01 nov. 2021.

⁶ Premiação criada em 1917, após a morte do jornalista e imigrante húngaro Joseph Pulitzer, que doou milhares de dólares à Universidade de Columbia, em Nova Iorque, com o objetivo de criar uma escola de jornalismo. A categoria “reportagem especial investigativa local” existiu até 1985, quando foi rebatizada para “reportagem investigativa”. Disponível em: <<https://www.pulitzer.org/page/history-pulitzer-prizes>> Acesso em: 01 nov. 2021.

169). A ideia era dar mais ênfase ao papel ativo, reformista e denunciador da imprensa e representou um aval do establishment midiático a um movimento jornalístico renovador, crítico à objetividade asséptica que reinava nas redações, e semelhante ao da era dos “muckrackers”, que começava a se proliferar na imprensa norte-americana e estava concentrado em combater a hipocrisia e a corrupção do governo (SCHUDSON, 2010, p. 210-211).

Com isso, ruiu de vez o consenso nacional do pós-II Guerra que blindou a atuação governamental de um escrutínio público mais incisivo por parte dos jornais, cada vez mais cansados das mentiras e censuras oficiais⁷ (SCHUDSON, 2010, p. 200-201). Até o final da década, veículos como o *Newsday*, o *Boston Globe*, a *Associated Press* e o *Chicago Tribune* criaram equipes dedicadas exclusivamente ao Jornalismo Investigativo em suas redações e até um fundo privado dedicado ao financiamento de repórteres investigativos freelancers foi instituído (SCHUDSON, 2010, p. 221-222). Se antes reportagens investigativas eram apenas empreendimentos esporádicos, a partir desse momento, o Jornalismo Investigativo é institucionalizado, com repórteres dedicados à prática e investimentos, mesmo que precários, por parte das organizações jornalísticas, inclusive para além da mídia impressa.

Nesse processo, também surgiu uma espécie de dicotomia entre a investigação e um jornalismo “convencional”, pautado pelo equilíbrio (com o ideal de ouvir todos os lados de uma matéria lhes dando pesos proporcionais) e por uma objetividade quase declaratória, que evita interpretar os fatos e se limita a assinalar acontecimentos. Conforme Schudson (2010, p. 220), “a tradição investigativa distingue sua agressividade da passividade da reportagem objetiva”. Por esses motivos, quando o jornal *The Washington Post* publicou as reportagens baseadas nos *Pentagon Papers*⁸ em 1971, que revelaram documentos ultrassecretos vazados do Departamento

⁷ Conforme Schudson (2010), além de assessores de imprensa do Pentágono publicamente defenderem o direito do governo de mentir à imprensa por motivos de segurança nacional, houve casos de censura. Como exemplo, o pesquisador cita reportagens sobre o treinamento de exilados cubanos em Miami que preparavam a invasão à Baía dos Porcos, com apoio dos EUA. A pedido do governo, o material não foi publicado.

⁸ Os *Pentagon Papers* foram um conjunto de relatórios secretos produzidos pelo Pentágono, o Ministério da Defesa norte-americano, com o objetivo de documentar a história do envolvimento dos EUA no Vietnã. Os relatórios foram vazados para o *The New York Times* e o *The Washington Post* em 1971. As reportagens produzidas a partir dos documentos demonstraram que o governo norte-americano esteve mentindo ao público sobre a guerra desde o início da invasão dos EUA ao país, em 1964. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/outlook/2021/06/13/fifty-years-ago-pentagon-papers-shocked-america-they-still-matter-today/>> Acesso em: 01 nov. 2021.

de Defesa dos EUA sobre o Vietnã, muitos jornalistas as condenaram por serem interpretativas demais, no lugar de objetivas, e “qualificando-as de polêmica, não jornalismo – [porque] seus autores haviam deixado de lado o papel de observadores independentes engajados para se tornarem ativistas” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 179).

A partir do ano seguinte, entre 1972 e 1974, ocorreria o grande marco do Jornalismo Investigativo no mundo ocidental: o escândalo Watergate (NASCIMENTO, 2007, p. 43). Na série de reportagens, que também virou livro, e depois filme, os jornalistas Bob Woodward e Carl Bernstein, do *The Washington Post*, descobriram operações de espionagem promovidas pela campanha eleitoral do então presidente republicano Richard Nixon contra opositores. Com a orientação de uma fonte anônima de dentro do FBI, com conhecimento direto do caso, as reportagens resultaram na renúncia e o caso político de Nixon, em 1974. O sucesso do Watergate foi tanto que preocupou jornalistas investigativos a ponto de estes criarem, no ano seguinte, a *Investigative Reporters and Editors* (IRE), organização inicialmente dedicada a proteger a investigação jornalística de oportunistas e modismos, confirmando que, naquele momento, o Jornalismo Investigativo se consolidava também como uma identidade profissional a ser defendida (SCHUDSON, 2010, p. 222).

As reportagens de Watergate coroaram, em vez de inaugurar, a onda do Jornalismo Investigativo, mas fizeram isso de modo tão impressionante que Watergate pode se tornar um símbolo de importância permanente para a atividade do jornal. O fato de que as reportagens de Woodward e Bernstein, seu livro sobre a investigação de Watergate e o filme referente ao livro terem glamourizado a 'reportagem investigativa' além de todos os limites, e terem se mostrado um fator de atração, para um crescente número de jovens, às escolas de jornalismo, representa um fenômeno (...) [Watergate] empresta à colcha de retalhos das mudanças institucionais provisórias que conduzem a um distanciamento das convenções da objetividade uma identidade cultural de força considerável. Nunca antes existiu um símbolo nacional de reportagem investigativa com conteúdo e alcance – e efeito – comparáveis, mesmo remotamente (SCHUDSON, 2010, p. 223).

Apesar da institucionalização do Jornalismo Investigativo ao longo dos anos 60 e do sucesso das grandes reportagens investigativas dos anos 70, essa cultura adversária e crítica (SCHUDSON, 2010) que surgiu nos EUA não pôde, ao contrário das tendências de décadas anteriores, alcançar a imprensa brasileira – afinal, em 1964, enquanto o Pulitzer reconhecia oficialmente o gênero investigativo, o Brasil

sofria um golpe de estado, fortalecido pelas forças políticas intervencionistas que esses mesmos jornalistas investigativos norte-americanos passariam os próximos anos combatendo em sua terra natal, mas com foco no Vietnã e na América Central.

2.2 O JORNALISMO INVESTIGATIVO NO BRASIL

A partir dos anos 50, surge no Brasil uma mentalidade empresarial influenciada por ideais norte-americanos importados e impulsionada pela expansão do capitalismo na América Latina. Com a abertura econômica, o desenvolvimento industrial e o crescimento da urbanização no país, uma vida social modernizada exigia o mesmo dos jornais. Ainda com cacotes da imprensa francesa – como o nariz-de-cera⁹ no texto, a verve literária e a atitude panfletária –, os periódicos brasileiros se renovaram por meio de técnicas trazidas dos Estados Unidos. Foram inovações editoriais e gráficas, que iam desde o uso do lide até o copidesque e o manual de redação, a maioria implementada entre os anos 50 e 60 (MENDEZ, 2006; ABRAMO, 1988; CONTI, 1999).

São exemplos desse processo a reforma editorial promovida por Pompeu de Sousa no Diário Carioca (MENDEZ, 2006); a criação da Rede Globo, viabilizada por uma parceria entre o jornal brasileiro e o conglomerado norte-americano Time-Life¹⁰, que viabilizou à emissora um padrão técnico e administrativo sem páreo para a concorrência nacional no setor televisivo; as reformas editoriais promovidas por Claudio Abramo no jornal O Estado de S. Paulo (ABRAMO, 1988) e a criação das revistas Exame e Veja, respectivamente, com inspiração direta nas norte-americanas *Fortune* e *Time* (CONTI, 1999).

A influência estadunidense, entretanto, não se limitou à modernização da imprensa ou à expansão capitalista. Traduziu-se também em outro movimento que,

⁹ Segundo o Manual de Redação de 1996 da Folha, disponível online, o nariz-de-cera é um “parágrafo introdutório que retarda a entrada no assunto específico do texto. É sinal de prolixidade incompatível com jornalismo”. O verbete recomenda: “na Folha, evite [o nariz-de-cera] em qualquer tipo de texto e nunca deixe passar em texto noticioso”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/foalha/circulo/manual_edicao_n.htm> Acesso em: 01 nov. 2021.

¹⁰ Na época, a Time-Life (holding de posse da Time Inc., *publisher* das revistas Time e Life) tinha uma divisão de produção e distribuição em televisão em parceria com o canal norte-americano CBS. O fundador e editor-chefe do grupo, Henry Luce, morto em 1967, era um ardente anticomunista filiado ao partido republicano. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-helena-time-life-sopcom.pdf>> Acesso em: 25 jul. 2021.

turbinado por um furor anticomunista, freou parte desse progresso, ao menos no quesito jornalístico: a ditadura civil-militar, implantada pelo golpe de 1964, que teve o apoio entusiasmado de alguns dos principais veículos de imprensa. Com isso, a censura e a manipulação impostas pelos militares se tornaram empecilhos à independência e à liberdade necessárias para que mais tendências norte-americanas, como a institucionalização do Jornalismo Investigativo, prosperassem.

Durante todo o tempo em que estive na Folha – de 1965 a 1977 (...) – trabalhei sob a ditadura. A ditadura jogava bruto, censurava o jornal, sonegava notícias, mentia, manipulava índices de custo de vida (...). Houve um período em que não se podia acreditar em nada do que se saía impresso; era publicado nos jornais que um guerrilheiro tinha morrido atropelado, quando na verdade tinha morrido numa cela, sob as torturas mais bárbaras (ABRAMO, 1988, p. 120)

Com o recrudescimento da ditadura civil-militar, foi promulgada em 1967 a Lei de Imprensa, destinada a “regular a liberdade de manifestação do pensamento e de informação”¹¹. O dispositivo trazia penas de prisão específicas para jornalistas que violassem a segurança nacional, incluindo artigos frontalmente contrários ao Jornalismo Investigativo, como a previsão de prisão a quem revelasse informações de interesse do Estado ou caluniasse autoridades como o presidente e ministros, sem direito à exceção da verdade.

Art. 20. Caluniar alguém, imputando-lhe falsamente fato definido como crime: (...) § 3º Não se admite a prova da verdade contra o Presidente da República, o Presidente do Senado Federal, o Presidente da Câmara dos Deputados, os Ministros do Supremo Tribunal Federal, Chefes de Estado ou de Governo estrangeiro, ou seus representantes diplomáticos (BRASIL, 1967).

Ainda assim, a repressão não impediu que reportagens investigativas pontuais fossem publicadas, com a revelação de informações que a ditadura civil-militar tentava esconder, relativas a violações de direitos humanos, corrupção e atividades clandestinas. Em 1972, por exemplo, o Estado de S. Paulo driblou a censura ao publicar uma reportagem que revelava operações de militares brasileiros no combate à

¹¹ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5250.htm> Acesso em: 14 ago. 2021.

guerrilha do Araguaia¹². Anos depois, em 1979, o repórter Antonio Carlos Fon publicou na revista *Veja* as matérias “descendo aos porões” e “um poder na sombra”, que detalharam como o aparelho repressivo dos militares usou sistematicamente da tortura contra pessoas consideradas “subversivas” pelo regime¹³.

Conforme Melo (2016), o primeiro uso da expressão “Jornalismo Investigativo” na literatura nacional também surge em plena ditadura: no livro *O papel do Jornal*, de Alberto Dines, publicado em 1974, após o jornalista retornar de um período nos Estados Unidos. Segundo a autora, Dines atribui ao gênero investigativo a ideia de uma “fórmula antiga” ligada a jornais combativos, com maior peso ao engajamento do repórter que à objetividade. Melo conclui que Dines, apesar de não apresentar nenhuma definição exata, relaciona o Jornalismo Investigativo ao jornalismo interpretativo ao dizer que “ao inquirir as causas e as origens dos fatos, [o Jornalismo Investigativo] busca também a ligação entre eles [os fatos] e oferece a explicação de sua ocorrência” (DINES apud MELO, 2016, p. 178).

Apesar desses exemplos, o Jornalismo Investigativo teve de esperar a redemocratização do país para começar a florescer no Brasil, a partir de 1985. Segundo o pesquisador Silvio Waisbord (apud NASCIMENTO, 2010, p. 43), “a ascensão do Jornalismo Investigativo na América Latina é inseparável de um clima de busca pela verdade sobre os abusos e assassinatos cometidos pelas ditaduras militares”. Esse clima permitiu, por exemplo, ao jornalista Caco Barcellos revelar em 1990 a existência da vala de Perus, uma vala clandestina com mais de 1.000 ossadas humanas, entre estas, a de militantes políticos, ocultadas por milícias, policiais e militares ao longo do período da ditadura civil-militar¹⁴. Barcellos publicou também, em 1992, o livro-reportagem *Rota 66: a história da polícia que mata*¹⁵, em que desvelou inúmeros assassinatos cometidos pela Polícia Militar paulista durante

¹² A guerrilha do Araguaia foi um movimento comunista de resistência à ditadura civil-militar. O grupo planejava fomentar uma revolução armada de inspiração maoísta no país. A maioria desses combatentes acabou executada ou morta pelos militares. Disponível em: <<https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2012-09-24/primeiro-registro-sobre-guerrilha-do-araguaia-na-imprensa-faz-40-anos>> Acesso em: 08 ago. 2021.

¹³ Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R2342-1.pdf>> Acesso em: 08 ago. 2021.

¹⁴ Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/vala-de-perus-o-ossario-clandestino-da-ditadura-militar.phtml>> Acesso em: 08 ago. 2021.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.meucatalogodelivros.com.br/rota-66-resenha-2/>> Acesso em: 01 nov. 2021.

a ditadura, em que policiais matavam inocentes e depois forjavam cenas do crime que justificassem as mortes perante a Justiça e a opinião pública.

Fora a revelação dos abusos contra direitos humanos do período, parte dessa dedicação de jornalistas brasileiros a partir da redemocratização também se focou na fiscalização do poder público, inspirados por um clima de moralização da administração pública, que à época ainda conservava a estrutura burocrática do regime militar. Esse sentimento promoveu nacionalmente a imagem do político alagoano Fernando Collor, que em 1989 foi eleito presidente sob o epíteto de “caçador de marajás”, por conta de suas promessas de acabar com os privilégios de servidores públicos (CONTI, 1999).

Eleito em 1989 (...) já nos primeiros meses de seu governo, algumas reportagens começaram a questionar a legalidade e moralidade de suas relações com empreiteiras e com agências de publicidade que haviam trabalhado para ele na campanha eleitoral, mas o primeiro grande golpe apareceu na matéria de capa da revista Veja do dia 27 de maio de 1992 (...) O título ‘Pedro Collor conta tudo’ e uma foto do irmão do presidente chamavam o leitor para a entrevista na qual Fernando Collor de Mello era acusado de envolvimento com corrupção e drogas. Para o estudioso Bernardo Kucinski, começava aí o primeiro caso importante de ‘ruptura no padrão complacente’ da imprensa brasileira” (NASCIMENTO, 2007, p. 52).

Após a eleição, a imprensa brasileira começou a investigar a fundo o passado do novo presidente – e encontrou um “Watergate” para chamar de seu. Denúncias publicadas pelas revistas IstoÉ e Veja revelariam um grande esquema de tráfico de influência capitaneado por PC Farias, ex-tesoureiro de campanha do presidente e seu suposto testa-de-ferro para evasão de divisas e recebimento de propina. O escândalo político levou, assim como no caso norte-americano de Richard Nixon, à renúncia de Fernando Collor. Segundo Nascimento, o impacto do “Collorgate” foi semelhante ao do Watergate nos EUA. Trouxe atenção e prestígio à profissão e introduziu uma geração inteira de jornalistas jovens à reportagem investigativa (NASCIMENTO, 2007, p. 53). Nos anos seguintes, o Jornalismo Investigativo “como tendência” no Brasil se focaria na fiscalização do poder público “principalmente para irregularidades relacionadas a autoridades ou funcionários de governos” (NASCIMENTO, 2007, p. 54), como parlamentares e ministros, e na exposição de violações de direitos humanos cometidas pelas polícias.

O marco seguinte para o Jornalismo Investigativo brasileiro foi o brutal assassinato do repórter investigativo Tim Lopes, da TV Globo, em 2002¹⁶. O trauma dessa morte mobilizou jornalistas a discutirem os riscos à segurança de comunicadores e os desafios à liberdade de imprensa no país e também a criarem uma espécie de fórum dedicada à qualificação da profissão. Com isso, em dezembro do mesmo ano, a partir de uma mobilização capitaneada pelo jornalista Marcelo Beraba, foi fundada a Abraji, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, com o objetivo principal de promover o “aprimoramento profissional dos jornalistas e a difusão dos conceitos e técnicas da reportagem investigativa”¹⁷.

Ainda assim, apesar da fundação da Abraji, os anos 2000 foram terríveis para o Jornalismo Investigativo brasileiro, conforme os estudos de Solano Nascimento (2007; 2010; 2014). Segundo o pesquisador, que analisou as reportagens publicadas nas revistas *Época*, *Veja* e *IstoÉ* a cada ano de eleição, entre 1989 e 2014, houve um virtual “desaparecimento do Jornalismo Investigativo” no Brasil (NASCIMENTO, 2014, p. 10) por conta da ascensão do jornalismo sobre investigações, conceito baseado em Kovach e Rosenstiel (2003), que será melhor desenvolvido no próximo subcapítulo. Em resumo, segundo os pesquisadores norte-americanos, enquanto a reportagem investigativa envolve “os próprios repórteres na descoberta e documentação de atividades até então desconhecidas do público” (KOVACH; ROSENSTIEL; 2003, p. 176) e “uma busca obstinada dos fatos para reunir informações em um novo e mais completo contexto” (KOVACH; ROSENSTIEL; 2003, p. 178), a reportagem sobre investigações “se origina da descoberta ou do vazamento de informações de uma investigação oficial em andamento ou em processo de preparação por outras fontes, geralmente agências governamentais” (KOVACH, ROSENSTIEL, 2003, p. 180).

Tabela 1 – Evolução do jornalismo sobre investigações no Brasil (1989-2014)

| Ano | Reportagens investigativas | Reportagens sobre investigações |
|-----|----------------------------|---------------------------------|
|-----|----------------------------|---------------------------------|

¹⁶ Em junho de 2002, durante uma cobertura na favela da Vila Cruzeiro, no Rio de Janeiro, Tim Lopes foi identificado por traficantes e detido, a mando do líder do Comando Vermelho Elias Maluco (1966-2020). Em seguida, Lopes foi brutalmente torturado e morto.

¹⁷ Disponível em: <<https://www.abraji.org.br/institucional/#sobre-a-abraji>> Acesso em: 08 ago. 2021.

| | | |
|------|----------|----------|
| 1989 | 6 (75%) | 2 (25%) |
| 1994 | 9 (75%) | 3 (25%) |
| 1998 | 4 (45%) | 5 (55%) |
| 2002 | 13 (34%) | 25 (66%) |
| 2006 | 10 (30%) | 23 (70%) |
| 2010 | 10 (29%) | 24 (71%) |
| 2014 | 4 (12%) | 29 (88%) |

Tabela atualizada e editada conforme as análises de Solano Nascimento publicadas em 2014.
Fonte: Nascimento (2014)

O que o pesquisador brasileiro identificou em seu estudo é que a quantidade de reportagens sobre investigações aumentou enquanto as investigativas minguavam, dos anos 1989 até 2014 – e deu ao processo, ilustrado na tabela 1, o nome de “o fenômeno do jornalismo sobre investigações no Brasil” a ponto de comparar jornalistas a escribas que apenas transcrevem os conteúdos de investigações oficiais sem nenhuma apuração adicional relevante (NASCIMENTO, 2010). Conforme o pesquisador (2007), entre outros motivos, a redemocratização propiciou uma melhora nos aparelhos fiscalizatórios de órgãos públicos brasileiros, cujas investigações oficiais que visam políticos, governos ou agentes de Estado passaram a ser largamente utilizadas pela imprensa. O que se viu no período foi um alinhamento entre a agenda da imprensa e de alguns desses aparelhos de fiscalização, sobretudo o Ministério Público, cujos promotores foram alçados à condição de “super-fontes” porque “na prática, os integrantes do Ministério Público podem agir com a independência que teoricamente os jornalistas possuem e com o poder de investigação que os policiais têm” (NASCIMENTO, 2010, p. 83).

(...) o histórico das relações recentes da imprensa com as fontes deixa claro que está na ligação com o Ministério Público o início do processo de publicação, em grande número, de informações com origem em investigações oficiais. Foi a relação entre jornalistas e procuradores da República que geraram o fenômeno do jornalismo sobre investigações (NASCIMENTO, 2010, p. 87).

Nesse contexto, se por um lado as grandes revistas e jornais abandonavam a reportagem investigativa pela sobre investigações, a internet e novas regulações propiciaram o florescimento de uma nova mídia independente no país. Conforme Kovach e Rosenstiel (2003, p. 196), no início do século XXI havia a expectativa de

que as novas possibilidades promovidas pela internet e pelo desenvolvimento tecnológico poderiam renovar a cobertura jornalística focada na vigilância do poder. No caso brasileiro, na esteira desse processo, a promulgação da Lei de Acesso à Informação (Lei 12.627/2011, ou LAI)¹⁸ em 2011 representou um importante avanço para a transparência no país ao assegurar o acesso a quaisquer informações produzidas ou armazenadas por órgãos governamentais, regulando o direito à informação pública para os cidadãos por meio de dados digitalizados acessíveis via internet.

Em dez anos de vigência, a LAI se consolidou como um importante dispositivo usado por jornalistas investigativos “para obtenção de dados e documentos mantidos sob a guarda do Estado” (GONÇALVES, 2019, p. 155). Na mesma década da promulgação da LAI, veículos digitais independentes dedicados ao Jornalismo Investigativo, como a agência Pública¹⁹ começaram a surgir em maior quantidade no país, incentivados por fundos filantrópicos destinados ao apoio do Jornalismo Investigativo, seja por meio de bolsas ou do aporte financeiro direto a projetos editoriais, fenômeno que nos EUA já ocorria desde os anos 90 (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 194). Além disso, essas iniciativas começaram a pedir contribuições diretas dos leitores, de modo a se desprender da dependência que o jornalismo costuma ter da publicidade de grandes empresas, como nos meios de comunicação tradicionais, cada vez mais oligopolizados e amparados por operações financeiras de suas matrizes e chefiados em última instância por executivos no lugar de jornalistas. Conforme Kovach e Rosenstiel, por esse motivo, a mídia independente assume protagonismo na vigilância do poder e na investigação jornalística.

Os centros de jornalismo independente mostram como a nova tecnologia pode reorganizar a forma de produzir e distribuir a informação. Pelo menos potencialmente, isso oferece um desafio à organização tradicional das notícias e dá a entender que se a velha imprensa abandonar de vez o papel de guardião, outros grupos podem assumir essa responsabilidade. Até mesmo um hacker solitário fuçando as bases de dados e salas de bate-papo tem agora a habilidade de dar forma ou até mesmo ditar o fluxo de notícias (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 196).

¹⁸Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm> Acesso em: 11 ago. 2021.

¹⁹Fundada em 2011, com apoio financeiro de leitores, ONGs internacionais e organizações brasileiras. Disponível em: <<https://apublica.org/quem-somos/>> Acesso em: 11 ago. 2021

Nesse sentido, a tendência da mídia independente é assumir o papel de vigiância do poder deixado de lado pela imprensa tradicional oligopolista, sobretudo em um cenário nacional de escassez de Jornalismo Investigativo (NASCIMENTO, 2014). Conforme Kovach e Rosenstiel, que usam um exemplo norte-americano dos anos 90, “esses novos conglomerados, como General Eletric, AOL-Time Warner Inc. subordinaram o jornalismo a outros interesses maiores dentro de suas enormes culturas corporativas” (2003, p. 192). No Brasil, por exemplo, o jornalismo da Folha de São Paulo é mantido pela Pag Seguro e o da Infoglobo, pela Globopar²⁰. Na sequência desse processo que permitiu o florescer de uma mídia independente, digital e investigativa que se contrapõe à mídia tradicional, como veremos mais adiante, surge o Intercept Brasil, em 2016.

2.3 DEFINIÇÕES DE JORNALISMO INVESTIGATIVO

Se um pesquisador for até uma roda de jornalistas e perguntar “o que é Jornalismo Investigativo?”, ouvirá respostas diversas e conflitantes²¹. Mesmo na bibliografia não há um consenso claro, e diferentes autores trazem diferentes conceitos. Segundo as revisões bibliográficas de Melo (2014; 2015) sobre as definições de Jornalismo Investigativo, contudo, é possível resumir essa variedade de conceituações em três categorias. A primeira que cito alude à ideia de que o Jornalismo Investigativo torna público o que está secreto ou despercebido.

O jornalismo investigativo é aquele que desvenda ou revela o oculto/a verdade escondida. Nas definições que podem ser classificadas nesse eixo, encontram-se todas aquelas que enfatizam a natureza da informação (escondida, de difícil acesso, etc.) apurada pelo jornalista. E também que enfatizam o papel ativo do jornalista no sentido de revelar a informação oculta ou das técnicas diferenciadas para obtê-la. Aqui também fica subentendido o componente de informação “exclusiva” que as reportagens investigativas reivindicam (MELO, 2015, p. 49).

²⁰ O diagnóstico é de 2019, por Caio Alzugaray, herdeiro da editora Três, publisher da revista IstoÉ. Alzugaray cita que a editora Abril, por exemplo, faliu e foi vendida para um banco de investimentos. Disponível em: <<https://www.portaldosjornalistas.com.br/caco-alzugaray-fala-sobre-a-criese-na-editora-tres/>> Acesso em: 11 ago. 2021.

²¹ A Abraji perguntou por definições de Jornalismo Investigativo para seus associados e seguidores, mas diversas definições inexatas e contraditórias entre si surgiram. Disponível em: <<https://abraji.org.br/noticias/jornalismo-investigativo-definicoes-de-associados-e-seguidores>> Acesso em: 14 ago. 2021.

Este sentido está relacionado às bases da tradição do “muckraking” e do Jornalismo Investigativo dos anos 60 e 70. A ideia de um repórter aventureiro que remexe a “sujeira” detidamente em busca de informações ocultas, e então descobre segredos ou mazelas e as revela ao mundo. Esse caráter do trabalho jornalístico está assentado na premissa de que a imprensa deve servir como um monitor independente do poder. Kovach e Rosenstiel (2003, p. 173) associam este papel à tarefa de um guardião que, para além de apenas fiscalizar governos, tem como meta monitorar as instituições poderosas de uma sociedade, como grandes grupos ou organizações, em uma relação antagonica com o poder estabelecido, e expor as irregularidades que forem identificadas.

Nesse contexto, a denúncia se liga à analogia do “watchdog”, ou cão de guarda, que “resguarda um terreno, e (...) ao identificar alguma anomalia, late” (MELO, 2016, p. 183). Um sentido de vigilância e monitoramento que se justifica pela defesa do interesse público diante de eventuais irregularidades. Com isso, a exposição do que está escondido ou despercebido só se justifica eticamente porque os leitores ou a sociedade tem algo a ganhar em termos coletivos a partir do escrutínio público daquele assunto, motivado pela denúncia jornalística, com a revelação de algum tipo de mazela que exija correção por parte da sociedade. Conforme Dalmonte e Queiroz (2020), “o argumento básico na construção do debate da ética jornalística passa pelo argumento do atendimento ao interesse público, algo que reverbera princípios de vigilância”.

Sartor (2016) segue nessa linha ao definir a vigilância como uma das noções constituintes da ideia de “interesse público” no jornalismo, especificamente inserida em uma tradição discursiva de viés iluminista e democrático, que remete às origens da profissão ainda no século XVIII. Ao definir o sentido nuclear desse conceito, a partir do discurso dos próprios jornalistas, o pesquisador atribui ao Jornalismo Investigativo e à reportagem aprofundada papéis essenciais à satisfação do interesse público enquanto fim do próprio jornalismo em termos gerais, justamente pelas funções de esclarecimento e vigilância contidas nesses gêneros. Nesse sentido, associada a uma postura crítica, a vigilância investigativa cultiva importantes valores que reverberam na atividade jornalística como um todo.

Só que, para isso, é importante o papel ativo e independente do repórter, que deve manter esse interesse público como o norte imprescindível e inexecutável de sua cobertura. Isso exige cuidado para que interesses privados ou institucionais não desviem o repórter da fiscalização proativa do poder político, do Estado e das grandes corporações. Essa postura combativa, engajada e vigilante é necessária porque, frequentemente, informações contraditórias, falsas ou enganadoras são dadas a jornalistas investigativos, a ponto de o repórter ter de reunir dados que desafiem as versões oficiais e que sejam passíveis de comprovação de maneira independente (HUNTER, 2013, p. 9).

Esse caráter proativo do repórter é reforçado por diversas definições que seguem a tradição de um manual de reportagem publicado em 1983, pela Investigative Reporters and Editors²², que listou pré-requisitos para uma reportagem ser considerada investigativa, e o primeiro deles afirma que o material “deve ser trabalho do repórter, não uma reportagem sobre uma investigação feita por outra pessoa” (NASCIMENTO apud PROTESS et al, 2007, p. 23). Os outros dois pré-requisitos do manual reforçam que o tema da reportagem deve ser de relativa importância ao leitor e deve expor algo que esteja sendo escondido do público (NASCIMENTO, 2007). É nessa linha que Kovach e Rosenstiel (2003) traçam a diferença entre reportagens investigativas e sobre Investigações, mencionada no subcapítulo anterior. Conforme os autores, o JI também pode ser desdobrado em dois gêneros. O primeiro é a reportagem investigativa original, que incorpora os aspectos mais clássicos do “muckraking”.

Esse tipo de reportagem envolve os próprios repórteres na descoberta e documentação de atividades até então desconhecidas do público. É um tipo de reportagem que quase sempre acaba em investigações públicas oficiais sobre o assunto ou a atividade denunciada, um exemplo clássico da imprensa pressionando as instituições oficiais em nome do público (...) No moderno jornalismo investigativo original, o poder da análise do computador [jornalismo de dados] quase sempre substitui a observação pessoal do repórter (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 176-177).

²² A Investigative Reporters and Editors (IRE) é uma organização sem fins lucrativos. Fundada em 1975 nos EUA, dedica-se a aprimorar o Jornalismo Investigativo. Disponível em: <<https://www.ire.org/about-ire/>> Acesso em: 01 nov. 2021.

O segundo tipo de reportagem investigativa indicada pelos autores é a interpretativa, que requer qualidades semelhantes à da original, somada a uma grande capacidade de síntese e interpretação de documentos e contextos extensos, para se revelar algo sobre um assunto já conhecido pelo público, no lugar de expor uma denúncia em termos clássicos. O principal exemplo desse tipo de reportagem são os já mencionados *Pentagon Papers*, que, após um vazamento de documentos secretos proveniente do Departamento de Defesa dos EUA, permitiu a jornalistas que revelassem muitas das mentiras contadas pelo governo do país para justificar a Guerra do Vietnã perante o público norte-americano, como a de que o país estaria vencendo a disputa quando, na verdade, perdia múltiplas batalhas para a estratégia de guerrilha dos vietcongues.

A reportagem investigativa interpretativa surge como resultado de cuidadosa reflexão e análise de uma ideia, bem como uma busca obstinada dos fatos para reunir informação num novo e mais complexo contexto, o qual fornece ao público um melhor entendimento do que acontece. Normalmente envolve assuntos mais complexos ou um conjunto de fatos, mais do que numa denúncia clássica. Revela uma nova forma de olhar alguma coisa, bem como novas informações sobre o assunto (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 178-179).

Reportagens investigativas originais e interpretativas valorizam a participação ativa do repórter e sua capacidade de descobrir e analisar informações. Enquanto isso, o Jornalismo sobre Investigações trata basicamente das reportagens que, sem apuração significativa do repórter, usam investigações oficiais como fonte, geralmente vazadas de agências governamentais, muitas vezes por interesses corporativos. Segundo Kovach e Rosenstiel (2003, p. 181), “os investigadores do governo costumam cooperar de forma ativa com os repórteres por muitas razões: mudar dotações orçamentárias, influir sobre testemunhas potenciais ou formar opinião pública”. É um gênero em que a cobertura jornalística se volta às investigações dos outros. Mas, ainda assim, por conterem denúncias e gerarem escândalos, muitos jornalistas atribuem nuances investigativas a textos produzidos, por exemplo, a partir de denúncias ou inquéritos do Ministério Público.

Kovach e Rosenstiel (2003, p. 183) ressaltam que, no Jornalismo sobre Investigações, a probabilidade de jornalistas serem usados por suas fontes é alta,

com risco da imprensa se tornar um instrumento de organizações poderosas, no lugar de fiscalizá-las. Nessa linha, Melo (2015) identifica que a segunda categoria de definições geralmente dadas ao Jornalismo Investigativo não leva em consideração a apuração do repórter, se fruto de um trabalho ativo de reportagem ou de um vazamento de uma investigação oficial, mas as consequências e capacidade de indignação moral levantada por uma dada denúncia, com nuances que elegem vítimas e vilões para a história – sentido no qual, sem interesse público, pode degenerar em sensacionalismo.

2. O jornalismo investigativo é aquele que denuncia desvios e causa indignação moral. Aparentemente, este eixo e o anterior parecem semelhantes, mas possuem diferenças significativas. Nesse, não há necessidade de que a reportagem revele algo oculto, mas enfatiza-se que a reportagem investigativa faz uma denúncia. A indignação moral é fruto dessa denúncia de más condutas, bem como de uma construção narrativa que explore o vilão e a vítima (ETTEMA e GLASSER, 1988). As definições situadas nesse eixo tendem a enfatizar mais os resultados do jornalismo investigativo (MELO, 2015, p. 50).

Conforme o levantamento de Melo (2015), há ainda uma última categoria de definições geralmente atribuídas ao Jornalismo Investigativo, na qual se enquadram boa parte das definições anedóticas da profissão, como a famosa frase de Alberto Dines de que “todo jornalismo é investigativo, ou não é jornalismo. Donde se conclui que o que lemos, ouvimos e vemos na imprensa todos os dias não é jornalismo”²³.

3. O jornalismo investigativo é um pleonasmo/um rótulo (...) Com frequência Gabriel García Márquez é citado como um dos grandes jornalistas que defendem a indistinção entre jornalismo e jornalismo investigativo. Outros autores, como FORTES (2005) chamam mais atenção para o caráter de marca ou rótulo como definição dessa especialidade, sugerindo também que excluída essa distinção de nomeação, não existe outra diferença. (MELO, 2015, p. 1).

²³ Frase atribuída a Alberto Dines e reproduzida em seu obituário nos jornais. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/morre-o-jornalista-alberto-dines-em-sao-paulo.ghtml>> Acesso em: 23 jul. 2021.

De fato, Gabriel García Marquez considera que todo jornalismo, por definição, é investigativo²⁴. O escritor George Orwell, antes de Dines ou Márquez, também teria dito uma frase que ressoa essa ideia: “jornalismo é publicar algo que outra pessoa não quer ver publicado; todo o resto é relações públicas”²⁵. Esse tipo de definição que usa a investigação como o sinônimo de um ideal jornalístico é questionada por Nascimento (2007), que, como Dines, chega à conclusão de que, se isso for verdade, boa parte do que se vê na imprensa não é jornalismo. O pesquisador, contudo, discorda que boa parte da imprensa não faça jornalismo e distingue a apuração investigativa do jornalismo diário e convencional.

Neste trabalho, na esteira dessa perspectiva de Nascimento (2007, 2010), assumo a perspectiva de Hunter (2013, p. 9), que em seu manual de Jornalismo Investigativo desenvolve as diferenças entre o jornalismo convencional e o investigativo. Para além de uma questão de gênero jornalístico, há diferenças significativas na prática de trabalho, no âmbito da apuração, da relação com fontes e das consequências dessas matérias ao serem publicadas. Na cobertura diária, são necessários uma rapidez e um ritmo que não comportam a criticidade, a documentação e a interpretação exigidas para o aprofundamento investigativo. Com essa diferença, o jornalismo rotineiro é mais dependente de fontes e menos da capacidade proativa do repórter, o exato oposto que uma postura investigativa exige: e nem por isso deixa de cumprir sua função de informar o público. No próximo capítulo, tratarei da Vaza Jato, uma série jornalística que incorpora muitas das características definidas nesta seção como jornalismo investigativo interpretativo.

²⁴ Gabriel García Marquez escreveu essa opinião no artigo “A melhor profissão do mundo”, que discute o jornalismo. Disponível em: <<http://www.indexoncensorship.org/2014/04/best-job-world-gabriel-garcia-marquez-journalism/>> Acesso em: 23 jul. 2021.

²⁵ Frase comumente referenciada a Orwell, mas que teria sido dita por L. E. Edwardson, editor do Chicago Herald, e depois popularizada e atribuída a diferentes personalidades jornalísticas. Disponível em: <<https://quoteinvestigator.com/2013/01/20/news-suppress/#note-5274-1>> Acesso em: 28 nov. 2021.

3 A VAZA JATO

Neste capítulo, descrevo o que foi a Operação Lava Jato, seus desdobramentos para a política brasileira e sua cobertura pela imprensa. Em seguida, explico como a Folha de São Paulo se inseriu nesse processo. Por fim, apresento o Intercept Brasil e descrevo o que foi a Vaza Jato.

3.1 A OPERAÇÃO LAVA JATO

Em março de 2014, a Polícia Federal deflagrou a Operação Lava Jato, que recebeu este nome por ter como alvo um posto de gasolina brasiliense, lar de um pequeno complexo comercial que oferecia desde alimentação a serviços de lavanderia. O dono do espaço, o doleiro²⁶ Carlos Habib Chater, também usava o lugar como uma central de lavagem de dinheiro²⁷. Chater foi preso, juntamente com Alberto Yossef, que também atuava no ramo. A ideia inicial era desarticular quatro pequenas organizações criminosas que teriam a participação de doleiros, agentes públicos e empresários, mas as investigações logo apontaram para irregularidades na Petrobrás, a estatal brasileira de petróleo e uma das líderes globais do ramo.

A partir daí, o MPF designou uma equipe maior para trabalhar nos desdobramentos da Operação a partir de Curitiba, por conta da origem paranaense de uma das empresas inicialmente investigadas. O procurador federal indicado para a coordenação da força-tarefa foi Deltan Dallagnol e, por conta da complexidade dos esquemas que envolviam a Petrobrás, novas frentes de investigação foram abertas em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. O objetivo era desmantelar um esquema bilionário em que empreiteiras formaram um cartel no qual combinavam um rodízio por contratos de obras da Petrobrás, previamente acertados com altos funcionários da estatal, pagos com propina. Segundo Dallagnol, os valores em desvios de verbas públicas passavam a casa dos R\$ 20 bilhões²⁸.

No ano seguinte, a partir de março de 2015, os desdobramentos da operação chegaram a agentes políticos, afinal, muitos dos altos funcionários da Petrobrás que

²⁶ Doleiros são agentes financeiros irregulares que facilitam a lavagem de dinheiro e a evasão de divisas por meio da conversão ilegal de reais em dólares.

²⁷ Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,o-negocio-que-deu-nome-a-operacao-lava-jato-imp-,1604156>> Acesso em: 17 ago. 2021.

²⁸ Disponível em: <<https://memoria.ebc.com.br/noticias/2015/10/propinas-investigadas-pela-lava-jato-chegam-r-10-bilhoes-diz-procurador>> Acesso em: 05 set. 2021.

operavam o esquema eram indicados pelo governo. Alguns dos principais investigados, como os ex-diretores da estatal Paulo Roberto Costa, Renato Duque e Nestor Cerveró, por exemplo, tinham sido indicados, respectivamente, por PP, PT e MDB. Com isso, o MPF seguiu a linha de que esses grupos políticos agiram em associação criminosa e passaram a identificar diferentes maneiras nas quais diversos partidos e parlamentares se beneficiavam do esquema com as empreiteiras²⁹.

Segundo Singer (2018, p. 236), a Lava Jato seguiu na esteira de outros escândalos políticos, como o Mensalão³⁰ e o Caso Banestado³¹, mas teve repercussões muito maiores por conta do fortalecimento dos aparatos fiscalizatórios públicos brasileiros realizados nos governos Lula e Dilma, que permitiram aos procuradores a estrutura necessária para desmantelarem um esquema de corrupção bilionário, incluindo a prisão de grandes empresários e políticos. Além disso, os procuradores contaram com uma aliada muito importante: a imprensa, não só pelo interesse público envolvido, mas também pela atenção que escândalos recebem. Conforme Singer (2018, p. 232-233), a Lava Jato aliou-se a setores da mídia que, em troca do apoio explícito à Operação, ganharam material jornalístico para alimentar o noticiário por, ao menos, quatro anos.

Investigado pelo MPF curitibano, os casos da Operação Lava Jato, em primeira instância, caíram nas mãos do juiz federal Sergio Moro, especializado em crimes financeiros, que já havia trabalhado como juiz no caso Banestado e como auxiliar da ministra Rosa Weber, do STF, no caso do Mensalão. Conforme Singer (2018, p. 234), sob inspiração da operação anticorrupção italiana Mãos Limpas³², Moro tentou aplicar no Brasil algumas das técnicas que permitiram o sucesso da operação na Itália, como mecanismos jurídicos que focavam na prisão antecipada de suspeitos

²⁹ Disponível em: <<http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato/entenda-o-caso/entenda-o-caso>> Acesso em: 05 set. 2021.

³⁰ Escândalo revelado em junho de 2005 em que parlamentares recebiam uma mesada mensal (mensalão), por meio de verbas desviadas de orçamentos de estatais, para que votassem a favor de projetos do poder Executivo, à época no primeiro mandato de Lula. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/mensalao-o-que-aconteceu/>> Acesso em: 01 nov. 2021.

³¹ Escândalo que envolveu a evasão de divisas e sonegação de impostos em operações financeiras no valor de mais de U\$ 30 bilhões por meio de contas do banco Banestado, entre 1996 e 2002. Ex-banco público do estado do Paraná, foi privatizado em 2000. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2018/03/entenda-o-que-foi-o-caso-do-banestado-narrado-em-o-mecanismo.html>> Acesso em: 01 nov. 2021.

³² A operação Mãos Limpas (1992-1996) foi uma megainvestigação italiana que desmantelou esquemas de propina de empresas a políticos e agentes públicos em troca de contratos com estatais ou governos. Seu impacto foi tamanho que o sistema político do país se redesenhou e partidos políticos foram extintos. Após o caso, o procurador responsável pela operação, Antonio di Pietro, fundou um partido e foi eleito senador. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/república/como-terminou-maos-limpas/>> Acesso em: 01 nov. 2021.

para forçá-los a realizar delações premiadas³³, e no vínculo com os meios de comunicação para garantir apoio da opinião pública ao trabalho da Lava Jato. No âmbito jornalístico, conforme Nascimento (2014), já no ano de surgimento da Lava Jato, a Operação aprofundou o fenômeno do Jornalismo sobre Investigações, que desde os anos 90 sugeria um constante aumento da dependência de jornalistas de fontes governamentais, sobretudo do Ministério Público.

(...) A leitura das reportagens com denúncias publicadas na esteira da operação Lava Jato mostra que jornalistas receberam dados de procuradores da República, de policiais federais, do Judiciário e de advogados de acusados. (...) Houve casos em que a informação se limitava a uma parcela muito ínfima de uma investigação, algumas vezes a poucas páginas de uma proposta de acordo de delação premiada. Em um quadro assim, é muito grande o risco apontado por Kovach e Rosenstiel (2003) de manipulação de jornalistas por fontes ou de deturpação de uma informação pelo acesso a somente uma parcela pequena de uma investigação (NASCIMENTO, 2014, p. 10).

Conforme a investigação avançava, “o combate ao lulismo, identificado como centro da corrupção, foi o âmago” (SINGER, 2018, p. 242). Não à toa Deltan Dallagnol chegou a reproduzir uma apresentação de slides em que apresentava o ex-presidente Lula como o líder de todo o esquema a ser desvelado pela Lava Jato. Na opinião de Singer (2018, p. 228), a Lava Jato e os meios de comunicação mobilizavam e radicalizavam a classe média, predominantemente antipetista desde o Mensalão, “em torno da acusação de que Lula, Dilma e o PT formavam uma organização criminosa que precisava ser extirpada da vida política”. No início de 2019, Fabio Serapião, então repórter do site O Antagonista³⁴, principal veículo de jornalismo sobre investigações do país, em evento sobre jornalismo investigativo e crimes financeiros fez eco às constatações de Nascimento e à ideia de uma sociedade entre Ministério Público e a imprensa a partir de seu testemunho pessoal.

³³ A delação premiada, ou colaboração premiada, é um acordo no qual o investigado ou réu de um processo penal recebe benefícios ou proteção do Estado, como uma pena mais branda, caso confesse ou preste provas e informações úteis aos investigadores para que mais membros de uma organização criminosa sejam identificados e presos. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/delacao-premiada-o-que-e/>> Acesso em: 01 nov. 2021.

³⁴ O site O Antagonista foi fundado pelos jornalistas Mario Sabino e Diogo Mainardi, ambos egressos da revista Veja. O site reuniu alguns dos profissionais que ocuparam posições de chefia da revista ao longo da ascensão do fenômeno do jornalismo sobre investigações. Ao longo da cobertura da Lava Jato, o veículo manteve uma relação íntima com o Ministério Público, a Polícia Federal e a Justiça a ponto de Sergio Moro permitir que o Antagonista transmitisse, irregularmente, delações ao vivo. Após o ocaso do ex-juiz, Moro tornou-se colunista da revista Crusoé, que pertence ao Antagonista.

A Lava Jato mudou a chave a partir da transparência das informações permitida por seus atores (...) Somos intermediários da notícia, com a missão de coletar a informação da fonte primária, tratá-la de forma adequada e expor para população. É fundamental que delegados, procuradores, peritos e juízes tenham essa atenção e saibam que a mídia é uma parceira de seu trabalho e da sociedade³⁵.

Com isso, nesse contexto, a partir de 2016, Lula foi alvo de denúncias de obstrução à justiça, lavagem de dinheiro e corrupção passiva, acusado de receber propina de empreiteiras investigadas pela Lava Jato. Em julho de 2017, Moro condenou Lula a nove anos de prisão, decisão mantida pelas instâncias superiores. Em abril de 2018, o ex-presidente foi preso com base na sentença de Moro, por supostamente ter ganhado um triplex da empreiteira OAS como troca por vantagens obtidas pela construtora em contratos com a Petrobrás. Então pré-candidato à presidência nas eleições daquele ano, a saída de Lula abriu caminho livre para a vitória de Jair Bolsonaro, que se tornou o 38.º Presidente do Brasil, catapultado por um profundo sentimento de antipetismo. Ainda em novembro de 2018, antes de assumir, Bolsonaro anunciou Moro como o novo Ministro da Justiça de seu futuro governo.

3.2 A FOLHA DE SÃO PAULO E A LAVA JATO NA IMPRENSA

Criado em 1960, o jornal Folha de São Paulo surgiu da unificação dos periódicos *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde* e *Folha da Noite*, mantidos pela empresa Folha da Manhã S/A, que iniciou suas atividades no ramo jornalístico em 1921. Ao longo de sua história, o negócio teve diferentes donos até chegar à posse da família Frias, que detém o controle acionário do veículo desde 1962³⁶ e hoje faz parte do oligopólio familiar de meios de comunicação no Brasil, descrito pelo relatório da ONG Repórter Sem Fronteiras³⁷.

Sob a direção dos Frias, a Folha apoiou o golpe civil-militar de 1964 e manteve uma relação umbilical com a ditadura (MUNIZ, 1999, p. 38). Isso perdurou até os primeiros sinais de abertura política, a partir de 1975, quando começou aos poucos

³⁵ Disponível em: <<https://apcf.org.br/noticias/a-importancia-do-jornalismo-investigativo-e-debatido-em-forum-de-crimes-economico-financeiros/>> Acesso em: 12 ago. 2021.

³⁶ Octávio Frias foi sócio de Carlos Caldeira Filho no negócio até 1992, quando passou a deter a totalidade da Folha de S. Paulo. Após a morte de Frias, o comando do jornal foi repassado aos filhos. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml>. Acesso em: 21 jul. 2021.

³⁷ Disponível em: <<https://rsf.org/en/reports/brazil-country-thirty-berlusconis>> Acesso em: 27 jul. 2021.

a se opor ao regime³⁸ após uma reforma editorial promovida por Octávio Frias e seu filho, com a ajuda de Cláudio Abramo (ABRAMO, 1988, p. 20). Nos anos 80, o jornal abandonou de vez a postura editorial pró-ditadura e se tornou o primeiro grande veículo de comunicação brasileiro a defender reformas democráticas, como as Diretas Já³⁹, o que popularizou o jornal. “A mudança de linha editorial ocorreu quando o periódico passou a ter uma maior influência junto à opinião pública (...) que se refletiu em aumento de tiragem, patrimônio e anunciantes”, conforme Muniz (1999, p. 10). Com o fim da ditadura civil-militar em 1985, o ambiente de redemocratização e abertura política favoreceu uma aproximação entre a sociedade civil e o novo projeto editorial da Folha de São Paulo, que em vista à volta da democracia, prometeu praticar um “jornalismo crítico, apartidário, moderno e pluralista” (FOLHA, 2019), comprometido com debates e novas tendências.

Segundo Muniz (1999, p. 50), essa nova orientação tinha base liberal, “já que seu público leitor era composto de pessoas com diferentes visões de mundo, que deveriam ser representadas nos noticiários sem discriminação”. A decadência do nacional-desenvolvimentismo do regime militar, que permitia aos jornais uma vida econômica simbiótica ao Estado brasileiro, trouxe um novo momento para o país, em que os grandes jornais, como a Folha de São Paulo, se adaptavam às exigências de uma nova fase do capitalismo no país. Neste cenário, o jornal paulistano aos poucos “sofreu uma mudança em sua posição editorial no enfoque sobre o papel do Estado na economia” (MUNIZ, 1999, p. 58) – com isso, foi abandonando o desenvolvimentismo enquanto se identificava cada vez mais com políticas neoliberais⁴⁰.

Nos anos 90, essa orientação ideológica se aprofundou. Conforme uma revisão bibliográfica de Medeiros (2018) que analisou a adesão de grandes jornais à

³⁸ Em editorial de 2014, no aniversário de 50 anos do golpe, a Folha de S. Paulo lembrou sua postura editorial da época e seu rompimento com o regime na década seguinte. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=19814&anchor=5926104&origem=busca&_mather=2b177bdd5c54f235&pd=7c6158b2768c30d3e4d2a61a0037027c> Acesso em: 23 jul. 2021.

³⁹ Movimento político de massas que, entre 1983 e 1984, reuniu milhares de brasileiros nas ruas em defesa da aprovação de uma Emenda que permitiria eleições diretas à presidência da República após o fim da ditadura, mas o projeto acabou derrotado no Congresso.

⁴⁰ O neoliberalismo é uma doutrina que se opõe à participação estatal na economia e promove a privatização, a desregulamentação e a austeridade como políticas públicas. Sua consequência é o favorecimento do mercado em detrimento de outros setores da vida social. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/neoliberalismo-1.htm>> Acesso em: 01 nov. 2021.

presidência de Fernando Henrique Cardoso⁴¹, a Folha defendeu o neoliberalismo como o único projeto de desenvolvimento possível para o país naquela década. Enquanto isso, o jornal também rechaçava propostas à esquerda, como as do petista Lula, tendência consistente com o início da fase neoliberal do jornal na década anterior (1985-1989), conforme o estudo de editoriais da Folha feito por Muniz (1999). Segundo Medeiros, nos termos da FSP, “Lula (...) foi associado ao intervencionismo estatal, em contraponto com Fernando Henrique, defensor de um modelo de desenvolvimento no qual o mercado atua de forma mais autônoma” (2018, p. 301).

A partir dos anos 2000, quando Lula foi eleito presidente em 2002, as crises políticas que acometeram o primeiro mandato do petista, como o Escândalo dos Bingos⁴² e o Mensalão⁴³ receberam uma cobertura agressiva da Folha e outros jornais, como O Globo. Os escândalos deram impulso a um discurso contrário ao presidencialismo de coalizão⁴⁴, regime considerado corrupto, ineficiente e fisiológico pela grande imprensa, dando vazão a um processo de deslegitimação dos atores políticos (OLIVEIRA, 2017), com destaque ao Lula, ao PT e ao Congresso Nacional.

(...) as opiniões negativas dos jornais nesse momento estigmatizaram a classe política como um todo, alimentando o sentimento de desconfiança e insatisfação com as instituições políticas, partidos e suas lideranças. O discurso [diante das denúncias de corrupção] do presidente e de seu partido recaiu sobre as fragilidades do sistema político brasileiro, enquanto os jornais enfatizaram o caráter ineficiente e corrupto do governo e do sistema político (OLIVEIRA, 2017, p. 139).

Essa oposição ao PT se manteve constante ao longo dos 13 anos que o partido presidiu o país, entre 2003 e 2016, inclusive com a publicação de reportagens baseadas em documentos falsos contra a presidente Dilma Rousseff⁴⁵. Anos depois,

⁴¹ O sociólogo Fernando Henrique Cardoso, ou FHC, uma das principais lideranças históricas do PSDB, foi o presidente do Brasil por dois mandatos, entre 1995 e 2002.

⁴² O que foi o escândalo dos bingos. Disponível em: <<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/o-pt-na-berlinda-entenda-o-caso-waldomiro-diniz.htm>> Acesso em: 28 jul. 2021.

⁴³ Escândalo que estourou em junho de 2005, após o então deputado federal Roberto Jefferson (PTB) denunciar à Folha de S. Paulo que o PT teria organizado um esquema de mensalidades (por isso, Mensalão) pagas a parlamentares em troca de apoio legislativo.

⁴⁴ O presidencialismo de coalizão é um modo de condução da administração pública em que o poder Executivo fecha acordos e faz alianças com partidos e forças políticas em busca de apoio e da formação de uma maioria Legislativa, de modo a garantir governabilidade.

⁴⁵ Em 25 de abril de 2009, a Folha de S. Paulo publicou um dossiê falso, supostamente produzido pela repressão da ditadura militar, que a acusava de participar de um plano de sequestro do ex-

com a Lava Jato e a crise que assolou o segundo governo Dilma, o jornal foi um dos principais apoiadores do processo de destituição da presidenta, ao lado de outros veículos tradicionais da imprensa. No artigo, “O terceiro turno de Dilma Rousseff”, os cientistas políticos João Feres Júnior e Luna Sassara analisaram os editoriais de Folha de S. Paulo, Estadão e O Globo de janeiro de 2014 até agosto de 2016.

O impeachment de Dilma foi produto de vários fatores, alguns de ordem pessoal, como a falta de virtude política da própria mandatária, o excesso de rapacidade de alguns de seus principais contendores, como Eduardo Cunha, e o oportunismo de políticos como Renan Calheiros, Michel Temer, entre tantos outros. Outros fatores são de ordem sistêmica, como o funcionamento altamente politizado e enviesado do judiciário, de Moro ao Supremo, do Ministério Público (MP) e da Polícia Federal, órgãos de Estado que em muitos momentos se mostraram fora de controle, seja porque esses mecanismos de controle constitucional não existem, como no caso do MP, seja porque eles não funcionam, como no caso do judiciário. Todavia é difícil imaginar como todos esses elementos entraram em sinergia sem a ativa colaboração da mídia, promovendo Moro e os promotores de Curitiba à condição de heróis nacionais (FERES JÚNIOR; SASSARA, 2016, p. 183).

Após o impeachment, o jornal chegou a “hostilizar e estereotipar” movimentos sociais que criticaram os avanços da investigação e saíram em defesa do PT, segundo Augsten (2019, p. 128), que analisou os sentidos do conceito de Justiça na cobertura do jornal sobre a Lava Jato. Nesse contexto, após a condenação de Lula, Moro passa a ser destacado como um juiz eficaz e implacável, pela rapidez com que a prisão do ex-presidente tramita, ocorrendo em abril de 2018 (AUGSTEN, 2019, p. 135). A pesquisadora afirma que, na cobertura da Lava Jato na FSP, “a esfera jurídica é significada como o âmbito moral que está a serviço da população”, lutando contra a corrupção de uma esfera política, em que Moro representa esse novo ideário moral, enquanto o Supremo Tribunal Federal é o vilão da narrativa, por impor freios ao ímpeto do ex-juiz (AUGSTEN, 2019, p. 141-142). Nisso, o jornal divide o judiciário entre heróis e vilões, sem problematizar o absurdo de um juiz ser movido à posição de antagonista do réu que deve julgar. Isso criou um ambiente no qual, ao se abster de seu papel de fiscal do poder, a Folha de S. Paulo afastou também o leitor de seu papel de vigilância da ordem jurisdicional.

ministro Delfim Netto. Identificada a fraude, o jornal se limitou a dizer, três semanas mais tarde, que a autenticidade do documento não podia ser provada nem descartada. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/folha-publicou-ficha-falsa-de-dilma/>> Acesso em: 12 ago. 2021.

(...) a imagem populista punitiva dos órgãos e de sujeitos da esfera jurídica induzem e incrementam diferentes malefícios sociais, tais como o medo, a insegurança, a crise de credibilidade em instituições, como o próprio sistema político e o encarceramento massivo. O jornalismo, portanto, a partir de suas formas de significar a Justiça, acaba promovendo um fundamentalismo penal. Esse jornalismo acaba limitando e afastando o cidadão de seu papel de vigilante das ações jurisdicionais, como sustentado por Abdo (2011), que seria o principal objetivo da publicidade dos processos penais (AUGSTEN, 2019, p. 143).

Na esteira da eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, a Folha de S. Paulo assume uma postura crítica contra o político. O veículo, contudo, seria manso por alguns meses, inclusive rechaçando editorialmente a ideia de que Bolsonaro pregasse a violência como método político ou fizesse parte da extrema direita⁴⁶. Apenas a partir do início do mandato que, frustradas as expectativas de moderação por parte do presidente recém-eleito, a oposição ao governo se tornaria aberta (SANTOS, 2019). Já em relação à Lava Jato, a cobertura da Folha de S. Paulo mudaria a partir de junho de 2019, com o advento da Vaza Jato, que será explicada mais adiante.

3.3 O INTERCEPT BRASIL

Em junho de 2013, o advogado e jornalista Glenn Greenwald publicou nos jornais *The Guardian* e *The Washington Post* as primeiras reportagens do que se tornou um escândalo de vigilância global: os governos dos EUA e de seus aliados estariam usando empresas de tecnologia para espionar ilegalmente países estrangeiros, lideranças internacionais e mesmo cidadãos de seus próprios países⁴⁷. Os documentos foram entregues em segredo para Greenwald, a documentarista Laura Poitras e o jornalista inglês Ewen McAskill por Edward Snowden, um ex-analista de sistemas que trabalhou de modo terceirizado para a CIA, a agência de inteligência norte-americana, e a NSA, a agência de segurança nacional dos Estados Unidos, na coleta global e indiscriminada desses dados pessoais. O caso foi considerado o maior vazamento da história da comunidade de inteligência norte-americana, com

⁴⁶ Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/midia/folha-proibe-jornalistas-de-usar-termo-extrema-direita-para-se-referir-a-bolsonaro/>> Acesso em: 14 ago. 2021.

⁴⁷ Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/the-nsa-files>> Acesso em: 26 jul. 2021.

mais de 1,7 milhão de arquivos entregues por Snowden a jornalistas⁴⁸. O volume de dados foi tão grande que a cobertura envolveu um consórcio global de veículos, entre eles o brasileiro O Globo – solução que também visava burlar as tentativas de censura de governos ofendidos com as reportagens⁴⁹.

No ano seguinte, após inúmeras ameaças de políticos, militares e governos – e prêmios, como o Pulitzer –, Glenn Greenwald recebeu um aporte milionário para criar um veículo jornalístico combativo e resiliente às retaliações de governos à liberdade de imprensa⁵⁰. Lançado nos Estados Unidos em fevereiro de 2014, *The Intercept* (“a interceptação”, em tradução livre) foi criado como um empreendimento jornalístico online publicado pela *First Look Media*, organização sem fins lucrativos fundada pelo bilionário francês Pierre Omidyar, pioneiro das plataformas de e-commerce. Com um projeto dedicado a “fiscalizar os poderosos por meio de um jornalismo destemido e contestador”⁵¹ (*tradução minha*), Glenn Greenwald convidou a cineasta Laura Poitras, que participou do vazamento de Snowden gravando o documentário *Citizen4*, e o jornalista investigativo Jeremy Scahill para fazerem parte do *Intercept*.

No editorial de lançamento do veículo, os três editores-fundadores afirmaram que, no longo prazo, a proposta do site é prover ao público um “jornalismo agressivo, independente e contestador em uma ampla gama de assuntos”, com foco no combate à corrupção, a abusos da Justiça e a violações das liberdades civis, com independência editorial garantida às “vozes únicas” de seus jornalistas. “Acreditamos que o principal valor no jornalismo é impor transparência, logo, responsabilidade, para aqueles que mantêm um grande poder governamental ou corporativo”, escreveram (GREENWALD et al, 2014, *tradução minha*). No curto prazo, o objetivo do *Intercept* também era dar seguimento à cobertura do Caso Snowden (GREENWALD et al, 2014), já que nem todos os documentos vazados haviam sido analisados.

A partir de 2016, porém, em paralelo às reportagens com foco nos Estados Unidos, Glenn Greenwald começou a escrever sobre o Brasil. Casado com um brasileiro e morando no Rio de Janeiro, o jornalista norte-americano se interessou em

⁴⁸ Disponível em: <<http://www.bloomberg.com/news/2014-01-09/pentagon-finds-snowden-took-1-7-million-files-rogers-says.html>> Acesso em: 26 jul. 2021.

⁴⁹ O então primeiro-ministro britânico David Cameron tentou impedir o jornal *The Guardian* de continuar a publicar as reportagens e chegou a prender o brasileiro David Miranda, marido de Greenwald, com acusações de espionagem.

⁵⁰ Disponível em: <<https://apublica.org/wp-content/uploads/2014/01/texto-omidyar.html>> Acesso em: 28 jul. 2021.

⁵¹ Disponível em: <<https://firstlook.media/about/>> Acesso em: 26 jul. 2021.

cobrir o turbilhão político do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff⁵². Após as publicações, os editores do site repararam que havia uma demanda no país por um jornalismo com o viés editorial do Intercept. Com isso, uma versão brasileira do veículo estadunidense foi lançada em agosto de 2016, com um editorial assinado por Greenwald.

Ficou claro para nós que há um enorme apetite por formas alternativas de jornalismo no país. Há muito tempo, o quinto país mais populoso do mundo é dominado por um número reduzido de veículos de comunicação, dos quais a grande maioria apoiou o golpe de 1964 e os 21 anos da violenta ditadura de direita que se seguiram. Essas instituições ainda pertencem às mesmas cinco famílias extremamente ricas e poderosas que tiveram um papel central nesse período. Em um país de tamanha diversidade e pluralidade, esse monopólio resultou em um mercado de comunicação que asfixia a diversidade e a pluralidade de opiniões (GREENWALD, 2016).

Para fazer valer seu argumento, Greenwald cita um relatório daquele ano da organização global Repórteres Sem Fronteiras (RWB), que colocou o Brasil na 104ª posição de 180 em seu ranking mundial de liberdade de imprensa. Fora casos de violência e assassinatos contra jornalistas, a ONG também aponta que a exagerada concentração da propriedade dos principais meios de comunicação do país nas mãos de poucos empresários, muitos deles com claras ligações políticas, seria um dos empecilhos à qualidade e representatividade do jornalismo brasileiro – inclusive na cobertura da destituição de Dilma⁵³.

A cobertura da mídia brasileira da crise política corrente destacou o problema [de concentração da mídia e sua dependência dos poderes político e econômico]. De forma pouco velada, os principais meios de comunicação encorajaram o povo a ajudar a derrubar a presidenta Dilma Rousseff. Os jornalistas trabalhando para esses grupos de mídia claramente estão sujeitos à influência de interesses privados e partidários, e esses conflitos de interesses permanentes são claramente prejudiciais à qualidade de sua cobertura (RWB, 2016, *tradução minha*).

Não à toa, em relação ao Jornalismo Investigativo, a concentração da imprensa em conglomerados corporativos pode comprometer o tipo de independência jornalística necessária para uma fiscalização efetiva do poder (KOVACH;

⁵² A partir de março de 2016, Greenwald começou a assinar reportagens com os jornalistas David Miranda, seu marido, e Andrew Fishman, seu assistente, sobre o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff sob um viés crítico, na contramão do endosso dado ao processo político pela imprensa brasileira à época. Conforme Singer (2018), o impeachment teria sido um “golpeachment”, por ter sido um “golpe” dentro dos ritos institucionais.

⁵³ Em relatório dos Repórteres Sem Fronteiras de 2013, chamado “O país de 30 Berlusconis”, em comparação jocosa ao magnata da mídia e ex-primeiro ministro italiano, o Brasil é retratado como um país de “coronéis” que controlam a política e os meios de comunicação em diversos estados. Disponível em: <<https://rsf.org/en/reports/brazil-country-thirty-berlusconis>> Acesso em: 27 jul. 2021.

ROSENSTIEL, 2003, p. 171). Com isso, na esteira da proposta de um jornalismo contestador dedicado a fiscalizar os poderosos, o Intercept Brasil surgiu para suprir uma lacuna em um cenário em que a crise política do impeachment “ênfaticamente destacou como a homogeneidade da mídia brasileira é uma ameaça à democracia e à liberdade de imprensa” (GREENWALD, 2016). Para sua sucursal no Rio de Janeiro, o site anunciou trazer as práticas da versão norte-americana, como o incentivo a vazamentos de dados tais quais os do caso Snowden⁵⁴.

Um ano e meio após sua fundação, uma reforma editorial no Intercept Brasil se deu a partir de janeiro de 2018, com a contratação de uma chefia brasileira para o site, até então coordenado pelo norte-americano Andrew Fishman (FREITAS, 2019, p. 24). Na ocasião, o jornalista catarinense Leandro Demori assumiu o cargo de editor-executivo⁵⁵. Sob o comando de Demori, repórteres jovens e sem carreiras consagradas em grandes veículos foram contratados. A partir daí, o veículo expandiu sua equipe e diferenciou-se da matriz norte-americana. Focou em um Jornalismo Investigativo com “pegada de direitos humanos, violência policial, questão política” (DEMORI apud COSTA, 2019), voltado à realidade brasileira. Apesar dessa diferença e mantida a proposta editorial pró-fontes anônimas, o Intercept Brasil traria no ano seguinte o primeiro escândalo jornalístico proveniente de um grande vazamento de dados sensíveis de autoridades do país.

3.4 A SÉRIE JORNALÍSTICA VAZA JATO

Publicada pela primeira vez em 09 de junho de 2019, a Vaza Jato foi ao ar na forma de cinco matérias: um editorial batizado “Como e por que o Intercept está publicando chats privados sobre a Lava Jato e Sergio Moro”, três reportagens e um post com o conteúdo integral dos diálogos que ampararam os textos. As reportagens, baseadas em mensagens vazadas do aplicativo Telegram⁵⁶, revelavam que

⁵⁴ Disponível em: <<https://theintercept.com/2016/08/02/como-enviar-informacoes-para-the-intercept/>> Acesso em: 27 jul. 2021.

⁵⁵ Com passagens como editor digital da revista piauí, chefe de operações da plataforma Medium no Brasil e como freelancer, Leandro Demori era diretor da Abraji à época. Disponível em: <<https://theintercept.com/2017/12/21/leandro-demori-editor-executivo-the-intercept-brasil/>> Acesso em: 27 jul. 2021.

⁵⁶ O Telegram é um aplicativo móvel de mensagens instantâneas. Por meio dele, usuários podem trocar mensagens, fotos, áudios, vídeos e outras mídias individualmente ou em grupos. Mais tarde, descobriu-se que o vazamento em questão veio da conta de Deltan Dallagnol.

(1) o ex-juiz Sergio Moro, então ministro da Justiça e Segurança Pública, colaborou com a acusação nas investigações que condenaram o ex-presidente Lula ao orientar o MPF, em conversas com o procurador Deltan Dallagnol⁵⁷; (2) que Deltan duvidava das provas contra Lula, consideradas frágeis, horas antes de denunciá-lo por supostamente ganhar um triplex de uma construtora como propina⁵⁸; e (3) que os procuradores da Lava Jato tentaram impedir Lula de dar uma entrevista da cadeia em meio às eleições de 2018, por medo dela beneficiar o candidato do PT à presidência⁵⁹ – ou seja, tentaram beneficiar o então candidato Jair Bolsonaro, adversário do PT na disputa, que, após vencer, indicou Sergio Moro a um ministério.

No editorial que lança a série, Glenn Greenwald, Leandro Demori e Betsy Reed, a editora-chefe da publicação nos EUA, afirmaram que o material foi produzido “a partir de arquivos enormes e inéditos” que foram “enviados por uma fonte anônima” (DEMORI; GREENWALD; REED, 2019) e dizem que, devido ao tamanho dos arquivos, a cobertura será publicada conforme o avanço da análise dos arquivos vazados. Além disso, o texto traz um discurso típico do Jornalismo Investigativo, com a promessa de revelar irregularidades cometidas por poderosos.

Esse é apenas o começo do que pretendemos tornar uma investigação jornalística contínua das ações de Moro, do procurador Deltan Dallagnol e da força-tarefa da Lava Jato – além da conduta de inúmeros indivíduos que ainda detêm um enorme poder político e econômico dentro e fora do Brasil (...) o único papel do The Intercept Brasil na obtenção desse material foi seu recebimento por meio de nossa fonte, que nos contactou há diversas semanas (...) e nos informou de que já havia obtido todas as informações e estava ansiosa para repassá-las a jornalistas. (DEMORI; GREENWALD; REED, 2019).

Apesar da publicação de *leaks* e arquivos entregues por hackers já ser corriqueira tanto na imprensa internacional⁶⁰ como na versão norte-americana do Intercept, a Vaza Jato foi o primeiro escândalo nos moldes de um grande vazamento de

⁵⁷ **“Não é muito tempo sem operação?”**: chats privados revelam colaboração proibida de Sergio Moro com Deltan Dallagnol na Lava Jato. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/06/09/chat-moro-deltan-telegram-lava-jato/>> Acesso em: 30 jul. 2021.

⁵⁸ **“Até agora tenho receio”**: Deltan Dallagnol duvidava das provas contra Lula e de propina da Petrobrás horas antes da denúncia do triplex. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/06/09/dallagnol-duvidas-triplex-lula-telegram-petrobras/>> Acesso em: 30 jul. 2021.

⁵⁹ **“Mafiosos!!!!!!!”**: procuradoras da Lava Jato tramaram em segredo para impedir entrevista de Lula antes das eleições por medo de que ajudasse “a eleger o Haddad”. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/06/09/procuradores-tramaram-impedir-entrevista-lula/>> Acesso em: 30 jul. 2021.

⁶⁰ Foi o caso de escândalos como os do Wikileaks, Panama Papers, Paradise Papers, entre muitos outros, publicados por consórcios internacionais de jornalismo investigativo. Em alguns casos, veículos e jornalistas brasileiros também participaram das investigações.

dados via fonte anônima do jornalismo brasileiro. Na época, investigações sobre supostas invasões de celulares de autoridades estavam em curso. Com isso, imediatamente surgiu a especulação de que a fonte anônima da Vaza Jato seria um dos hackers responsáveis pelas invasões – o Intercept, contudo, sempre se recusou a discutir o assunto, amparado no sigilo da fonte garantido pela Constituição do Brasil, princípio básico da liberdade de imprensa (SOUZA; FREIRE, 2019). Após a publicação das matérias, o conteúdo explosivo das irregularidades cometidas no âmbito da Operação Lava Jato foi prontamente rebatido pelo ex-juiz Sergio Moro, por meio do site do Ministério da Justiça e Segurança Pública⁶¹.

Sobre supostas mensagens que me envolveriam publicadas pelo site The Intercept neste domingo, 9 de junho, lamenta-se a falta de indicação de fonte de pessoa responsável pela invasão criminosa de celulares de procuradores. Assim como a postura do site que não entrou em contato antes da publicação, contrariando regra básica do jornalismo. Quanto ao conteúdo das mensagens que me citam, não se vislumbra qualquer anormalidade ou direcionamento da atuação enquanto magistrado, apesar de terem sido retiradas de contexto e do sensacionalismo das matérias, que ignoram o gigantesco esquema de corrupção revelado pela Operação Lava Jato (JUSTIÇA, 2019).

Muito debatida antes da publicação da Vaza Jato, a decisão do Intercept de não contatar os citados antes da publicação das reportagens foi tomada pelo receio de que Sergio Moro e os procuradores da Lava Jato pudessem encontrar um modo de censurar a reportagem na Justiça antes que fosse publicada (DUARTE, 2020, p. 54). O foco na suposta fonte da reportagem, um hacker “criminoso”, também seria a tônica das respostas do Ministério Público Federal no Paraná. Com isso, tentam emplacar a ideia de que o jornalismo do Intercept seria fruto de uma árvore envenenada⁶² pela invasão cibernética a celulares de autoridades públicas⁶³.

A força-tarefa da Lava Jato no Ministério Público Federal no Paraná (MPF) vem a público informar que seus membros foram vítimas de ação criminosa de um hacker que praticou os mais graves ataques à atividade do Ministério Público, à vida privada e à segurança de seus integrantes (...) uma vez ultrapassados todos os limites de respeito às instituições e às autoridades constituídas na República, **é de se esperar que a atividade criminosa continue e**

⁶¹ Disponível em: <<https://www.justica.gov.br/news/collective-nitf-content-1560283132.27>> Acesso em: 29 jul. 2021.

⁶² Princípio oriundo da doutrina legal norte-americana e aceito pelo ordenamento jurídico brasileiro. Disponível em: <<https://mandi2005.jusbrasil.com.br/artigos/327697991/teoria-do-fruto-da-arvore-envenenada>> Acesso em: 29 jul. 2021.

⁶³ Glenn Greenwald, o responsável por receber o conteúdo da fonte anônima, seria acusado de ser co-autor da invasão cibernética a celulares de procuradores da Lava Jato em denúncia do MPF no âmbito da Operação Spoofing, que investigou os hackeamentos.

avance para deturpar fatos, apresentar fatos retirados de contexto, falsificar integral ou parcialmente informações e disseminar “fake news”. Entretanto, os procuradores da Lava Jato não vão se dobrar à invasão imoral e ilegal, à extorsão ou à tentativa de expor e deturpar suas vidas pessoais e profissionais. **A atuação sórdida daqueles que vierem a se aproveitar da ação do “hacker” para deturpar fatos, apresentar fatos retirados de contexto e falsificar integral ou parcialmente informações atende interesses inconfessáveis de criminosos atingidos pela Lava Jato (...)** é digno de nota o viés tendencioso do conteúdo até o momento divulgado, o que é um indicativo que pode confirmar o objetivo original do hacker de, efetivamente, atacar a operação Lava Jato.” (MPF, 2019, **grifos meus**)⁶⁴

Apesar de o Intercept confirmar por meios jornalísticos a veracidade dos diálogos e a identidade dos procuradores nas conversas⁶⁵, os citados nas reportagens (Moro, Deltan, procuradores do MPF) sempre afirmaram que o conteúdo das conversas havia sido falsificado ou deturpado, sem nunca apresentar provas que embasassem essa versão. Segundo Moretzsohn e Pinto (2020), a disputa de narrativas entre Vaza Jato e Lava Jato representou inicialmente um “jogo de paixões” desperto pela tensão política, representado por um conflito entre enunciadores tidos como credíveis por públicos politicamente opostos (de certo modo, a oposição já existente entre “lulistas” e “lavajatistas”). Por isso, com a publicação das reportagens, a reação de jornalistas e do público que não conhecia o Intercept foi cautelosa, especialmente em um meio em que a imprensa ainda via a Lava Jato com bons olhos.

A reação imediata oscilou entre a cautela e a suspeita. Não por acaso: a ser verdadeiro, aquele material demoliria a imagem tão zelosamente construída por essa mesma mídia em torno dos condutores de uma operação apresentada como implacável no combate à corrupção e dedicada à restauração da moralidade nacional. Veículos usados como porta-vozes da direita, como O Antagonista, e mecanismos estruturados nas redes sociais pelas forças políticas atuantes no mesmo espectro ideológico, foram acionados imediatamente para tentar desacreditar o trabalho do TIB (MORETZSOHN; PINTO, 2020).

Cientes do risco de encararem membros do MPF e o ministro responsável por comandar a Polícia Federal sozinhos, Demori e Greenwald começaram a articular pela publicação do material por meio de veículos parceiros (DUARTE, 2020, p. 69). À época, a decisão de fomentar alianças institucionais com outros veículos foi divulgada pelo Intercept em um editorial. A medida visou reforçar a credibilidade do arquivo e legitimar a denúncia para além dos leitores de uma “bolha de esquerda”,

⁶⁴ Disponível em: <<http://www.mpf.mp.br/pr/sala-de-imprensa/noticias-pr/forca-tarefa-informa-a-ocorrencia-de-ataque-criminoso-a-lava-jato>> Acesso em: 29 jul. 2021.

⁶⁵ Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/07/08/como-o-intercept-brasil-confirma-a-identidade-das-pessoas-que-aparecem-nos-chats-da-vazajato/>> Acesso em: 31 jul. 2021.

conforme Moretzsohn e Pinto (2020). O primeiro parceiro anunciado foi a FSP, que começou a publicar reportagens da Vaza Jato a partir de 23 de junho de 2019.

Antes da Folha, o primeiro dos parceiros de publicação da Vaza Jato havia sido, dias antes, o jornalista Reinaldo Azevedo, colunista do UOL e comentarista da Bandnews FM, que divulgou colunas e comentários na rádio com diálogos inéditos. Em seguida, a revista Veja, El País, UOL, BuzzFeed News e Agência Pública, respectivamente, se juntaram à cobertura. O caso da Veja foi emblemático, já que a própria revista havia ajudado a edificar a imagem de heróis de Moro e dos procuradores da Lava Jato, enquanto a imagem de Lula foi construída como a de um vilão (RODRIGUES, 2017). Nisso, como “até a Veja” entrava na parceria com o Intercept, mesmo os leitores mais céticos passaram a ver a série jornalística com menos reserva (DUARTE, 2020). A jornalista Letícia Duarte, que escreveu um livro sobre a Vaza Jato, entrevistou Maurício Lima, diretor de redação da revista sobre o assunto.

Por mais que a Veja tenha sido um dos veículos que mais celebraram o trabalho de Moro, estampando-o na primeira página com manchetes como *Ele salvou o ano*, em 2015, a avaliação interna era de que as novas revelações mudavam completamente o cenário. “O Moro até então tinha uma imagem de herói absoluto, **que nós mesmos ajudamos a construir, nós e outros veículos da imprensa**. Mas naquele momento, com aquelas provas... havia uma ruptura. Se o Moro cruzou a linha, a gente tinha que fazer matéria”, explica Lima, lembrando que a missão da imprensa é fiscalizar o poder (DUARTE, 2020, p. 71, grifos meus).

Até agosto de 2021, haviam sido 109 reportagens publicadas pelo Intercept Brasil e seus veículos parceiros, na mídia tradicional e independente. Entre esses parceiros, a FSP foi a que mais publicou matérias sobre o assunto depois do Intercept: foram 25 das 109 reportagens; já o segundo parceiro mais dedicado, o UOL, publicou 16 (desconsideradas as nove publicadas por Reinaldo Azevedo, colunista do site em parceria com a Bandnews FM). Após analisar 20 das reportagens da Vaza Jato publicadas pelo Intercept Brasil à luz de uma revisão sobre o conceito de Jornalismo Investigativo, Freitas (2019) chegou à conclusão de que a série gabaritou os critérios estudados para ser categorizada como investigação jornalística.

Em retrospecto, a Vaza Jato representou uma reviravolta na forma que a opinião pública enxergava a Lava Jato. É digno de nota que, a partir do momento em que a maior parte da imprensa deixou de apoiá-la e passou a denunciar irregularidades na força-tarefa (o próprio Intercept, inclusive, que até 2018 chegou a publicar reportagens com base em delações e a catalogar as denúncias da operação contra

Lula), a Lava Jato murchou e seus protagonistas perderam poder. Com isso, é razoável a hipótese de que a mídia possa ter sido uma das principais bases de sustentação da Operação, em sintonia com os anseios de procuradores de usarem a imprensa como aliada (SINGER, 2018, p. 243), compartilhados pelo próprio Moro (SINGER, 2018, p. 232), e da constatação de Nascimento (2011) de que, a partir da ascensão do fenômeno do jornalismo sobre investigações no Brasil, o Ministério Público havia se tornado uma super-fonte com potencial para manipular a imprensa de acordo com sua própria agenda. A Vaza Jato, contudo, mudou a regra do jogo. No caso do ex-juiz, a revelação dos diálogos prontamente afastou suas possibilidades de ser indicado ao Supremo Tribunal Federal⁶⁶, um dos anseios que o teriam motivado a embarcar no governo Bolsonaro.

Inicialmente tido como uma espécie de super-ministro do novo governo, Moro aos poucos perdeu a relevância até renunciar em abril de 2020, dez meses após a Vaza Jato, depois de desavenças com Bolsonaro. Sem cargo público, o ex-juiz foi para a iniciativa privada, na consultoria Alvarez & Marsal, que tem entre seus clientes a Odebrecht – o que forçou a Justiça a suspender os pagamentos da construtora à empresa até que a não participação de Moro nos serviços fosse comprovada⁶⁷. Enquanto isso, alvo de diversos processos disciplinares devido a sua conduta, Deltan Dallagnol afastou-se de suas funções na força-tarefa em setembro de 2020 alegando questões familiares⁶⁸. Em fevereiro de 2021, menos de dois anos após a publicação da série jornalística, a Lava Jato foi encerrada de forma discreta no Paraná⁶⁹ depois de um período de crescente ostracismo. Hoje, em novembro de 2021, discute-se a candidatura de Sergio Moro à presidência da República nas eleições de 2022⁷⁰, pelo partido Podemos, de centro-direita. Na mesma semana em que Moro anunciou sua intenção de candidatar-se, Dallagnol abandonou o MPF e anunciou também sua intenção de ser candidato, mas a deputado federal⁷¹.

⁶⁶ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48589742>> Acesso em: 02 ago. 2021.

⁶⁷ Disponível em: <<https://www.migalhas.com.br/quentes/342021/juiz-suspende-pagamentos-da-odebrecht-a-empresa-que-contratou-moro>> Acesso em: 02 ago. 2021.

⁶⁸ A justificativa do procurador foi o nascimento da filha, que teria nascido com problemas de saúde. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-09-01/simbolo-da-lava-jato-deltan-dallagnol-deixa-a-forca-tarefa-em-meio-a-duvidas-sobre-o-futuro-da-operacao.html>> Acesso em: 02 ago. 2021.

⁶⁹ Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/lava-jato/mpf-anuncia-fim-da-forca-tarefa-da-operacao-lava-jato-no-parana/>> Acesso em: 01 nov. 2021.

⁷⁰ Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/eleicoes/podemos-confirma-filiacao-de-moro-em-10-de-novembro/>> Acesso em: 01 nov. 2021.

⁷¹ Disponível em: <<https://www.band.uol.com.br/noticias/deltan-dallagnol-deixa-o-mp-e-pode-se-candidatar-em-2022-16458369>> Acesso em: 05 nov. 2021.

4 O DISCURSO DOS LEITORES

Neste capítulo, explico o conceito de jornalismo enquanto gênero discursivo, conforme Benetti (2008; 2020). Em seguida, traço o lugar do leitor no contrato de comunicação firmado entre jornalistas e leitorado. Por fim, descrevo de que modo os sentidos produzidos por comentários de leitores se situam no discurso jornalístico.

4.1 O DISCURSO JORNALÍSTICO

Os fatos da história demandam símbolos e sentidos para que sejam compreendidos pelos homens (ORLANDI, 2005, p.19). Os acontecimentos são interpretados, portanto, por meio da linguagem, e são enquadrados dentro de seus limites em uma estrutura que, para além da sintaxe, demanda papéis entre os interlocutores. O mais básico: um fala, outro escuta. Isso se traduz no tipo de relação social pelo qual o discurso se move, entre a factualidade e o simbólico, estabelecendo as condições para o que é dito, o que é interpretado e o que é silenciado. Em meio a esse fluxo está o jornalismo, que atua como uma das instituições autorizadas a narrar os acontecimentos ao público.

Sob esses termos, os sentidos circulam entre diferentes sujeitos. Quando homens e mulheres falam, ou interpretam o falado, há ali um dizer que também é uma produção histórica e fruto de um determinado lugar social. “O dizer se dá por meio do sujeito, mas não tem origem nele, propriamente”, afirma Benetti (2008, p. 17). O discurso habita esse terreno, nascido das relações simbólicas entre os sujeitos e os fatos da vida e definido como um “efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2005, p. 21). Inscrito nesse fluxo, o jornalismo tem suas próprias articulações de produção, circulação e interpretação de sentidos (BENETTI, 2008, p. 15). Pode, portanto, ser considerado um gênero do discurso, ou seja, uma prática que funciona sob determinadas regras de enunciação e interpretação. De acordo com Benetti (2020, p. 183), “o discurso jornalístico se constrói na relação entre muitos sujeitos, especialmente veículo (um sujeito institucional), jornalista, fonte e leitor”.

O discurso definido como uma prática diz respeito a um conjunto de situações internas e externas ao ato discursivo sempre relacionadas às posições de sujeito – os lugares que o sujeito vem ocupar no discurso. A prática se institui

no quadro de certos sistemas de formação, estruturados e hierárquicos – embora mutáveis, pois não são congelados no tempo (BENETTI, 2008, p. 16).

Nas posições dos sujeitos do discurso jornalístico existe uma relação intersubjetiva, mediada pelos termos de um contrato de comunicação que define as trocas simbólicas entre um falante e um destinatário. Benetti (2008) parte de Charaudeau⁷² para afirmar que tais termos são “cláusulas contratuais” que levam em conta “quem diz e para quem”, “para quem se diz”, “o que se diz” e “em que condições se diz”, além do “como se diz”. Este “como” é definido pelo espaço de locução do qual o sujeito parte, se de um lugar de legitimidade e autoridade, por exemplo; ou pelo espaço de relação criado entre os sujeitos envolvidos no ato de comunicação, que se dá no contato entre as identidades de ambos (o que pode gerar elos de agressão, convivência, exclusão etc); ou até pelo terreno temático no qual o discurso é organizado, se por meio da retórica ou da poética, por exemplo.

Assim, jornalistas estão inseridos em uma estrutura discursiva que os determina enquanto sujeitos. Essa estrutura atribui ao jornalismo a credibilidade de “uma prática autorizada a narrar a realidade” (BENETTI, 2008, p. 21). A autora diz que este caráter emerge de um percurso que inscreve a profissão e seu surgimento na trajetória da sociedade moderna, em torno de “sua missão pública e em princípios relativamente consensuais na comunidade dos jornalistas” (BENETTI, 2008, p. 22). É desse espaço de legitimidade vinculado ao valor da verdade, ao interesse público e à relevância social, sobretudo em democracias, que emergem valores associados ao “para quem se diz” do jornalismo (sua finalidade), condição que norteia as demais cláusulas do contrato, de acordo com a autora (BENETTI, 2008, p. 21).

Com relação à principal finalidade do jornalismo como instituição moderna e vinculada ao projeto democrático, trata-se de “fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 31). No caso do Jornalismo Investigativo, especificamente, este fim se relaciona, sobretudo, à função de vigia do poder e de denúncia, que expõe fatos que estão escondidos, mas são de interesse público.

⁷² Para tratar do conceito de “contrato de comunicação”, Benetti (2008) parte da obra “Discurso das Mídias”, de autoria do linguista Patrick Charaudeau.

4.2 O LUGAR DO LEITOR

Sob essas condições discursivas, o jornalista constrói a sua identidade enquanto narrador que relata fatos cotidianos para outro sujeito, nos termos previstos do “para quem” do contrato de comunicação. Segundo Lisboa e Storch (2012, p. 181), “ao dizer, o jornalista assume uma posição em determinada formação social e é a partir desse lugar que antecipa representações do outro”. No discurso jornalístico, um desses outros possíveis representados é o leitor, que ocupa um espaço ideal como destinatário desse relato, em que será capaz de interpretá-lo adequadamente.

A partir da finalidade e do propósito do jornalismo, constroem-se as identidades do jornalista e do leitor, bem como dos demais sujeitos envolvidos na situação de comunicação. Não é possível compreender o jornalismo, como gênero, fora dessa relação intersubjetiva (...) o jornalista imagina um leitor capaz de reconhecer as regras do gênero, compreender seu texto e considerar válido o que é narrado (BENETTI, 2008, p. 22).

Nessa relação virtual de um leitor imaginado ‘para quem’ o jornalismo fala, nem sempre há correspondência entre este e o leitor real – apesar de que, hoje, no ambiente digital, as necessidades dos usuários são cada vez mais mapeadas pelos especialistas e os conteúdos estão sujeitos à personalização⁷³. Muitas vezes, o leitor não se sente representado no texto que encontra. E não só na medida em que, por exemplo, ao supor uma audiência politicamente à direita, um veículo acaba sendo lido por pessoas de esquerda que imediatamente podem pensar “este texto não é o que espero do jornalismo”. O público também tem suas próprias representações sobre a profissão e, no lugar reservado ao leitor dentro deste processo discursivo, ele interpreta a narração dos fatos nos termos de suas próprias perspectivas e opiniões. Isso se dá porque, por sua vez, “antes de ler um jornal, o leitor já tem uma imagem preexistente deste locutor (do jornalismo em geral, ou do jornalista, em particular)” (LISBOA; STORCH, 2012, p. 185). O processo social em que o jornalismo se efetiva é, portanto, polifônico e dialógico, e não vertical, nem uma espécie de agulha hipodérmica⁷⁴.

⁷³ Disponível em: <<https://ijnet.org/pt-br/story/como-usar-dados-para-entender-necessidades-dos-leitores>> Acesso em: 01 nov. 2021.

⁷⁴ A teoria hipodérmica é um modelo de comunicação ultrapassado e de influência behaviorista, muito popular nos anos 1930 e 1940 por conta da percepção dos efeitos da propaganda de guerra e do

O leitor aciona as expectativas que aprendeu a ter sobre aquele discurso. É uma negociação de sentidos que se dá a cada vez, a cada texto, e que estabelece um julgamento: “é bom jornalismo, está bem feito, foi apurado, é mau jornalismo, é tendencioso, falta informação, é irrelevante, não me interessa etc”. (BENETTI, 2020, p. 183).

Essa relação intersubjetiva entre o jornalista e o leitor é mediada pelo reconhecimento de que, além de um narrador, o jornalista é um narrador *credível*, o qual preza por valores como honestidade, coerência e competência, e que está comprometido com a busca pela verdade. “No caso do jornalismo, isso significa que a credibilidade será acionada como uma expectativa sempre que um texto for percebido, pelo interlocutor, como um texto jornalístico” (LISBOA; BENETTI, 2017, p. 55). Nesse sentido, apesar de ser um ofício interessado em fatos objetivos, a confiança atribuída pela audiência à profissão é regulada por critérios éticos e morais, que são subjetivos. Não à toa, diante da discordância com uma publicação, o leitorado pode ter uma reação colérica a ponto de acusar repórteres das mais graves falhas de caráter. Ainda assim, não está no horizonte do leitor o desejo de substituir o jornalista em seu trabalho. De modo geral, o público prefere contribuir com o trabalho de repórteres ao relatar suas experiências e conhecimentos (MASIP, p. 327, 2016), enquanto acompanha aqueles periódicos com o qual tem afinidade.

Esse tipo de desejo da audiência em reformar ou contribuir com os jornais que acompanha fomenta diferentes formas pelas quais leitores podem se inserir na ordem do discurso jornalístico, para além do lugar fixo de um mero receptor. Com isso, esses leitores, por vezes, se manifestam. Não raro, para isso, reforçam o lugar social que ocupam, de modo a reivindicar uma legitimidade para interpelar a autoridade do narrador-jornalista. Lisboa e Storch (2012, p. 187), por exemplo, afirmam que “é como assinante que ele [o leitor] se sente à vontade para aprovar ou reprová-las atitudes e opiniões do jornal”. Isso, claro, não impede não assinantes de contraporem jornalistas (MASIP, 2016). Dessa maneira, identificados como aqueles a quem a profissão deve servir, leitores expõem seus juízos, ideias e expectativas acerca da profissão, com base em seus referenciais pessoais sobre seus significa-

pânico causado pela célebre transmissão radiofônica da Guerra dos Mundos, feita por Orson Welles. A hipótese diz que “o processo de comunicação é totalmente assimétrico, com um emissor ativo, que produz o estímulo e os destinatários são vistos como uma massa passiva à qual só resta obedecer ao estímulo”. (OLIVEIRA, 2014).

dos, afinal, “a primeira lealdade do jornalismo é com os cidadãos” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 83), isto é, o interesse público, e não quaisquer interesses ocultos ou particulares. Novamente, não à toa alguns leitores acusam repórteres de defenderem agendas ocultas quando discordam de seu trabalho.

4.3 OS COMENTÁRIOS DE LEITORES

O ambiente digital promoveu a abertura de uma esfera pública em que a audiência passou a ganhar protagonismo no processo informativo. Hoje, é mais simples para o leitorado compartilhar, aprovar ou reprovar conteúdos jornalísticos e, inclusive, assumir papéis antes monopolizados pela imprensa profissional, como o do *gatekeeping*⁷⁵. Nesse contexto, entre as articulações discursivas possíveis para a participação do leitor, as caixas de comentários disponíveis em sites, blogs e redes sociais surgem como a atualização de modos de interação mais antigos.

O leitor se torna um enunciador do discurso jornalístico quando decide se manifestar. À carta enviada ao editor, hoje largamente alimentada pelo e-mail, agregou-se uma nova prática discursiva: o comentário do leitor. Os comentários se tornaram a forma mais comum de participação da audiência no jornalismo, juntamente com os atos de curtir e compartilhar um texto (BENETTI, 2020, p. 184).

Há nisso uma prática discursiva que se articula em torno de um lugar e uma relação sociais, de condições específicas para a circulação de sentidos e certas características linguísticas: constitui, por isso, um gênero discursivo próprio. Um dos sucessores das antigas cartas ao editor e à redação (assim como o e-mail ou a mensagem direta), os comentários de leitores derivam das ferramentas digitais. Se antigamente esse tipo de material passava pelos filtros da redação, como a leitura dos editores, até ser publicado com espaço limitado nas seções dedicadas à discussão do próprio jornal e de seu conteúdo, hoje as caixas dos sites suportam centenas

⁷⁵ A teoria do *gatekeeping*, ou teoria do porteiro, em tradução direta, analisa como as informações fluem das fontes e dos jornalistas para a produção do noticiário e sua publicação ou transmissão. Os *porteiros* são aqueles que escolhem qual informação passa ou não pelo seu *portão*. Quando não havia internet, os editores eram os principais *gatekeepers* das notícias por concentrarem as decisões de incluir ou excluir as informações veiculadas nos jornais. Hoje, com mais meios de distribuição de informação a disposição de todos, os leitores também atuam como porteiros ao compartilhar (ou não) conteúdo em suas listas de e-mail, páginas nas redes sociais etc (SHOEMAKER et al, 2010).

de comentários e são filtrados, dado o imenso volume, por moderações automatizadas, internas aos sites.

Os comentários também internalizam a regra da assincronia: quem comenta sabe que seu texto será lido em outro momento e sabe que pode voltar ao mesmo espaço para interagir com alguém. Pensando em suas propriedades discursivas, podemos então definir o comentário do leitor como um texto: 1) curto, 2) opinativo, 3) escrito, mas fortemente orientado pela oralidade, 4) assíncrono, 5) aderido a uma temática, 6) condicionado a certo letramento digital e 7) vinculado a uma autoria que pode ser responsabilizada (BENETTI, 2020, p. 185).

Com isso, inseridos no discurso jornalístico, os comentários se concretizam em plataformas online, dependem desse suporte digital e devem se submeter às regras e políticas editoriais estabelecidas por estes. No caso da versão online da Folha de S. Paulo, objeto de análise deste trabalho, os usuários devem ser assinantes e terem seus dados pessoais cadastrados na plataforma do jornal antes de poderem opinar por meio das caixas das matérias, o que é uma salvaguarda contra robôs ou perfis falsos, comuns em redes sociais. A página de Termos e Condições de Uso⁷⁶ do site, por exemplo, define que a seção de comentários do jornal tem o objetivo de “promover o debate acerca dos assuntos tratados em cada reportagem” (FOLHA, 2021) e estabelece que a responsabilidade civil e penal dessas publicações é de quem os fizer (o que acrescenta à dimensão ética do comentário do leitor). Além disso, a Folha também se reserva ao direito de remover quaisquer comentários de sua plataforma, sobretudo os que tratarem de assuntos diversos aos publicados ou contiverem conteúdos chulos, criminosos ou publicitários.

Essa participação online não tem o nível de reciprocidade ou interação das relações face-a-face, sendo mediada por vínculos digitais estabelecidos a distância, que impõem limites comunicacionais, mas não impedem a criação de uma espécie de comunidade de discussão. Conforme Macedo (2019, p. 14-15) ao se referir à interação entre membros da audiência do jornal inglês *The Guardian*, “o leitor não se contenta em apenas discutir em sua caixa de comentários, mas participa dos debates propostos por outros leitores na tentativa de defender seu ponto de vista ou apontar equívocos na fala de outros usuários”. Essa vocação ao debate da caixa de

⁷⁶ Disponível em: <<https://comentarios1.folha.uol.com.br/termos?skin=folhaonline>> Acesso em: 18 out. 2021.

comentários reforça seu caráter de compartilhamento de opiniões. Assim, esses ambientes operam também como comunidades discursivas, nas quais o público troca informações e feedbacks de acordo com as regras implícitas e consensuais a esse discurso, por meio de um léxico próprio à internet, em relações ora harmoniosas ora conflituosas e com variações na qualidade da contribuição de cada fala ao debate.

A instituição do comentário como um gênero também cria as condições para a existência de uma comunidade discursiva. É preciso perceber essa comunidade a partir de uma visão ampla, não restrita ao espaço de comentários de um jornal em uma plataforma, menos ainda restrita aos comentários sobre uma matéria jornalística. Estamos falando de uma prática discursiva que se dá em diversos lugares, com variações determinadas pelas regras das plataformas e pelas possibilidades tecnológicas oferecidas por elas (...) Os leitores ali expressam suas opiniões e sabem o que os outros pensam, mas também se relacionam com esses outros sujeitos. Essas relações se dão por juízos de valor, por aprovação e reprovação, por aproximação e afastamento, e contribuem para a constituição da subjetividade (BENETTI, 2020, p. 189-190).

Esse tipo de ambiente comunitário, em que leitores manifestam suas perspectivas sobre ou relativas às reportagens e artigos que leram, permite a análise desses discursos. Ao reagir a esses textos, o público demonstra como entende, o que espera e o que demanda do jornalismo enquanto ideal, deixando escapar seus próprios ideários implícitos, posicionamentos políticos ou conceitos aprendidos acerca da profissão. Neste trabalho, meu interesse é compreender quais dessas compreensões são as mais proeminentes em um dado leitorado, aqui representado pela audiência da Folha de S. Paulo, em relação ao Jornalismo Investigativo.

5 OS SENTIDOS DA VAZA JATO NO DISCURSO DE LEITORES

Neste capítulo, apresento a metodologia e os procedimentos que usei para analisar os sentidos produzidos pelo discurso de leitores da Folha de S. Paulo sobre a série investigativa Vaza Jato. Meu objeto foram as caixas de comentários das dez primeiras reportagens da Vaza Jato publicadas no site do jornal e o método utilizado para a análise dos comentários que constituem o corpus do estudo foi a AD de linha francesa. Ao fim do capítulo, relato os resultados da análise, realizada em um corpus de 305 comentários, que identificou seis sentidos em duas formações discursivas.

5.1 A METODOLOGIA

5.1.1 A ANÁLISE DO DISCURSO

A AD é um método que serve como um “gesto de interpretação do pesquisador em busca da compreensão sobre o funcionamento de um tipo de discurso” (BENETTI, 2007, p. 120). Seu objeto de análise é o texto, entendido como o lastro material e visível de um processo social complexo que produz e reproduz discursos e mobiliza, para tanto, aspectos culturais, históricos e intersubjetivos. A AD se trata de uma espécie de metodologia “arqueológica” que desnaturaliza e localiza o dito e o silenciado em suas respectivas posições ideológicas⁷⁷. Conforme Orlandi (2005, p. 15), “na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e sua história“. Um dos tipos de pesquisa para o qual a AD é um método adequado, portanto, é o estudo dos sentidos (BENETTI, 2007, p. 111).

De acordo com Pêcheux (2014, p. 146-147), os sentidos das palavras não existem por si mesmos. São, na realidade, condicionados por posições ideológicas em disputa, que produzem e reproduzem palavras, expressões e proposições ao

⁷⁷ Para o marxismo clássico, a ideologia é a estrutura subjetiva do mundo social, na qual entes sociais se reconhecem e tomam consciência dos conflitos objetivos que os regem. Com isso, a ideologia funciona como instância das concepções de vida social que produzem, reproduzem ou transformam a sociedade (CODATO, 2016). Já em Orlandi (2005, p. 48), para a AD, a ideologia não se limita a um conjunto de representações sobre a realidade social, sendo definida como um elemento constitutivo da subjetividade humana, concomitante à língua e à história. Segundo a autora, o intersubjetivo é inevitavelmente ideológico, então, ao interpretar o mundo ou interpelá-lo, o indivíduo necessariamente precisa se materializar enquanto sujeito discursivo, isto é, afetado pelo real da história, da língua e da ideologia (ORLANDI, 2005, p. 20).

longo de um dado processo histórico – e no qual pode se inserir o jornalismo, na medida em que este é um gênero do discurso. Dessa maneira, os sentidos que emergem dos textos (para os propósitos desta monografia, os publicados pela imprensa) provém de formações discursivas que, por sua vez, são historicamente constituídas por formações ideológicas.

Chamaremos, então, de formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sobre a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas. (PÊCHEUX, 2014, p. 147).

Isto é, determinações externas, de ordem histórico-social, chamadas formações ideológicas⁷⁸, são as responsáveis por dispor o cenário no qual sujeitos em interlocução irão interagir. Entendido como uma formação discursiva, esse cenário propiciará que certos sentidos emergjam por meio das trocas simbólicas entre seus interlocutores. Com isso, segundo Benetti (2007, p. 117), “a FD contém a posição de sujeito que a determina: ‘naquela’ posição, ‘naquela’ conjuntura social e histórica, apenas alguns sentidos ‘podem e devem’ ser construídos”. Essas condições produzem o material interpretativo que deve ser identificado pelo analista para se responder “como este texto significa?” (ORLANDI, 2005, p. 17). Para isso, é necessário refazer esse percurso, que vai do sentido de um texto ao discurso de uma ideologia. É preciso lembrar, no entanto, que “todo discurso é atravessado, ele mesmo, por outros discursos e pelo já-dito em outros lugares” (BENETTI, 2016, p. 240), uma relação denominada interdiscursividade, ou memória discursiva.

É por meio desse “mapa” relacional que é possível isolar, por meio da AD, aspectos materiais constitutivos de sentidos, posto que textos semelhantes podem gerar significados diferentes a depender das posições sustentadas pelos interlocutores em interação. Não necessariamente nesta ordem, portanto, a AD, enquanto metodologia, exige que se identifiquem as matrizes ideológicas que determinarão as condições de materialização de um dado discurso e que, em seguida, se constatem

⁷⁸ Pêcheux reforça, no entanto, que não há pura equivalência entre ideologia e discurso. Segundo o autor, o que existe é uma “‘intrincação’ das formações discursivas nas formações ideológicas” (2014, p. 147).

as formações discursivas (isto é, as matrizes de sentidos) que representam, por meio da linguagem, essas dadas formações ideológicas.

5.1.2 A SELEÇÃO DOS COMENTÁRIOS

De 9 de junho de 2019 até 5 de novembro de 2021, a Vaza Jato acumulou 109 reportagens publicadas no Intercept Brasil e nas páginas dos veículos parceiros⁷⁹. No total, 26 destas saíram na Folha de São Paulo, no período entre junho e dezembro de 2019. A presente análise delimitou as dez primeiras reportagens publicadas pelo jornal, partindo-se da expectativa de que a soma dos comentários de leitores nessas matérias seria capaz de constituir um corpus suficiente, de entre 200 e 300 comentários, já que a AD exige uma quantidade de textos que possa ser representativa do funcionamento de um tipo de discurso em um determinado período de tempo (BENETTI, 2007, p. 121).

Essas dez matérias foram publicadas entre os dias 23 de junho e 04 de agosto de 2019, um espaço de exatas seis semanas, e acumulam um total de 3307 comentários. Uma análise inicial deste material formou um corpus preliminar de 389 comentários, com base em duas sessões de leituras do material⁸⁰ sustentadas pela base teórica de AD. Nessa primeira rodada, foram considerados critérios de inclusão ao corpus: (1) menções à suposta fonte da Vaza Jato (sobretudo por meio de termos como “hacker”, “fonte”); (2) menções aos jornalistas e veículos envolvidos na cobertura, como FSP, Glenn Greenwald e o próprio TIB, por exemplo; (3) menções a si enquanto leitor (“sou assinante há x anos...”); (4) menções à profissão e suas práticas, por meio do termo “jornalismo” e correlatos, tais quais “reportagem”, “matéria” e “notícia”; e (5) menções a termos ligados ao Jornalismo Investigativo, sendo eles “investigar”, “denunciar”, “revelar”, “vazar” e “expor”, considerados também os substantivos de raízes semelhantes, como “denúncia” ou “investigação”, por exemplo.

Ao longo da constituição deste corpus preliminar, também excluí desse conjunto de comentários os textos que, apesar de conterem alguns dos termos inicial-

⁷⁹ Disponível em: <<https://theintercept.com/2020/01/20/linha-do-tempo-vaza-jato/>> Acesso em: 19 out. 2021.

⁸⁰ Foram excluídos do corpus já nessas sessões os comentários repetidos, os que não formaram frases cognoscíveis e o spam.

mente selecionados, discutiam: (1) juízos de valor sobre personagens das reportagens sem relação a seu conteúdo; (2) debates específicos sobre política, história e direito alheios ao jornalismo investigativo; (3) manifestações diversas à Vaza Jato, como ofensas entre usuários ou interpelações direcionadas a figuras públicas em geral. Em uma segunda rodada de análise, refiz esse procedimento para refinar o corpus. Nesta etapa, 84 comentários foram descartados.

Tabela 2 – O corpus da pesquisa

| Título da reportagem | Total de comentários | Comentários selecionados |
|--|----------------------|--------------------------|
| 1. Lava Jato articulou apoio a Moro diante de tensão com STF, mostram mensagens | 464 | 36 |
| 2. Lava Jato desconfiou de empreiteiro pivô da prisão de Lula, indicam mensagens | 347 | 43 |
| 3. Lava Jato e Moro atuaram para expor dados sigilosos sobre Venezuela, mostram mensagens | 370 | 32 |
| 4. Deltan montou plano para lucrar com fama da Lava Jato, apontam mensagens | 516 | 35 |
| 5. Dallagnol pede passagem e hotel para férias da família no Beach Park | 188 | 16 |
| 6. Mensagens apontam que Moro interferiu em negociação de delações | 390 | 38 |
| 7. Deltan foi pago por palestra em empresa citada na Lava Jato | 195 | 16 |
| 8. Moro achava fraca delação de Palocci que divulgou às vésperas de eleição, sugerem mensagens | 270 | 34 |
| 9. Deltan incentivou cerco da Lava Jato a Toffoli, revelam mensagens | 255 | 33 |
| 10. Moro omitiu palestra remunerada em prestação de contas como juiz federal | 312 | 22 |
| Soma: | 3307 | 305 |

Fonte: o autor.

Deste modo, excluídas as sequências discursivas⁸¹ que tratavam de assuntos diversos aos objetivos desta monografia, sobraram 305 comentários – o corpus consolidado. Estes, em maioria, interpelam sujeitos do discurso jornalístico: o veículo, o leitor/assinante (muitas vezes, de modo autorreflexivo), a fonte e o jornalista. É digno de nota que todos os comentários que restaram da análise estão inseridos em um contexto de debate entre leitores, o que reforça o sucesso do objetivo da FSP em dispor de suas caixas de comentários como uma espécie de fórum para a opinião pública. Para fins de identificação do material reunido, cada reportagem foi identificada sequencialmente de 1 a 10, por ordem temporal, adicionado o prefixo “T”. Já os comentários também foram nomeados em série, de 1 a 305, adicionado o prefixo “C”. Este corpus da pesquisa pode ser consultado, na íntegra, no Anexo I deste trabalho, inclusas as respectivas categorizações discursivas.

Tabela 3 – Identificação dos comentários do corpus da pesquisa

| Título da reportagem | Identificação da reportagem | Identificação dos comentários |
|--|-----------------------------|-------------------------------|
| 1. Lava Jato articulou apoio a Moro diante de tensão com STF, mostram mensagens | T1 | C1 a C36 |
| 2. Lava Jato desconfiou de empreiteiro pivô da prisão de Lula, indicam mensagens | T2 | C37 a C79 |
| 3. Lava Jato e Moro atuaram para expor dados sigilosos sobre Venezuela, mostram mensagens | T3 | C80 a C111 |
| 4. Deltan montou plano para lucrar com fama da Lava Jato, apontam mensagens | T4 | C112 a C146 |
| 5. Dallagnol pede passagem e hotel para férias da família no Beach Park | T5 | C147 a C162 |
| 6. Mensagens apontam que Moro interferiu em negociação de delações | T6 | C163 a C200 |
| 7. Deltan foi pago por palestra em empresa citada na Lava Jato | T7 | C201 a C217 |
| 8. Moro achava fraca delação de Palocci que divulgou às vésperas de eleição, sugerem mensagens | T8 | C219 a C250 |
| 9. Deltan incentivou cerco da Lava Jato a Toffoli, revelam mensagens | T9 | C251 a C285 |

⁸¹ Conforme Benetti (2016, p. 248), “a sequência discursiva é o trecho arbitrariamente recortado pelo pesquisador, do texto em análise, porque contém elementos que respondem à questão de pesquisa: seu início e seu final são definidos pela correspondência a essa questão”.

Fonte: o autor.

5.2 RESULTADOS DA ANÁLISE

Ao longo dos 305 comentários analisados, foram identificados seis sentidos provenientes de duas formações discursivas: uma iluminista-democrática e outra autoritária-moralista. Trago a seguir a AD do corpus, com exemplos dos sentidos encontrados. Dividi a análise em dois subcapítulos destinados para cada formação discursiva. Neles, há seções em que explico cada um dos sentidos encontrados e apresento exemplos. Cada comentário traz sua identificação correspondente, de acordo com o Anexo I deste trabalho. A grafia original dos textos foi mantida, incluindo eventuais erros ortográficos. As marcas discursivas, isto é, os trechos que acionam os sentidos localizados (SDs), estão em negrito.

5.2.1 FORMAÇÃO DISCURSIVA ILUMINISTA-DEMOCRÁTICA

Já identificada por Sartor (2016) em seu trabalho sobre a noção de interesse público no discurso de jornalistas, a FD iluminista-democrática traz o sentido nuclear do jornalismo como “apreensão da verdade visando ao progresso social e ao desenvolvimento da democracia” (SARTOR, 2016, p. 175). Nessa formação discursiva, que também foi identificada nos comentários sobre a Vaza Jato, leitores evocam uma memória discursiva que reafirma valores construídos no período da história em que a imprensa surge como peça fundamental das democracias, na Europa e nos EUA dos séculos XVIII e XIX. São comentários que valorizam, na esteira dos sentidos localizados por Sartor (2016), a relevância pública, o esclarecimento e a vigilância dos poderosos promovida pelas reportagens da Vaza Jato, ou mesmo a falta dessas características, em alguns casos.

Alguns verbos usados nessa FD, como “publicar”, “expor” ou “revelar”, demonstram o caráter de exposição pública de algo que ainda não era de conhecimen-

to dos cidadãos, que estava obscuro e foi esclarecido. Também há menções a termos ligados a essas noções, como “transparência”, “luz”, “verdade”, ou apelos às instituições democráticas, como a Constituição ou a própria sociedade civil. Nesse contexto, estão inseridos os sentidos de “revelação”, “confirmação” e “credibilidade”, respectivamente exemplificados a seguir.

Parabéns a folha por não se intimidar e expôr a corrupção de uma parte do judiciário. A partir de agora a folha passa a ser comunista por defender a transparência e a verdade. Quem matou o ministro do STF? Quem mandou matar Mariele? Onde anda o Queiroz? (T1; C20)

Bom resumo da lava-jato. **Sabemos que o tempo se encarregaria de jogar uma luz mais racional sobre os fatos, mostrar o que realmente foi a lava-jato, e os vazamentos do Intercept e parceiros só aceleraram esse processo.** (T9; C271)

Você precisa se informar melhor. **Se as informações são de interesse público como é este caso do conluio entre juiz e MP, mesmo que obtidas de forma ilícita, o jornalista tem todo o direito de publicar. Esta previsto na constituição.** A Folha já se cansou de publicar isso. leia a matéria de hoje sobre Moro. (T8; C224)

Contudo, nem todos os comentários inseridos nessa concepção iluminista-democrática são elogiosos à Vaza Jato. Alguns leitores apontam o que creem serem contradições entre esse dever-ser da imprensa e as reportagens publicadas. O sentido de “parcialidade” aponta que algumas pessoas, apesar de reconhecerem os papéis tradicionais da imprensa, veem na série investigativa uma postura contrária a Lava Jato que se traduz em uma subversão de ideais caros ao interesse público, por conta do papel da operação no combate à corrupção que estaria corroendo a democracia brasileira, além de atribuírem ao TIB e à FSP sentidos de partidarismo e associação à esquerda política que contaminariam a cobertura.

É natural que jornalismo vá fundo em temas polêmicos e de conhecimento público. Mas em alguns casos as instituições e a sociedade correm riscos. Certas notícias e comentários sugerem campanha contra a operação Lava Jato. Na Itália com a “Operação Mãos Limpas” ocorreu o mesmo porque atrapalhou políticos corruptos e a bandidagem pesada que se assemelhasse. O Juiz Giovanni Falcone foi assassinado em 23 de maio de

1992 em Palermo, Itália. **Que vergonha Jornalismo no papel de censor!?!** (T6; C174)

Deste modo, os quatro sentidos localizados dentro desta FD baseiam-se na noção de que o jornalismo deve ser norteado pela verdade, pelo interesse público e por valores que lhe confirmam a credibilidade necessária para atuar nos conformes dessa sua função de informar o público, como imparcialidade e isenção. Constituídos no seio de uma formação ideológica capitalista-liberal, são discursos que “reverberam vozes de um passado constituído pelo ideário iluminista, pelas revoluções liberais e pelos grupos, movimentos e pensadores ligados ao projeto de construção dos estados democráticos” (SARTOR, 2016, p. 163).

5.2.1.1 REVELAÇÃO

Como a Vaza Jato se trata de uma série de reportagens investigativas, nesta FD, o sentido de “revelação” mostrou-se o mais proeminente, em um a cada cinco comentários (20%) do corpus, um achado compatível com a ideia de que o Jornalismo Investigativo exerce a função de “cão de guarda” das instituições democráticas ao revelar o que estava sendo ocultado do público. A principal marca discursiva deste sentido são comentários que usam o verbo “revelar” e seus correlatos, ou sinônimos que remetem à ideia de mostrar algo, em um sentido de jogar luz à obscuridade, ou a algo que estava nos bastidores, em um lugar não visto e distante do exame público.

Parabéns à Folha de S.Paulo, o melhor jornal do país, pelas **reportagens que revelam os bastidores nada republicanos da Lava Jato**. (T1; C7)

Culpando a janela pela paisagem rapaz. **Jornalistas sérios divulgam. É notícia. Autoridades não podem cometer crimes para desvendar crimes. Nem operar nas sombras ao gosto político de A ou B**. Entendeu? (T3; C103)

Impossível não se indignar! **esta coletânea de reportagens trouxe luz aos esclarecimentos de tantos fatos obscuros na trajetória da, hoje, desmoralizada Lava Jato**. Moro/Dallagnol/e tantos outros se apropriaram do Ministério Público para tramar contra a democracia numa fraude sem precedentes. (T4; C144)

E esta divulgação invalida o fato em si? **A imprensa esta descortinando uma face que se desconhecia de Dalagnoll e Moro.** (T5; C151)

Vixe! **Colocaram tudo à luz do sol sob o escrutínio público** (...) (T6; C200)

Dessa maneira, também está presente o sentido de denúncia, concomitante ao de revelação, posto que a Vaza Jato revela uma irregularidade que ocorria às sombras e agora, publicada por jornalistas, deve ser corrigida e investigada pelos órgãos oficiais que falharam em coibir o que foi denunciado. São comentários que trazem SDs que, na esteira da FD iluminista-democrática, remetem ao ideário iluminista da imprensa como uma espécie de poder fiscalizador das instituições e à função de vigilância.

Parabéns, Folha, pela nova e necessária parceria. **Vamos trazer a verdade à tona para o bem da democracia. Como cidadão, me sinto ultrajado em saber que a lei é manipulável de acordo com os interesses de quem a aplica.** Trata-se de um crime contra todos nós cujo precedente, caso não seja punido e inviabilizado, tratá ares de legalidade a uma das maiores fraudes jurídicas da história do país. Conte conosco! (T1; C27)

Dou graças a Deus por **ter a imprensa livre! Além de serem muito corajosos, quem além deles iria expor tudo isso, se qualquer pedido de investigação é arquivado?** Só agradecer a Folha pela parceria e ao Glenn Greenwald (T3; C91)

O que o TIB está fazendo é a "Lava-Jato da Lava-Jato" que a direita xucra não esperava e a democracia precisava. Só quem ainda apoia cegamente esses atos desmascarados de Dallagnol e Moro são os grupos que se identificam com o cinismo e com a desfaçatez dessa moralidade hipócrita do bolsonarismo (...) (T5; C154)

Parabéns à Folha pelo jornalismo sério e independente. A divulgação dessas denúncias é fundamental para esclarecer e trazer à luz o sub-mundo da Lava Jato. (T9; C273)

Parte da ideia de revelação de algo “oculto” ao longo dos comentários se erige sobre o fato de que o material documental da Vaza Jato são mensagens privadas do coordenador da Operação Lava Jato, Deltan Dallagnol, que não teriam vindo à

tona se não por meios ilícitos. Apesar disso, muitas das SDs relevam a origem criminosa do vazamento (um hacker que invadiu o celular de Dallagnol e captou as mensagens), por conta do interesse público contido nos conteúdos dessas conversas e da gravidade do que as reportagens “mostram”.

Que privacidade tem, procuradores do MP - agente publico- para trapacear? Que privacidade tem , um juiz - outro agente publico- para julgar parcialmente um ex- presidente e alterar um processo eleitoral? **As conversas divulgadas, em momento nenhum, mostrou conversas íntimas entre os agentes públicos e seus familiares e amigos, pelo contrário! Mostrou o modo aéctico como esses agentes públicos, pagos com o dinheiro do contribuinte, utilizaram para fazer justiça!** Então, não é privado! (T8; C222)

(...) **Hackear é crime, mas não dá para ignorar as conversas que mostram todo um esquema para favorecimento próprio ou de amigos.** É o velho ditado: quem não deve, não teme. Já quem deve... ou nega ou diz que esqueceu. (T10; C292)

A prova foi obtida por meios ilegais, e os criminosos já estão pagando,ponto. Ninguém discute isso, o que se discute é que os "arautos da moral", cometiam atos ilegais, quando não criminosos, e os diálogos evidenciam isso. Não podemos avançar como sociedade, usando uma Lei para uns, outra para os adversários. (...) (T10; C296)

Outros comentários também citam diretamente a ideia de “verdade” por meio das reportagens.

Conhecereis a verdade e parabéns aos jornalistas. (T1; C30)

(...) Não conseguem interpretar um texto claro, não conseguem sufocar o próprio ódio! **Intercept mostrando a verdade**, Marcelo Odebrecht estaria na lista? Llula livre já!!! (T2; C74)

Por meio das noções de denunciar e revelar, o sentido de revelação atribuído pelos leitores à Vaza Jato está afinado com os conceitos usados por pesquisadores e jornalistas para definir o Jornalismo Investigativo, tido como um gênero que traz bastidores à tona e lança luz ao que os poderosos fazem nas sombras. O próximo sentido, no entanto, segue um caminho diverso.

5.2.1.2 CONFIRMAÇÃO

Alguns leitores, no entanto, não veem novidade ou a revelação de algo oculto ou desconhecido nas reportagens da Vaza Jato. Pelo contrário daquilo que o sentido de “revelação” evidencia, esses comentários apontam que a série confirma fatos já conhecidos ou comprova suspeitas que já estavam claras para os observadores mais perspicazes a respeito da atuação de personagens da Lava Jato, como Moro ou Dallagnol. Deste modo, ao JI é atribuída uma função de fornecer provas e trazer materialidade a hipóteses ou suspeitas dos leitores. Algumas de suas marcas discursivas são termos que denotam o que os leitores “já sabiam”, ou que a Vaza Jato forneceu as evidências definitivas de algo que já estava público.

Pela formação jurídica que tenho, sempre vi abusos praticados pelo ex-Juiz e pelo MPF no comando da Lava Jato. Mesmo sem o vazamento desses diálogos, era claro que todos atuavam numa espécie de "complô" e abusavam muito da boa-fé da população (...). (T2; C53)

Os fatos apresentados pelo intercepte, foram denunciados pelo jornalista Luis Nassif, há muito tempo, agora as provas apareceram, é um escândalo sem precedentes, mas da para notar que o corporativismo prevalecerá e não haverá punição a ninguém (...). (T4; C142)

Com mais estes vazamentos da TIB comprovamos as intenções não republicanas deste procurador. Desde aquele espetáculo do powerpoint percebeu-se a saga por visibilidade ao seu nome com o único intuito de lucrar com estas palestras. (...) (T4; C143)

Graças a essas reportagens, o Brasil tomou conhecimento dos interesses escusos dos "justiceiros" da Lava Jato. Mas, **quem é perpicaz, já tinha sacado a charada a cada atitude de Moro para se favorecer.** (T10; C294)

Alguns comentários, inclusive, vão além do conteúdo das mensagens vazadas e afirmam que as reportagens reforçam suspeitas de intrigas maiores ou comprovam teses que envolvem personagens externos à Lava Jato, como os norte-americanos ou a Rede Globo.

Com esses diálogos, fica provado o que tem se dito há algum tempo: a lava-jato é a nova Operação Condor latino-americana. (A Operação Condor foi uma ação das ditaduras latino-americanas para perseguir, prender, sequestrar lideranças e militantes políticos de esquerda em vários países da AL). A sugestão de vaziar a delação, tornar pública, não saiu da cabeça de Moro. Certamente foi encomendada direto do Departamento de Estados dos EUA - ou mesmo da CIA. (T3; C93).

Nesses meus quase meio século de vida, **aprendi uma coisa: tudo que essa Rede Globo apóia no campo da política é sempre contra os interesses da maioria do povo brasileiro.** Foi assim no golpe militar de 64, depois vindo a pedir desculpas e reconhecendo seu erro histórico. **Agora, apoiando a tal Lava Jato. Não demora reconhecer que errou novamente.** (T8; C186)

O que a Vaza Jato está mostrando confirma o que sabemos: a justiça é um mito criado para manter a sociedade iludida e coesa. Na realidade, como podemos ver, a justiça Não existe. (...). (T2; C73)

Esses comentários, de modo geral, consideram as reportagens da Vaza Jato como uma espécie de peça que se encaixa em um contexto maior que o leitor já vislumbrava antes da publicação da série investigativa. Este sentido está ligado ao modo com que leitores mobilizam suas próprias histórias de leituras e relacionam as reportagens lidas com outros textos já conhecidos. Conforme Benetti (2006, p. 4), “[o leitor] pode correlacionar o que lê a si mesmo, à própria história pessoal, bem como ao momento histórico em que vive e ao contexto de produção da obra”. Inseridos na FD iluminista-democrática, essas SDs evidenciam o papel do jornalismo em trazer informações que se somam aos conhecimentos particulares dos cidadãos (pouco importa aqui se equivocados ou não) sobre a sociedade em que vivem.

5.2.1.3 CREDIBILIDADE

A noção de credibilidade é acionada por leitores sempre que entram em contato com um texto jornalístico (LISBOA; BENETTI, 2017). Este conceito é regido por determinados valores, que são a independência, a imparcialidade, a honestidade, a objetividade, a defesa da democracia e a coerência (LISBOA apud SANTOS, 2019, p. 77-78). Ao longo dos comentários analisados, alguns desses valores foram atribuídos por leitores às reportagens investigativas da Vaza Jato de modo a referendar a

credibilidade identificada no conteúdo publicado, em particular o da defesa da democracia.

Essa reportagem explica muita coisa. **Ainda bem que existem os jornalistas, pena que o brasileiro não percebe a importância dessa profissão para a democracia.** (T2; C37)

Parabéns a Folha e Intercept pelo **compromisso com a transparência e democracia. JORNALISMO É PUBLICAR TUDO O QUE NÃO QUEREM, O RESTO É PUBLICIDADE!** (T1; C15)⁸²

Jornalismo de verdade em defesa do Estado Democrático de Direito. Parabéns à Folha pela brilhante parceria com o Intercept Brasil e pela aula de isenção. Espero continuar vendo a cobertura das falcaturas orquestradas pelo conluio entre procuradores e juizes a fim de dilacerar o CPP com o objetivos políticos! (T7; C203)

Jornalismo é assim. Você recebe material, checa as informações para ter certeza de sua veracidade e, caso sejam de interesse público, publica-se. Moro e seus acelas até agora não disseram que as mensagens trocadas são mentirosas. Porque sabem que não são. **Para garantir a democracia, cabe ao jornalista o direito de sigilo da fonte.** Está na Constituição. (T8; C245)

Além disso, o fato da série ter mobilizado uma ampla cooperação jornalística é percebida como um fator de autenticidade às revelações, de modo que a cobertura por parte de jornais de diferentes posições políticas reforçou a imparcialidade e a objetividade do conteúdo. Na época, outros veículos que também publicaram os diálogos vazados também são citados como forma de conferir veracidade às informações reportadas.

(...) **No momento que vi Glenn envolvido, que vi Reinaldo Azevedo, um dos caras mais antipetistas que já vi a Folha e até a Veja envolvida, sabia que o conteúdo era verídico.** (...) (T2; C51)

claro que são verdadeiras a Veja confirmou tudo. (T3; C106)

⁸² Neste caso, creio que a leitora quis dizer “jornalismo é publicar o que alguém não quer que seja publicado, todo o resto é publicidade”, frase famosa popularmente atribuída a George Orwell.

Todas estas mensagens precisam serem analisadas por perícia idônea e competente. **Todavia, após organizações sérias e renomadas como a revista Veja e agora a Folha de São Paulo sinalizarem para sua veracidade, a situação de Moro, Dalagnoll, e outros procuradores, realmente se complica.** (T4; C132)

(...) **O trabalho da Intercept com a participação da Folha, da revista Veja, Band News e alguns comunicadores é muito importante** até para dar ao STF a oportunidade de melhorar sua imagem diante de tantos atropelos jurídicos **Parabéns ao bom jornalismo livre e partidário..** (T5; C150)

De acordo com Lisboa e Benetti (2017, p. 55), a competência e a integridade são dois dos princípios para que o leitor veja credibilidade em um narrador. Este sentido é reforçado pelo modo que diversos comentários saúdam as premiações recebidas pelo jornalista Glenn Greenwald anos antes, à época da cobertura do caso Snowden, o que é trazido como sinal da experiência. O Prêmio Pulitzer recebido pelo norte-americano é mencionado como sinal de competência e integridade.

Folha se coloca ao lado do The Guardian e do Washington Post que publicaram as revelações de Snowden e receberam o prêmio Pulitzer de jornalismo. Esse congresso da Abraji vai ser uma piada. Aqueles que receberam os vazamentos da Lava-jato ao lado do pessoal do Intercept. Kkkk... (T1; C9)

Tanto o site como seus responsáveis são pessoas de caráter idoneo, conhecidos internacionalmente, o site e o jornalista ganharam o Prêmio Pulitzer e o Prêmio Polk, os maiores prêmios jornalísticos do mundo, junto com dois jornais o "The Guardian" da Inglaterra e o Washington Post dos USA. (...) (T3; C171).

Melhor cancelar mesmo, pois mal sabe o que é jornalismo e quais são os direitos constitucionais garantidos a jornalistas, como proteção ao sigilo da fonte e liberdade de imprensa. **Aproveite e leia também sobre o caso Watergate e o caso Snowden para descobrir o que é jornalismo de verdade. Já se prefere publicidade governamental ou partidária, vá ler o antagonista mesmo...** (T2; C44)

Glenn recebeu o maior prêmio concedido a um jornalista por conta das publicações que fez. (T10; C298)

Em outros casos, a própria ideia de interesse público é evocada como sinal de credibilidade ao material publicado, sobretudo diante de críticas que comparam o

papel do Intercept como recipiente das informações hackeadas com a receptação de uma espécie de carga criminosa.

A procedência das mensagens não invalida sua divulgação, porquanto tema de interesse público. O Intercept e a FSP estão perfeitamente conformes à lei. Já o mesmo não se pode dizer de Moro, como detalhado em diversos outros comentários aqui. (T8; C231)

A folha não recebe, o intercept que publica e eles relatam. Embora fonte criminosa, são de interesse público, afinal trata-se de promotores de justiça e membros do STF. Não podemos comparar as mensagens como receptação de carga roubada ou drogas. São coisas bem diferentes. (...) (T9; C259)

Não. Não é um caso de desmanche de carro roubado. Trata-se de informações de alto interesse público, considerando que juiz e procuradores são funcionários públicos e, no exercício da função pública, o que fazem com recursos custeados pelos impostos que pagamos, e tem, inescapavelmente, de se dar dentro da Lei. Não há como criminalizar o jornalista. (T9; C258)

Na esteira da noção de credibilidade como um sentido acionado pelo leitor ao entrar em contato com um texto jornalístico, é esperado que jornalistas e seus veículos sejam os sujeitos diretamente interpelados na maioria desses casos. Por outro lado, os valores aqui associados à ideia de credibilidade também podem constituir um ideário a partir do qual leitores podem “descredibilizar” um locutor.

5.2.1.4 PARCIALIDADE

Um dos valores ligados à credibilidade, nos termos de Lisboa (apud SANTOS, 2019, p. 76), a imparcialidade está ligada à ideia de isenção, neutralidade e equidade e está mais diretamente relacionada ao modo com que jornalistas tratam e selecionam os fatos. Este valor está em um nível normativo-técnico da profissão e, de acordo com Santos (2019, p. 78), deve ser compreendido também em um sentido de apartidarismo. No caso da Vaza Jato, alguns leitores questionaram a credibilidade das reportagens por entenderem que uma associação da FSP com o TIB depõe contra a credibilidade do jornal, por considerarem o site parcial, partidário e injusto na cobertura. Muitos foram mais diretos ao associar diretamente o TIB a partidos políti-

cos, sobretudo ao PT, um dos alvos da Operação Lava Jato e cuja figura central, o presidente Lula, correspondia ao antagonista do juiz Sergio Moro, apresentado pela mídia com um herói que combatia a corrupção petista (RODRIGUES, 2017).

Folha em parceria com The Intercept, lamentável. É muito interesse para trabalhar para uma agenda petista. (T1; C4)

A imparcialidade da Folha, tão necessária para o trato dessa matéria, foi para o espaço no momento em que declarou-se parceira do The Intercept. Lamentável. (T1; C10)

E daí, ninguém é obrigado a promover palestras gratuitas, Ele cobrou este preço, como poderia cobrar de outra forma. **Somente cego ou quem não quer enxergar não percebe que este jornalista estrangeiro e seu site está a serviço dos impostores pegos pela lava jato. O deputado casado com ele o tempo todo demonstra ser aliado da esquerda. Para o bom entendedor meia palavra basta, do contrario nada basta porque seus interesses interligados a paixões partidárias falam mais alto.** (T5; C156)

Era o que faltava neste panfleto que um dia foi um Jornal de credibilidade: Matérias assinadas por membros do The IntercePT Brasil. Pelo jeito há um joint venture entre Folha e Hackers. (T6; C191)

A Folha não vai conseguir destruir a Lava-jato. Parece um panfleto petista! (T9; C267)

As referências a termos como “panfleto”, “IntercePT”⁸³ ou “Foice”⁸⁴ buscam atribuir de maneira direta partidarismo e parcialidade ao jornal, que, ao publicar a Vaza Jato, estaria contemplando uma agenda contrária à do interesse público, por supostamente se opor ao combate à corrupção promovido pela Lava Jato.

(...) Ora, a Folha não está contribuindo para a melhora no discernimento das pessoas, sobre o que é ético ou não. **Lamento muito que esse jornal, que sempre defendi por sua imparcialidade, se deixe levar pela cobiça e não pelo interesse público.** (T4; C121)

⁸³ Trocadilho entre o nome do site, The Intercept, e o do Partido dos Trabalhadores (PT).

⁸⁴ Trocadilho entre “Folha de São Paulo” e “Foice de São Paulo”. A referência à foice seria à ferramenta que, junto ao martelo, forma o símbolo do comunismo.

A Foiha virou Jornal Panfletário do Lullupetismo! Rararaaaaaaaaááááá!
(T4; C116)

Sou leitor desta folha, e serei. Mas tá ficando chato e massante essa determinação em diminuir a lava jato. A associação com o The Intercept é o pacto com o jornalismo raso. E o pior é ler: " não se trata da lava jato ...é o devido processo legal.." Esse manchetismo maniqueísta é tecnicamente um "porre". (T5; C158)

Sou leitor desta folha e continuarei. Agora, falar sobre a cultura do desperdício no nosso país seria uma contribuição mais contrutiva que a **tentativa, nada sutil, de apequenar e destruir a maior operação anti corrupção do planeta.** (T6; C194)

Este sentido ainda assim se insere em uma formação iluminista-democrática pelo reconhecimento implícito de critérios e valores ligados à credibilidade jornalística, e se concretiza justamente na não identificação desses valores nas reportagens da Vaza Jato segundo a ótica desses leitores. Com isso, são comentários que, de modo geral, têm a defesa da Lava Jato como um pano de fundo. Entretanto, rejeições mais coléricas ao jornalismo em si e fora de pressupostos iluministas, no entanto, existem e se realizam em outra formação discursiva identificada.

5.2.2 FORMAÇÃO DISCURSIVA AUTORITÁRIA-MORALISTA

Oposta à FD iluminista-democrática, esta formação discursiva parte de pressupostos antidemocráticos e antiliberais que a tornam autoritária, a ponto de princípios constitucionais erigidos a partir da tradição iluminista, como a liberdade de imprensa, serem questionados por alguns dos leitores. De maneira geral, as SDs nesta matriz de sentidos apresentam sinais de um radicalismo que não tolera a existência de certos partidos nem da controvérsia política, características democráticas básicas que tendem a ser suprimidas por regimes autoritários. Esses sentidos partem da visão de que a Vaza Jato foi um ataque desonesto à Lava Jato, operação que estaria moralizando o país e limpando as instituições, infiltradas por bandidos e corruptos.

Decepçono-me com a folha, se alinhando aos grandes bandidos deste país, covardemente infiltrados nos tribunais, na câmara, no senado e em órgãos públicos. Quando afortunadamente, surge um grupo de homens

e mulheres de valor, que corajosamente enfrentam o câncer da corrupção e estes bandidos poderosos reagem e usam de todos os meios para estancar a sangria e proteger os corruptos, tentando destruir a "Lava Jato". Vou cancelar minha assinatura, não merece mais o meu respeito.(T1; C1)

Há, portanto, um pano de fundo moral que justifica o autoritarismo. Dessa maneira, esta FD, além de autoritária, também é moralista, pela maneira que endossa o projeto “lavajatista” de Justiça. Assim, a Lava Jato se trata de um fim moral defendido por meios autoritários, em um modelo punitivista no qual os bons lutam contra os maus, e que assume os moldes de uma batalha que mobiliza arquétipos heróicos à figura de Sergio Moro enquanto a figura de vilão fica reservada ao ex-presidente Lula (RODRIGUES, 2017). Ao analisar artigos jurídicos escritos por Moro antes do advento da Lava Jato, o cientista político André Singer identificou a defesa por parte do ex-juiz de mecanismo de exceção, avessos aos direitos dos acusados, a pretexto de estratégia de combate contra sistemas corruptos.

Chama a atenção no artigo de Moro a referência ao papel desempenhado por mecanismos de exceção, como a detenção prolongada, o isolamento dos presos e até a difusão de informações falsas (...). Tais meios ficam justificados pelo fim a ser alcançado: a desmontagem do “sistema corrupto”, o que só acontece se participantes do esquema revelarem os fatos que conhecem. Os recursos excepcionais utilizados pelos profissionais da justiça são calculados e justificados para vencer o “sistema corrupto”, o qual seria extremamente poderoso (SINGER, 2018, p. 234-235).

Com isso, os comentários desta FD radicalizam acusações de parcialidade ou partidarização e transformam a Lava Jato em uma espécie de cruzada do bem contra o mal, em que todos os opositores devem ser combatidos, inclusive jornalistas. Para isso, esses leitores chegam a deslegitimar até a própria atividade jornalística em sua natureza constitucional.

Que papelzinho feio da FSP.... virou folhetim de fofoca escondido atrás da liberdade de imprensa. A liberdade sem responsabilidade será a missão deste jornal ? Depois não reclamem... (T5; C153)

Querem destruir a vida de quem contribui para um Brasil melhor, está e a função da imprensa , destruir para conseguir benesse (T5; C162)

Uma longa matéria. Proporcional à sua inutilidade. **O folhetim de spaulo persegue o desjornalismo com afinco. Abusa da liberdade sem responsabilidade.** (T6; C195)

Deste modo, os dois sentidos que se inserem nesta FD autoritária-moralista envolvem ataques à imprensa por meio de juízos morais. Um primeiro se foca em juízos negativos acerca da integridade, idoneidade e honestidade de jornalistas e suas fontes, por meio de um sentido de manipulação e distorção dos fatos. Essas armações seriam deliberadamente realizados pelos jornalistas por conta de uma suposta associação destes com os tipos de organizações criminosas as quais a Lava Jato combatia e que se apoderaram das instituições brasileiras. O segundo sentido é mais direto e tem origem em uma criminalização da atividade jornalística por conta da suposta oposição da Vaza Jato à Operação Lava Jato, sobretudo pela fonte que revelou as mensagens privadas publicadas.

5.2.2.1 MANIPULAÇÃO

De acordo com Lisboa e Benetti (2017, p. 53), “a credibilidade é um predicado que está amparado em valores éticos e morais” que, no jornalismo, está ligado à atribuição a um dado locutor, por parte dos leitores, de alguns valores (independência, imparcialidade, honestidade, objetividade e coerência). A manipulação dos fatos, dessa maneira, é a perversão dos valores que o leitor espera de um jornalista, nos quais repórteres agiriam de forma subjetiva, incoerente, dependente, parcial e desonesta, com o objetivo de satisfazer interesses obscuros e inconfessáveis, uma violação grave da ética jornalística⁸⁵. O sentido de manipulação, dessa maneira, traz principalmente juízos morais e especulações acerca do caráter de jornalistas e seu trabalho, ao suporem que os próprios valores basilares da profissão estão a serviço da corrupção ou do PT.

O vazamento manipulado só tem demonstrado a eficiência da LJ na missão de dizimar a corrupção apesar da cleptocracia vigente na época. Siga em frente FSP, apesar do péssimo jornalismo. (T2; C68)

⁸⁵ O acesso à informação veraz, precisa, correta, de interesse público e sem censura é um direito fundamental que cabe aos jornalistas zelarem. Disponível em: < https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf> Acesso em: 04 ago. 2021.

Sabr Biten a senhora mesmo confirma que **Glenn Greewald edita seus vazamentos e coloca o que quer**. Se muda o nome das pessoas, muda qualquer coisa. **GG não faz jornalismo, está tentando desmoralizar sem sucesso a Lava Jato com fins políticos. Ele é um militante fantasiado de jornalista**. Quanto à análise da FSP, que compara com mensagens de jornalistas, é brincadeira. **A edição é seletiva. Obviamente mantém o que interessa para dar ares de credibilidade, não comprova nada.** (T2; C45)

Ja até cancelei a assinatura desse jornal, de tão tendencioso que é. (...) (T5; C149)

Senso de razoabilidade passa ao largo do jornalismo tendencioso. (T5; C147)

Reportagem cheia de maledicência e insinuações contra um Procurador que apenas cumpriu o seu papel de combater a corrupção e o crime organizado. Lamentável (...) (T9; C274)

Muitos dos comentários valorizam as supostas virtudes morais do ex-juiz Sergio Moro e do ex-procurador Deltan Dallagnol diante da Vaza Jato, celebrando a condução dos processos e diminuindo as revelações das reportagens. Nessa perspectiva, as violações éticas denunciadas, no lugar de ações reprováveis, como a FSP estaria tentando dar a entender, seriam atuações impecáveis de agentes públicos que cumpriram seu papel de prender corruptos. Algumas SDs também sugerem que jornalistas não têm a retidão e credibilidade que têm os membros da Lava Jato.

Se esses diálogos de origem espúria e inidônea tivessem alguma procedência, mostram a integridade e a lisura de Sérgio Moro e dos procuradores da Lava Jato. Discutiam tornar público assuntos referentes à Venezuela de forma absolutamente legal. **A FSP está construindo uma narrativa para tentar trazer de volta a corrupção no país.** (T3; C83)

O que foi publicado até agora, supondo que seja verdadeiro, não tem nenhuma importância para questionar a imparcialidade e a competência de moro. Entendo a frustração de quem esperava alguma bomba para livrar seu ídolo cor rupto e se separa com mensagens que são um atestado de ética e honestidade para os integrantes da operação lava a jato. Todos sabem que é normal contato entre juízes procuradores na busca da verdade, para condenar ou absolver réus. Ministério público não é parte. (T1; C11)

Era pra ser uma acusação ao Moro e ao MPF? Pq a matéria saiu como uma exaltação kkk. Parabens aos procuradores por revelarem ao povo venezuelano na mão de quem estão. (T3; C111)

Matéria gigante é atestado de probidade de Dallagno! Custo a acreditar que tudo isso foi escrito 'no interesse público' ou 'por relevância jornalística'. Ambas as hipóteses não estão presentes. Ombudsman da Folha escreveu texto onde indaga: 'Folha e IntercePT, nada a ver'? (...) (T7; C201)

Mais um traque da The Intercept Folha. **O texto se esgueirou e se contorceu, mas só conseguiu provar a lisura de Moro e dos procuradores.** (T8; C251)

Além disso, os leitores acusam a Vaza Jato de ter objetivos políticos que beneficiariam os alvos da Lava Jato, como Lula e o PT – e por vezes a origem ilícita do material vazado é apontada como evidência dessa maquinação jornalística.

Série de reportagens com base em dossiê roubado por hacker preso, em parceria com IntercePT, parece ter chegado à fase 'cult'. É aquela em que o esforço da construção da tese é inversamente proporcional ao interesse do público. (T8; C237)

Quem redigiu a manchete deve ter pensado em usar a expressão 'montar um esquema', mas achou mais suave o 'montar plano'. **Reportagem é um apelo por leitores, visando maior faturamento. Este seria, digamos, o objetivo institucional. Há ainda o objetivo ideológico, que é arranjar pretexto para soltar Lula.** Não passarão. (T4; C123)

Tudo isso que a Folha está montando é uma grande farsa para tirar o Lula da cadeia. Não existe hacker obtendo conversas dos procuradores nos celulares, pois o Telegram já disse que seu sistema é inviolável (...) (T2; C49)

OK, digamos que todos esses diálogos sejam verdade, isso não transformará criminosos em santos inocentes nem aqueles que publicaram as matérias em novos heróis. **Poucos percebem que todo esse oba oba é para desviar intencionalmente o foco e desacreditar toda uma estrutura montada para combater a corrupção e o crime organizado,** onde por causa de alguns, todos os outros integrantes são equiparados a eles (T5; C159)

Nesse sentido de manipulação, portanto, quando leitores não insistem que houve distorção ou seletividade no trato das mensagens vazadas, afirmam que o conteúdo das reportagens, na realidade, revela a retidão e o bom trabalho da Lava

Jato e que não houve violações. Esse discurso está de acordo com as respostas oficiais do próprio Sergio Moro à veiculação das matérias. Em suas notas à FSP e ao TIB⁸⁶, o então ministro da Justiça costumava repetir o mesmo discurso. Dizia não reconhecer a autenticidade das mensagens que podiam “ter sido adulteradas total ou parcialmente” e acrescentava que “mesmo se as supostas mensagens citadas na reportagem fossem autênticas, não revelariam qualquer ilegalidade ou conduta antiética” com o objetivo de anular condenações e impedir novas investigações.

5.2.2.2 CRIMINALIZAÇÃO

Este sentido, de modo geral, se limita a qualificar os sujeitos do discurso jornalístico (veículos, fontes e jornalistas) como agentes criminosos ou cúmplices de atos ilícitos. A origem do vazamento que possibilitou a Vaza Jato, o hackeamento de mensagens privadas, de fato, foi ilícita. Esses leitores, no entanto, acusam o TIB de ter participado das violações de celulares ou tê-las encomendado e comparam a publicação das reportagens com o crime de receptação.

A FSP tentando justificar o injustificável. **Publicando diálogos oriundos de um criminoso reincidente fichado como estelionatário e praticante de outros crimes em prejuízo de pessoas que têm por objetivo o melhor desempenho de suas funções e buscam um país melhor. O receptor Glenn Greenwald também cometeu crime** ao, sabedor da fonte ilegal da informação, publicá-la em seu site com o único objetivo de promoção pessoal já que nada investigou. Apenas pagou ao estelionatário pelo crime cometido. (T8; C247)

Folha revela sua face cada vez mais. **Alia - se agora a hackers sujos e da espaço a "jornalistas" antiéticos.** (T1; C25)

Criminosa atuação do jornal, cúmplice da ascensão do PT e beneficiário de dinheiro do partido da corrupção. Não pediu passagem mas pediu verba publicitária. Agora o esforço é tirar al Capone Lula da Silva da cadeia (T5; C160)

Agora a Folha decidiu de vez trabalhar com sites criminosos como o intercept Brasil ; é a confirmação da decadência editorial do grupo Folha UOL . Vida longa ao herói Sérgio Moro. (T6; C179)

⁸⁶ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/07/lava-jato-e-moro-atuaram-para-expor-dados-sigilosos-sobre-venezuela-mostram-mensagens.shtml>> Acesso em: 05 nov. 2021.

Com o agora conhecimento de que as mensagens são de origem criminosas...a folha mesmo assim publica assumindo a posição de receptor...lamentável... (T9; C257)

Complementando: como já está **provado o Hacker Valter é um grande estrelonário**, segundo a PF. Então é **inconcebível que ele tenha dado tudo de mão beijada para Greenwald e Manoela Dávila no que era o maior golpe de sua vida. Daqui a pouco aparecerá os valores e quem os remunerou.** Não existe almoço grátis nesta área de pirataria e busca pelo poder maior do país. (T8, C226)

Em alguns casos, há a sugestão de que jornalistas devem ser investigados ou punidos, na linha de um espírito autoritário de cerceamento à liberdade de imprensa, com questionamentos sobre seus limites, inclusive no âmbito do sigilo da fonte.

Anonimato é ilegal, além de ser covardia. Reportagem que não prova nada. (T2; C70)

O Amigo do VerdeValdo, já deu salvo conduto, em nome do Bozonaro, por isso essas diarreias em gotas. **O cara ficou intocável, pode escrever qualquer coisa que ninguém pode investigar** (T6; C189)

Folhinha! Va investigar coisas importantes como os roubos do PT. Contabilizem quanto do PIB foi desviado. Quanto deixamos de crescer, etc. **Não é porque é um órgão de imprensa que podem ficar divulgando notícias sabidamente obtidas e editadas por criminosos.** (T1; C5)

Resta questionar. **O Jornalista pode ou tem o direito de receber dados ou informações frutos de roubo e ficar por isso mesmo?** É isso? Estimulando ainda mais esse crime. **A meu ver não. Isso não é liberdade de imprensa é liberdade para roubar e incentivar a criminalidade, assim como uma carga roubada com direito a vender o produto do roubo. Esse "Jornalista" precisa responder na Justiça por isso. Folha de S.Paulo é conivente e cúmplice.** Roubaram um carga de Ouro dias atrás. Não tem interesse?? (T8, C223)

Farsa do intercept revelada. **Cadeia para Gleen e David** (T2; C40)

O ci nismo sem precedentes deste jornal em parceria com a agência criminosa chamada intercept é sem paralelo e revoltante. Até quando e até quem a dupla David o marido e Gleen o whatever continuarão a rir das leis do país para libertar Al Capone? (T3; C105)

Dessa maneira, o sentido de criminalização é, de modo geral, uníssono, ao questionar as bases da liberdade de imprensa e insinuar que jornalistas teriam cometido crimes no exercício da profissão.

5.2.3 PERCEPÇÕES SOBRE A ANÁLISE

Um breve levantamento quantitativo permitiu mapear quais os sentidos mais frequentes dentro dessas duas FDs. O sentido de manipulação (27%) foi o mais presente, seguido pelos de revelação (20%), credibilidade (19%) e criminalização (16%), em valores arredondados. Os sentidos menos frequentes foram os de parcialidade (10%) e de confirmação (7%).

Tabela 4 – Definições dos sentidos e formações discursivas no discurso dos leitores

| FDs/Sentidos | Conceito |
|------------------------------------|---|
| FD1: iluminista-democrática | Matriz de sentidos que evoca valores constituídos no período em que a imprensa surge como peça fundamental das democracias, na era iluminista. São valores liberais e democráticos, ligados às noções de verdade e progresso social. |
| Revelação | Sentido que remete à ideia de revelar algo, trazer à luz, iluminar a obscuridade e mostrar os bastidores, o que estava escondido. |
| Confirmação | Noção de que as reportagens da Vaza Jato não revelaram nada de oculto, mas apenas confirmaram ou forneceram provas a suspeitas que leitores já tinham sobre a Lava Jato. |
| Credibilidade | Comentários que atribuem à Vaza Jato valores associados à credibilidade jornalística, como independência, imparcialidade, honestidade, objetividade, coerência e defesa da democracia. |
| Parcialidade | Sentido no qual FSP e TIB são considerados partidários demais (à esquerda política) para cobrir a Lava Jato com a imparcialidade devida. |
| <hr/> | |
| FD2: autoritária-moralista | Matriz de sentidos que vê a Lava Jato como uma cruzada moral contra bandidos e corruptos infiltrados nas instituições brasileiras, e que não hesita em defender a supressão de garantias constitucionais para que os fins moralizantes da Operação sejam atingidos, nem que para isso seja necessário prender jornalistas ou suspender o devido processo penal. |

| | |
|----------------|--|
| Manipulação | Sentido no qual diferentes graus de perversão moral são atribuídos aos jornalistas, o que os propenderia a distorcer e manipular fatos sobre a Lava Jato, motivados sobretudo por interesses obscuros e ligados à defesa do sistema corrupto que Moro e Dallagnol tentam combater. |
| Criminalização | Noção na qual sujeitos do discurso jornalístico são vistos como agentes criminosos ou cúmplices de atos ilícitos, e que deveriam ser punidos. |

Tabela 5 – Análise quantitativa dos sentidos no discurso dos leitores

| Sentido | Comentários | % |
|------------------------------------|-------------|--------------|
| FD1: iluminista-democrática | 172 | 56,4% |
| Revelação | 62 | 20,3% |
| Confirmação | 21 | 6,9% |
| Credibilidade | 58 | 19% |
| Parcialidade | 31 | 10,2% |
| ----- | | |
| FD2: autoritária-moralista | 133 | 43,6% |
| Manipulação | 83 | 27,2% |
| Criminalização | 50 | 16,4% |
| Total: | 305 | 100% |

O levantamento também aponta que a formação discursiva iluminista-democrática prevaleceu, compondo 56,4% do corpus analisado, enquanto a FD autoritária-moralista ocupou 43,6% dos comentários analisados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou identificar os sentidos atribuídos pelos leitores da FSP às reportagens investigativas da Vaza Jato, realizadas em parceria com o TIB. Para chegar aos resultados descritos acima, segui um panorama histórico do Jornalismo Investigativo nos EUA e depois no Brasil, além de traçar os principais conceitos atribuídos à atividade por meio de uma revisão bibliográfica. Em seguida, fiz o mesmo com a Operação Lava Jato, a FSP, o TIB e a Vaza Jato, de modo a estabelecer as condições históricas e sociais que permitiram o florescimento de cada um desses sujeitos e acontecimentos no contexto brasileiro. Em seguida, produzi um capítulo teórico que estabeleceu as relações entre jornalismo e discurso, com base em Bennetti (2006; 2007; 2008; 2016; 2020) e Orlandi (2005).

Esses levantamentos históricos e teóricos foram necessários para estabelecer os referenciais necessários para uma análise do discurso de leitores da FSP. O objeto analisado foram os comentários desses leitores publicados nas caixas de comentários do site do jornal. Os resultados dessa análise estão descritos na tabela 4 desta monografia, com as definições dos sentidos e formações discursivas identificadas, seguido de uma análise quantitativa, disponível na tabela 5, com os sentidos mais frequentes e a FD mais predominante.

Considero que um dos principais achados desta monografia é a caracterização do discurso autoritário com que uma parcela considerável das sequências discursivas analisadas (43,6%) atacou o Jornalismo Investigativo da Vaza Jato. Por meio da revisão histórica que produzi, penso que é razoável pressupor que este “ovo da serpente” foi gestado, em parte, pela própria imprensa tradicional oligopolista, pelo modo que os principais veículos do país se permitiram instrumentalizar a serviço da Lava Jato e seus propósitos autoritário-moralistas. Esse tipo de alinhamento da mídia brasileira, contudo, não é incomum, afinal, em outras oportunidades da história brasileira, parte desses veículos de comunicação também embarcaram em outros projetos políticos de verve autoritária-moralista, a exemplo do golpe de 1964. Outros estudos focalizados mais especificamente na análise do discurso da Lava Jato e seus agentes poderão esclarecer melhor a influência dessa formação discursiva na esfera pública brasileira contemporânea, inclusive na imprensa.

Por outro lado, este trabalho também identifica uma correspondência entre os sentidos atribuídos por leitores à Vaza Jato e as definições teóricas de Jornalismo Investigativo, o que indica um alinhamento entre a produção jornalística e as expectativas de parte de seu público, ao menos entre aqueles que adotam uma visão de mundo preocupada com a democracia e valores iluministas. Com base nas percepções dessa parcela analisada do leitorado, penso que o JI pode ser uma ferramenta importante para a construção e reafirmação da credibilidade do jornalismo perante essas audiências. Tais indícios, no entanto, também precisam ser melhor avaliados e testados em estudos futuros.

Por fim, acredito que hoje a imprensa brasileira vive uma retomada do JI, após anos de um marasmo causado pelo fenômeno do Jornalismo sobre Investigações descrito por Nascimento (2007), que foi turbinado com o advento da Lava Jato a partir de 2013 (uma relação de causa-consequência que é perceptível, mas precisa ser melhor estabelecida por um estudo que teste especificamente essa hipótese). Com isso, penso que o cenário atual é fértil para a reafirmação do jornalismo como uma profissão importante para a democracia e para o bom funcionamento das instituições. Em minha opinião, pelo fato dessa função justamente ter sido enfraquecida nos últimos anos, é que projetos autoritários-moralistas proliferaram, com repercussões danosas ao Estado brasileiro que perduram até o presente momento. Por essa razão, penso que o fortalecimento do bom jornalismo e da JI podem ser uma das soluções frente à barbárie dos discursos anti-iluministas e antidemocráticos.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Cláudio. **A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 270 p.

AUGSTEN, Patrícia. **A significação jornalística da Justiça: uma análise da cobertura da cobertura da Lava Jato na Folha de S. Paulo**. 2019. 232 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2019.

BENETTI, Marcia. **Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica**. Revista Intexto, Porto Alegre, n. 14. p.1-11, jun. 2006.

BENETTI, Marcia. Análise do discurso em Jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 107-121.

BENETTI, Marcia. **O jornalismo como gênero discursivo**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 15, p. 13-28, jun. 2008.

BENETTI, Marcia. Análise de discurso como método de pesquisa em comunicação. In: MOURA, Cláudia P.; LOPES; Maria I. V. de. **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2016. p. 235-256.

BENETTI, Marcia. **Os leitores como comunidade discursiva**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 182-193, mar. 2020.

CARVALHO, Laura. **Valsa brasileira: do boom ao caos econômico**. São Paulo: Todavia, 2018. 192 p.

CODATO, Adriano. **O conceito de ideologia no marxismo clássico: uma revisão e um modelo de aplicação**. Política & Sociedade, Florianópolis, V. 15, n. 32, p. 311-331, abr. 2016.

CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**: a imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 719 p.

COSTA, Breno. **“Uma banda de punk rock”**: como o The Intercept ergueu um abrigo para o Jornalismo Investigativo no Brasil. 2019. Disponível em: <<https://gijn.org/2019/02/20/the-intercept-brasil-investigativo/>> Acesso em: 27 jul. 2021.

DALMONTE, Edson; QUEIROZ, Caio Cardoso de. **A vigilância como prática e valor jornalístico na cobertura da #VazaJato**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 238-250, out. 2020.

DEMORI, Leandro; GREENWALD, Glenn; REED, Betsy. **Como e por que o Intercept está publicando chats privados sobre a Lava Jato e Sergio Moro**. 2019. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/06/09/editorial-chats-telegram-lava-jato-moro/>> Acesso em: 29 jul. 2021.

DEMORI, Leandro; GREENWALD, Glenn. **Anunciamos nossa parceria jornalística com a Folha no arquivo da Vaza Jato – e as impropriedades reveladas na primeira reportagem conjunta com o jornal**. 2019. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/06/23/intercept-folha-vaza-jato-moro-lava-jato/>> Acesso em: 31 jul. 2021.

DUARTE, Leticia. **Vaza Jato**: os bastidores das reportagens que sacudiram o Brasil. Rio de Janeiro: Mórula, 2020. 320 p.

FOLHA DE SÃO PAULO. **1985 - Novos rumos**: depois da redemocratização. Depois da Redemocratização. 2019. Disponível em: <<https://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/projetos-editoriais-anteriores/1985-novos-rumos.shtml>> Acesso em: 25 jul. 2021.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Série de reportagens da Folha explora mensagens obtidas por site The Intercept Brasil**. 2019. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/06/serie-de-reportagens-da-folha-explora-mensagens-obtidas-por-site-the-intercept-brasil.shtml>> Acesso em: 31 jul. 2021.

FREITAS, Ásafe Bueno. **A Vaza Jato e o Jornalismo Investigativo**. 2019. 60 p. Monografia (Bacharelado em Jornalismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

GREENWALD, Glenn. **Bem-vindo ao The Intercept Brasil**: nossa equipe de jornalistas brasileiros produzirá reportagens independentes e originais sobre o país. 2016. Disponível em: <<https://theintercept.com/2016/08/02/bem-vindo-ao-the-intercept-brasil/>> Acesso em: 26 jul. 2021.

GREENWALD, Glenn; POITRAS, Laura & SCAHILL, Jeremy. **Welcome to the Intercept**. 2014. Disponível em: <<https://theintercept.com/2014/02/10/welcome-intercept/>>. Acesso em 26 jul. 2021.

GONÇALVES, Francisco Eduardo. **A Lei de Acesso à Informação como ferramenta de apuração**: uma análise do uso da LAI por jornalistas. 2019. 177 f., Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

HUNTER, Mark Lee. **A investigação a partir de histórias – Um manual para jornalistas investigativos**. Montevideo: Oficina Regional de Ciências de la UNESCO para América Latina y el Caribe, 2013.

JÚNIOR, Feres João; SASSARA, Luna de Oliveira. **O terceiro turno de Dilma Rousseff**. Saúde Debate, Rio de Janeiro, v. 40. N. especial. p. 176-185, dez. 2016.

LISBOA, Sílvia; STORCH, Laura. **O interlocutor jornalístico**: representações imaginárias do leitor do Estadão. Revista Contracampo, Niterói, v. 24, n. 1, p. 178-194, jul. 2012.

LISBOA, Sílvia; BENETTI, Marcia. **Credibilidade no Jornalismo**: uma nova abordagem. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 14, n.1, p. 51-62, out. 2017.

MACEDO, Keyse Caldeira de Aquino. **As diretrizes do contrato de comunicação do Guardian para a comunidade online de leitores.** In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28., 2018, Porto Alegre. Anais [...] . Porto Alegre: Compós, 2018. p. 1-17.

MASIP, Pere. **Investigar el periodismo desde la perspectiva de las audiencias.** Profesional De La Información, Madrid, v. 25, n. 3, 323–330, mai. 2016.

MEDEIROS, Fabrício Ferreira de. **Uma análise preliminar acerca do viés ideológico do projeto político da Folha de S. Paulo e d'O Globo em 1994.** Temporalidades, Belo Horizonte, ed. 26, v. 10, n. 1, p. 295-319, jan. 2018.

MELO, Seane Alves. **Da grande reportagem ao escândalo político:** os percursos do jornalismo investigativo no brasil. Parágrafo, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 177-185, jul. 2016.

MELO, Seane Alves. **Discursos e práticas:** um estudo do jornalismo investigativo no Brasil. 2015. 152 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MENDEZ, Rosemary Bars. **Pompeu de Sousa:** O jornalista que mudou o Jornalismo Brasileiro. 2006. 340 f. Tese (Doutorado em Processos Comunicacionais) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2006.

MORETZSOHN, S. D. & PINTO, M. **O caso Vaza Jato:** uma discussão sobre verdade, política, ética e credibilidade. In Z. Pinto-Coelho; T. Ruão & S. Marinho (Eds.), Dinâmicas comunicativas e transformações sociais. Atas das VII Jornadas Doutorais em Comunicação & Estudos Culturais (pp. 182-201). Braga: CECS, 2020.

MUNIZ, Altemar da Costa. **As mudanças de linha editorial na Folha de São Paulo.** 1999. 183f. – Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 1999.

OLIVEIRA, Ivan Carlo Andrade de. A teoria hipodérmica. In: SOUZA, Rose Maria Vidal de *et al* (org.). **Teorias da Comunicação**: correntes de pensamento e metodologia de ensino. São Paulo: Intercom, 2014. Cap. 2. p. 34-54. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/8ba840f439e5d6b8c5eb6ce94faeca68.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2021.

OLIVEIRA, Merylyn Escobar de. **A construção do discurso sobre a reforma política nos editoriais dos jornais Folha de S.Paulo e o Estado de S. Paulo durante os governos Lula I e II (2003-2010)**. 2017. 151 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005. 100 p.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. 287 p.

REPORTERS WITHOUT BORDERS. **Brazil falls in Press Freedom Index, now 104th**. 2016. Disponível em: <<https://rsf.org/en/news/brazil-falls-press-freedom-index-now-104th>> Acesso em: 26 jul. 2021.

RODRIGUES, James de Mello. **Sérgio Moro no discurso da revista Veja: a construção jornalística do herói contemporâneo**. 2017. 94 f. Monografia (Bacharelado em Jornalismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SANTOS, Elias do. **O conflito entre a Folha de S. Paulo e Jair Bolsonaro: a credibilidade jornalística percebida pelos leitores**. 2019. 129 p. Monografia (Bacharelado em Jornalismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

SARTOR, Basílio. **A noção de interesse público no jornalismo**. 2016. 252 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

SHOEMAKER, Pamela; JOHNSON, Philip; SEO; Hyunjin; WANG; Xiuli. **Os leitores como gatekeepers das notícias on-line**. Brazilian Journalism Research, Brasília, v. 6, n. 1, p. 58-83, 2010.

SINGER, André. **Os sentidos do lulismo**: reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 276 p.

SINGER, André. **O lulismo em crise**: um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016). São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 389 p.

SOUZA, Vagner Cesarino de; FREIRE, Débora. **O uso das fontes anônimas no Jornalismo Investigativo**: o caso das reportagens da "Vaza Jato" pelo The Intercept Brasil. In: COLÓQUIO SEMIÓTICA DAS MÍDIAS, 8., 2019, Japaratinga. Disponível em: <http://www.ciseco.org.br/images/coloquio/csm8/CSM8_DeboraFreire.pdf> Acesso em: 31 jul. 2021.

ANEXO A – COMENTÁRIOS DOS LEITORES

| | | | |
|-----------------------------|---------------|----------------------------|----------------|
| FD1: iluminista-democrática | | FD2: autoritária-moralista | |
| S1 | Revelação | S5 | Manipulação |
| S2 | Confirmação | | |
| S3 | Credibilidade | S6 | Criminalização |
| S4 | Parcialidade | | |

| Cod. | Comentários selecionados | Sentidos e formações discursivas | | | | | |
|-----------|--|----------------------------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| | | FD1 | | | | FD2 | |
| | | S1 rev. | S2 cof. | S3 crd. | S4 par. | S5 mpl. | S6 crm. |
| T1; C1 | Decepciono-me com a folha, se alinhando aos grandes bandidos deste país, covardemente infiltrados nos tribunais, na câmara, no senado e em órgãos públicos. Quando afortunadamente, surge um grupo de homens e mulheres de valor, que corajosamente enfrentam o câncer da corrupção e estes bandidos poderosos reagem e usam de todos os meios para estancar a sangria e proteger os corruptos, tentando destruir a "Lava Jato". Vou cancelar minha assinatura, não merece mais o meu respeito. | | | | | | |
| T1; C2 | Não tenho simpatia pelo Lula. Mas, diante dos diálogos revelados (se autênticos) parece que havia união informal entre o Moro e os procuradores da lava jato. Essa união ajudou a | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-----------|--|--|--|--|--|--|--|
| | processar, condenar e prender o Lula. Na ocasião o Lula tinha 37% dos votos, conforme as pesquisas. Diante disso, esse julgamento impediu que 37% dos eleitores pudessem escolher o seu candidato preferido. Ai, fica a pergunta: a eleição foi legítima e justa ? Este atual presidente foi democraticamente eleito ? | | | | | | |
| T1; C3 | Impressionante a irresponsabilidade desse jornal : se aliar ao site criminoso que divulga material roubado. Absurdo. Preciso urgentemente rever minhas assinatura. | | | | | | |
| T1; C4 | Folha em parceria com The Intercept, lamentável. É muito interesse para trabalhar para uma agenda petista. | | | | | | |
| T1; C5 | Folhinha! Va investigar coisas importantes como os rou bos do PT. Contabilizem quanto do PIB foi desviado. Quanto deixamos de crescer, etc. Não é porque é um órgão de imprensa que podem ficar divulgando notícias sabidamente obtidas e editadas por criminosos. | | | | | | |
| T1; C6 | Quanto mais conheço o inteiro teor dos vazamentos, mais admiro o Juiz Sérgio Moro. Essas conversas, se ocorreram, foram entre 2015 e 2017. Naquele contexto, a atuação do Moro e dos procuradores foi notável. Desbarataram a maior, mais poderosa e organizada quadrilha de políticos, empresários e servidores públicos jamais formada. A gritaria é proporcional ao êxito da empreitada, o resto é espuma.A lava jato é um ponto de inflexão no Brasil do século 21. | | | | | | |
| T1; | Parabéns à Folha de S.Paulo, o melhor jornal do país, pelas reportagens que revelam os basti- | | | | | | |

| | | | | | | | |
|------------|--|--|--|--|--|--|--|
| C7 | dores nada republicanos da Lava Jato. | | | | | | |
| T1; C8 | A folha se coloca ao lado da sociedade neste momento , visto que estamos em uma encruzilhada, onde cabe a todos escolher que tipo de País queremos. Não se trata do Lula ou do Moro, mas dos fatos narrados que sendo aceitos como natural é o fim de um modelo de sociedade e dos direitos individuais. Se os fatos forem naturalizados, não mais é necessário advogado ou acusador, basta alguém de poder nomeado pelo estado, que a seu critério decidira quem deve ser condenado ou não. | | | | | | |
| T1; C9 | Folha se coloca ao lado do The Guardian e do Washington Post que publicaram as revelações de Snowden e receberam o prêmio Pulitzer de jornalismo. Esse congresso da Abraji vai ser uma piada. Aqueles que receberam os vazamentos da Lava-jato ao lado do pessoal do Intercept. Kkkk... | | | | | | |
| T1; C10 | A imparcialidade da Folha, tão necessária para o trato dessa matéria, foi para o espaço no momento em que declarou-se parceira do The Intercept. Lamentável. | | | | | | |
| T1; C11 | O que foi publicado até agora, supondo que seja verdadeiro, não tem nenhuma importância para questionar a imparcialidade e a competência de moro. Entendo a frustração de quem esperava alguma bomba para livrar seu ídolo cor rupto e se separa com mensagens que são um atestado de ética e honestidade para os integrantes da operação lava a jato. Todos sabem que é normal contato entre juízes procuradores na busca da verdade, para condenar | | | | | | |

| | | | | | | | |
|------------|---|--|--|--|--|--|--|
| | ou absolver réus. Ministério público não é parte. | | | | | | |
| T1; C12 | Não seja desonesto intelectualmente. Estamos falando de jornalismo investigativo. E não dos babões do governo como o Crusoé e o Antagonista. | | | | | | |
| T1; C13 | Parabéns Folha! Estas mensagens deixam claro que, se houve quebra de parcialidade, não foi especificamente contra Lula, mas contra todo o esquema de corrupção. É só ler a matéria e usar algo que muitos estão esquecendo: o raciocínio. (Leiam com atenção: “expor indevidamente dezenas de políticos que tinha foro privilegiado”. Foi esta a “bronca” do STF com Moro. Ou não?). | | | | | | |
| T1; C14 | Parabéns Folha de São Paulo. O Brasil precisa muito de jornalismo investigativo sério. País sério não tem imprensa partidária. Onde chegou a Veja fazendo política e esquecendo o jornalismo? Parabéns. | | | | | | |
| T1; C15 | Parabéns a Folha e Intercept pelo compromisso com a transparência e democracia. JORNALISMO É PUBLICAR TUDO O QUE NÃO QUEREM, O RESTO É PUBLICIDADE! | | | | | | |
| T1; C16 | Ora ,Ora,Ora...As Ordenações Filipinas ainda regem o mais triste dos países tropicais ,nossa imprensa ,com honrosas exceções como esta Folha ,é venal e defensora dos donos do poder. Magistrados,Ministério público,polícia federal e demais órgãos estão aí para defender a casa-grande. Simples assim. Obrigado ao The Intercept Brasil e à Folha por lançarem luz neste pântano | | | | | | |

| | | | | | | |
|------------|--|--|--|--|--|--|
| T1; C17 | A cada novo vazamento verifica-se que Lula foi vítima de uma grande armação entre julgador e acusação , em total subversão dos princípios básicos mais elementares para um julgamento justo. | | | | | |
| T1; C18 | Acompanho o jornal desde 1983, qdo só o recebia no dia seguinte. Havia uma linha editorial muito afinada com os anseios da sociedade. Isso , se perdeu ao longo dos anos. Essa parceria será o renascimento do jornal, ajudando a mostrar até onde vai a articulacao para enfiar o país nas trevas, remetendo-nos há 50 anos.. Sábria e corajosa parceria! Estou mais animado para ver a verdade emergindo - qquer q seja. | | | | | |
| T1; C19 | Parabéns aos repórteres da folha com apoio desses profissionais que venha a verdade a tona | | | | | |
| T1; C20 | Parabéns a folha por não se intimidar e expôr a corrupção de uma parte do judiciário. A partir de agora a folha passa a ser comunista por defender a transparência e a verdade. Quem matou o ministro do STF? Quem mandou matar Mariele? Onde anda o Queiroz? | | | | | |
| T1; C21 | Então defina imparcialidade. 1o editorial, o jornal tem opinião, você sabe disso né? O Jornal não é o juiz! Aquele sim tinha que ser imparcial, aquele sim você tinha que exigir isso. O Jornal não é obrigado a ser imparcial e ele tem vários colunistas que divergem da opinião do editorial. 2o se o Jornal se negasse a divulgar, AÍ SIM! seriam um jornal parcial, pois teve interesse em esconder a verdade sobre um juiz que não honrou o cargo que ocupava. E vc? Não quer | | | | | |

| | a verdade divulgada? | | | | | | |
|------------|--|--|--|--|--|--|--|
| T1; C22 | O mínimo que se pode dizer da matéria é sordida, típica da "fake folha", comunista e seus articulistazinhos fracassados. Uma série de inverdades que num país sério processaria essa "fake folha", metia-lhe uma multa e fecharia essa espelunca. Fora "fake folha". | | | | | | |
| T1; C23 | Parabéns à Folha. Folha está mostrando jornalismo comprometido com um mínimo de verdade intelectual, o qual usa da lógica elementar dos fatos que estão à disposição de qualquer pessoa alfabetizada. Parabéns! | | | | | | |
| T1; C24 | Folha está saindo das trevas e buscando se redimir das patranhas publicadas em favor do ex Juiz e seu conje, Deltan. Parabéns e paciência, vez que terá de aguentar os fanáticos passapanistas | | | | | | |
| T1; C25 | Folha revela sua face cada vez mais. Alia - se agora a hackers sujos e da espaço a "jornalistas" antiéticos. | | | | | | |
| T1; C26 | Parabéns Folha de São Paulo, jornalismo sério e independente desmascarando essa quadrilha de funcionários públicos. Vão em frente! | | | | | | |
| T1; C27 | Parabéns, Folha, pela nova e necessária parceria. Vamos trazer a verdade à tona para o bem da democracia. Como cidadão, me sinto ultrajado em saber que a lei é manipulável de acordo com os interesses de quem a aplica. Trata-se de um crime contra todos nós cujo precedente, caso não seja punido e inviabilizado, tratá ares de legalidade a uma das maiores fraudes jurídicas da história do país. Conte conosco! | | | | | | |

| | | | | | | | |
|------------|--|--|--|--|--|--|--|
| T1; C28 | Parabéns à Folha pela parceria com o The Intercept na publicação dessas relações espúrias entre Moro e o MP. Essa força tarefa se transformou numa força política, e Moro tinha duas grandes ambições, primeiro ser ministro da justiça e depois do STF. Para isso vendeu a alma ao diabo. Que o STF agora retome o rumo normal do justiça. | | | | | | |
| T1; C29 | FSP voltando ao jornalismo investigativo e responsável dos anos 80 e 90. Parabéns ao jornal. Ainda há espaço para a verdade em meio a tanta mentira. | | | | | | |
| T1; C30 | Conhecereis a verdade e parabéns aos jornalistas. | | | | | | |
| T1; C31 | Diante de tantas revelações, estou estupefato. Assinatura da Folha vale cada centavo. | | | | | | |
| T1; C32 | Vale, sim! Por causa das revelações e da altivez jornalística da Folha, voltei a assinar o jornal. Uma grande nação necessita de uma imprensa livre e imparcial, que não se ajoelhe diante do poder. | | | | | | |
| T1; C33 | A FSP deveria se envergonhar do que está fazendo. É um absurdo esse jornal reproduzir essas denúncias vazias e sensacionalistas obtidas mediante crimes praticados por organização criminosa contra autoridades brasileiras encarregadas de combater a corrupção. | | | | | | |
| T1; C34 | Folha, dignificando nossa assinatura. Grande parceria, excelente reportagem. Mais vísceras desse organismo estranho que é a Lava Jato. | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|--|--|--|--|--|--|--|
| T1; C35 | Parabéns pela excelente colaboração e trabalho de jornalismo investigativo. Passei a assinar a Folha só para acompanhar bem esta iniciativa. | | | | | | |
| T1; C36; | Verdade sempre! | | | | | | |
| T2; C37; | Essa reportagem explica muita coisa. Ainda bem que existem os jornalistas, pena que o brasileiro não percebe a importancia dessa profissao para a democracia. | | | | | | |
| T2; C38 | Cancelando minha assinatura nesse jornal. É muita cara de pau tratar invasão de telefones como uma fonte. É crime FSP.. Foi o diretor morrer e vocês viraram isso. Nojo.. | | | | | | |
| T2; C39 | Alguns cancelam enquanto outros assinam exatamente pela verdade que a Folha está expondo. Eu sou uma delas, assinei após a parceria com o Intercept em honra ao jornalismo de qualidade. | | | | | | |
| T2; C40 | Farsa do intercept revelada. Cadeia para Gleen e David | | | | | | |
| T2; C41 | Esse pessoal na rua não esta defendendo a lava jato, ou combate a corrupção mas os metodos usados por agentes publicos, pagos regiamente com dinheiro de imposto, que usaram do poder de estado para destruir a cupula de um partido politico por ser de oposição. Isso se chama perseguição politica. Na verdade hoje agem como algozes do povo brasileiro desempregado e sofrido, deveriam estar defendendo a justiça não justiciamento, o respeito a lei, a apuração dos fatos expostos pelo intercept | | | | | | |
| T2; | Li toda a reportagem, não vi em nenhum mo- | | | | | | |

| | | | | | | |
|------------|---|--|--|--|--|--|
| C42 | mento tentar inventar fatos, o que notei foi claramente um esforço para fazer os envolvidos falarem toda a verdade. Mais do que nunca parabenizo toda a equipe!! | | | | | |
| T2; C43 | Uma das mais irrelevantes reportagens já publicadas pela Folha de S.Paulo. Se lidar com marginal fosse igual a confessionário, o jornal deveria procurar furos na paróquia do bairro, não no mundo do crime que, como repete enfadonhamente o Reinaldo Não-Há-Provas Azevedo, exige a adequação legal para condenação, não a eterna misericórdia do Altíssimo. Lamentável. Leitores têm o direito a uma informação de qualidade, não empulhação travestida de notícia. | | | | | |
| T2; C44 | Melhor cancelar mesmo, pois mal sabe o que é jornalismo e quais são os direitos constitucionais garantidos a jornalistas, como proteção ao sigilo da fonte e liberdade de imprensa. Aproveite e leia também sobre o caso Watergate e o caso Snowden para descobrir o que é jornalismo de verdade. Já se prefere publicidade governamental ou partidária, vá ler o antagonista mesmo... | | | | | |
| T2; C45 | Sabr Biten a senhora mesmo confirma que Glenn Greewald edita seus vazamentos e coloca o que quer. Se muda o nome das pessoas, muda qualquer coisa. GG não faz jornalismo, está tentando desmoralizar sem sucesso a Lava Jato com fins políticos. Ele é um militante fantasiado de jornalista. Quanto à análise da FSP, que compara com mensagens de jornalistas, é brincadeira. A edição é seletiva. Obviamente | | | | | |

| | | | | | | | |
|------------|---|--|--|--|--|--|--|
| | mantém o que interessa para dar ares de credibilidade, não comprova nada. | | | | | | |
| T2; C46 | O Gleen Greenwald parece um novelista da Globo em ação! A cada vez, ele muda as mensagens, que saem com personagens e datas diferentes. Parece aquele episódio de Game of Thrones que saiu com uma caneca de café do Starbucks. O cara é um barato! Vai se dar mal; muito mal! | | | | | | |
| T2; C47 | Porque FSP Continua divulgando essas mentiras? O próprio Glenn Greewald confessou publicamente que as conversas são editadas, ele muda os interlocutores a todo momento, muda as datas, os diálogos, tudo isso não passa de mera ficção. O fato de diálogos com jornalistas confirmem seus diálogos não quer dizer absolutamente nada. A edição dos diálogos criminosamente hackeados é seletiva. Parem de passar vergonha! | | | | | | |
| T2; C48 | Vocês afirmam categoricamente que não detectaram nenhum indício de que o material possa ter sido adulterado. Ontem se mostrou que as últimas mensagens divulgadas continham tantos erros factuais que indicavam claramente adulteração das mesmas. Vejam reportagem na Crusoé e a declaração da ANPR. Pelo jeito este jornal 'comprou' a ideia de que o conteúdo é verdadeiro e irá ignorar qualquer indício de fraude, por mais gritante que seja. Esta atitude é contra o bom jornalismo. | | | | | | |
| T2; C49 | Tudo isso que a Folha está montando é uma grande farsa para tirar o Lula da cadeia. Não existe hacker obtendo conversas dos procurado- | | | | | | |

| | | | | | | | |
|------------|---|--|--|--|--|--|--|
| | res nos celulares, pois o Telegram já disse que seu sistema é inviolável e afirmou que tudo desaparece dos celulares quando as pessoas deixam de usá-lo por mais de seis meses. O Gilmar propôs logo liberar o Lula da cadeia, mas fica a pergunta: por que o Gilmar está unido ao Levandowsky ? | | | | | | |
| T2; C50 | O site extremista de esquerda intercept se deu mal. Desmoralização total | | | | | | |
| T2; C51 | "Além das mensagens, o acervo inclui áudios, vídeos, fotos e documentos compartilhados no aplicativo" Aaaaaaaaaiiii! No momento que vi Glenn envolvido, que vi Reinaldo Azevedo, um dos caras mais antipetistas que já vi a Folha e até a Veja envolvida, sabia que o conteúdo era verídico. Agora, o moro está se enforcou bonito, pois ele disse que o conteúdo é editado e começou a negar as informações. Resta saber algumas coisas. O que farão quando for provada a verdade sobre moro? | | | | | | |
| T2; C52 | Aviso ao censor, ou censores, vou continuar falando a verdade. Denúncia fajuta do site intercept desmoronando. Censor vou continuar incomodando. | | | | | | |
| T2; C53 | Pela formação jurídica que tenho, sempre vi abusos praticados pelo ex-Juiz e pelo MPF no comando da Lava Jato. Mesmo sem o vazamento desses diálogos, era claro que todos atuavam numa espécie de "complô" e abusavam muito da boa-fé da população. Já agora - ao menos para quem entende como funciona o sistema judiciário brasileiro, o sigilo de fonte jorna- | | | | | | |

| | | | | | | | |
|------------|--|--|--|--|--|--|--|
| | lística e as formas de divulgação de material - resta evidente ser uma farsa que desacredita o sistema judiciário do Brasil. | | | | | | |
| T2; C54 | Primeiro, a farsa não é do Intercept. Segundo, não acabou nada. Há muito, mas muito mais vindo por aí. Terceiro, não se trata de esquerda nem de direita. Trata-se , isto sim, dos fundamentos do Estado de Direito, da democracia, dos fundamentos da Justiça. Se você não entende isso, então coitado de você! | | | | | | |
| T2; C55 | " O que o The Intercept Brasil e a FSP estão fazendo é a verdadeira "Lava-Jato do Judiciário" que a direita reacionária não esperava. Só quem ainda apoia Moro são os grupos que se identificam com o cinismo e com a desfaçatez dessa moralidade pútrida do bolsonarismo: as elites financeiras oportunistas, as famílias conservadoras chauvinistas, os formadores de opinião golpistas, os militares arrivistas, os políticos governistas e os religiosos vigaristas." | | | | | | |
| T2; C56 | Financiamento da Caixa? Isto nunca existiu. Onde estão os documentos que comprovem isso? Não existem. Lula foi condenado a base de ilações sem fundamento como a delação de Léo Pinheiro. Ouve sim um complô jurídico-midiático para incriminá-lo. E a FSP e o Intercept estão revelando. | | | | | | |
| T2; C57 | Eu te entendo. Também fui enganado pela lava jato. A verdade dói. | | | | | | |
| T2; C58 | Não, está bem claro que a postura da equipe da Lava Jato foi correta. Claro que o Intercept quer distorcer, mas, os fatos estão aí | | | | | | |

| | | | | | | | |
|------------|--|--|--|--|--|--|--|
| | para quem quiser ver. Não é o caso de vocês. | | | | | | |
| T2; C59 | Pode desistir folha e intercept. Já caiu a máscara. Todos sabem que as mensagens são editadas e sabem que não há mais nada contra o Sèrgio Moro. Glen, o vazador do futuro. Pa-lhaçada | | | | | | |
| T2; C60 | Altino, Desculpe, mas tem que ser muito alienado para achar que as mensagens são editadas e não há contra moro. Como a ideologia cega as pessoas. Respeite os jornalistas. Ou cancele sua assinatura e de informe pelo alienista e correntes de WhatsApp | | | | | | |
| T2; C61 | Até quando estes ban.did.os de toga vão continuar impunes? Todo este material divulgado e ninguém faz nada? Espero que o STF faça a sua parte. | | | | | | |
| T2; C62 | Inegável que está havendo uma grande omissão dos sistemas, demonstrando o quão falho somos. Série de reportagens escancarando tudo isso e todo mundo fingindo que não está acontecendo nada? Vai ser necessário uma revolve popular para entenderem que isso não é brincadeira? | | | | | | |
| T2; C63 | É estarecedor o que esta sendo revelado, e como nada acontece por acaso e sem a supervisão de Deus, é de se crer, e digo isso a homens espirituais como eu o sou, que a mão do Eterno age através de instrumentalidades humanas para expor fariseus como Deltan, mostrar as mentiras de Moro - considerai as declarações públicas que ele fez de imparcialidade -, revelar os métodos de justiceiros em causas políticas e eleitorais, desnudar fatos ocultos da Lava Jato e estabelecer a verdade histórica. | | | | | | |

| | | | | | | | |
|------------|---|--|--|--|--|--|--|
| T2; C64 | Parabéns aos jornalistas . Combate à corrupção não é excludente de ilicitude. Infelizmente, as condutas abusivas e ilegais, agora descritas pelo Intercept e pela Folha, sempre foram naturalizadas pela imprensa. Moro julgado pelo Moro estaria condenado, mesmo com provas ilícitas adquiridas de boa-fé. | | | | | | |
| T2; C65 | Desde a última campanha eleitoral para presidente, eu tive a certeza que a Folha de SP, não é um jornal imparcial e isento. "Diga-me com quem andas, e te direi quem és", pois bem, a união da folha com a Intercept, e por tabela, com os hackers criminosos, comprova a parcialidade deste jornal, e a linha esquerdista do "quanto pior melhor" Já solicitei o cancelamento da assinatura deste jornal. | | | | | | |
| T2; C66 | "“No caso de integrantes da OAS, as negociações foram conduzidas por muitos procuradores que atuavam na Procuradoria-Geral da República e na força-tarefa da Lava Jato, que sempre pautam suas ações pessoais e profissionais pela ética e pela legalidade.” Caros senhores, se assim fosse não estaríamos aqui para saber o que de fato houve. E, pelo curso dos acontecimentos revelados, houve muita coisa errada. Logo, querer insentiar-se, enquanto corporação, não cabe. Até que tudo seja esclarecido... | | | | | | |
| T2; C67 | Parabéns ao trabalho jornalismo desta parceria Folha-Intercept Brasil por trazer essa bomba. Claramente, Lava jato e Moro corromperam o sistema legal. É gravíssimo. | | | | | | |
| T2; C68 | O vazamento manipulado só tem demonstrado a eficiência da LJ na missão de dizimar a corrupção apesar da cleptocracia vigente na época. Siga em frente FSP, apesar do péssimo jornalismo. Servidor publico trabalhar com afincos causa alergia na seita. Entendemos. | | | | | | |
| T2; C69 | Não se deve desviar porque? Realmente o que interessa é soltar o santo Lula. Se faz sentido com o restante dos acontecimentos nao importa, é o tal do fundamentalismo lulático. | | | | | | |
| T2; C70 | Anonimato é ilegal, além de ser covardia. Reportagem que não prova nada. | | | | | | |
| T2; | Muita fofoca, estou pensando seriamente em deixar de assinar a Folha. | | | | | | |

| | | | | | | | |
|------------|---|--|--|--|--|--|--|
| C71 | | | | | | | |
| T2; C72 | A Marlise tambem, só le o que interessa.. O corregedor do Ministério público também disse que , independente das dos vazamentos alterados do intercept , não viu nada de errado nas conversas e arquivou. Está no conluio também? Houve conluio para deixar Cunha na cadeia, por exemplo? Ou só Lula? | | | | | | |
| T2; C73 | O que a Vaza Jato está mostrando confirma o que sabemos: a justiça é um mito criado para manter a sociedade iludida e coesa. Na realidade, como podemos ver, a justiça Não existe. O Lula se transformou no símbolo da Injustiça, assim como muitos outros pobres, pretos, moradores de periferia de grandes cidades. Para eles a mão pesada da injustiça. Para o Queiroz, Aécios, tucanos, temerosos, milícias, Flavios etc, a doce justiça. | | | | | | |
| T2; C74 | Quem manda esquerda chorar, não tem o mínimo princípio moral. Tantos fatos de burla lei pra prenderem Lula por medo do Brasil sair da senzala, que turva a vista e o cérebro. Não conseguem interpretar um texto claro, não conseguem sufocar o próprio ódio! Intercept mostrando a verdade , Marcelo Odebrecht estaria na lista? L Lula livre já!!! | | | | | | |
| T2; C75 | É história de uma farsa. Já sabíamos: a delação de Leo Pinheiro não incriminava Lula, por isto não andou: "Sobre o Lula eles não queriam trazer nem o apt. Guaruja. Diziam q não tinha crime. Nunca falaram de conta". Daí prendem Leo Pinheiro e o forçam a vincular o triplex a Lula e à corrupção na Petrobras. A tal conta nunca existiu. Só começam a aliviar para Leo depois da condenação de Lula por Moro, e ainda ficam preocupados em não "parecer um prêmio pela condenação do Lula". Que vergonha... | | | | | | |
| T2; C76 | A única evidência cai por terra, como mostra as mensagens, Léo só fechou o acordo de delação se fizesse o que Moro queria, citar o nome de Lula. | | | | | | |
| T2; C77 | Não precisava o Intercept mostrar estes diálogos para se saber da Imparcialida e a política-gem de Moro. Onde está o Queiroz? | | | | | | |
| T2; | Alguém mais além de mim é obrigado pela Foice, a sócia do Verdevaldo para derrubar o Governo , a dividir o comentário em 2 ou 3 par- | | | | | | |

| | | | | | | | |
|------------|---|--|--|--|--|--|--|
| C78 | tes, mesmo que o conjunto obedeça a quantia máxima de caracteres? Será que estamos incomodando muito? Rsssss | | | | | | |
| T2; C79 | Ontem se mostrou que as últimas mensagens continham tantos erros factuais que indicavam claramente adulteração das mesmas . Veja extensa reportagem na Crusoé sobre isso e o manifesto da ANPR sobre o assunto. Eu esperaria que a Folha fosse atrás dessas inconsistências e cobrasse do site parceiro 'The Intercept' uma auditoria nessas transcrições . Não basta conferir o hackeamento dos celulares dos jornalistas conhecidos para validar todo o pacote. Vocês estão caminhando para o descrédito. | | | | | | |
| T3; C80 | Este tipo de análise vindo da Folha e do site não tem a menor importância quando qualquer que seja a fonte não pode ser investigada, é apenas prosa, retórica e fofoca. Bem coisa de pessoas inescrupulosas e sem ética . Infelizmente a Folha embarcou nessa história. Vou cancelar minha assinatura, pois não posso compactuar com um jornal politizado e sem isenção. | | | | | | |
| T3; C81 | A única situação real, não fantasiosa, que está mudando a história da impunidade e da corrupção no Brasil, chama-se Sérgio Moro. O jornalismo com 31 anos de denúncias e denúncias, nunca conseguiu mudanças. Só dava prêmios para jornalistas. Em 1988, a Folha brilhantemente, denunciou a Valec, antecipando, via classificados, quem ganharia FerroNorte. De lá para cá a corrupção só piorou. Agora que as coisas estão mudando e os corruptos engaiolados, a Folha trabalha contra . | | | | | | |
| T3; C82 | Parabéns Folha ! jornalismo imparcial ! | | | | | | |
| T3; | Se esses diálogos de origem espúria e inidônea tivessem alguma procedência, mostram a in- | | | | | | |

| | | | | | | | |
|------------|--|--|--|--|--|--|--|
| C83 | tegridade e a lisura de Sérgio Moro e dos procuradores da Lava Jato. Discutiam tornar público assuntos referentes à Venezuela de forma absolutamente legal. A FSP está construindo uma narrativa para tentar trazer de volta a corrupção no país. | | | | | | |
| T3; C84 | Será que o Maduro contratou o Glenn para vaziar essas mensagens, também? Será que a Folha acha o regime do Maduro inocente, compactuando com a opinião da Gleisi, também? Será que a Lava Jato não deveria se preocupar, se inocentes executivos da construtora estavam ajudando o Chavez e o Maduro? Executivos estes, que posteriormente, admitiram as culpas. Resumo, a Lava Jato é culpada e o Maduro e o PT são inocentes? Fala sério! | | | | | | |
| T3; C85 | Como pode um jornal que se diz honesto ser porta voz de uma organização criminosaaaa? Esta foi a gota d'água, nunca mais vou comentar, estou fora. | | | | | | |
| T3; C86 | A Corporação do cri.meh está eufórica achando que vai escapar e deixar tudo como antes só por causa da armação criminosa que desaguou nos áudios pilantrosos do Verdealdo. Vão quebrar a cara, pois perderam o monopólio nas narrativas e seus aparelhos de mídia, Foice, Globo e Veja têm menos credibilidade que pescador. | | | | | | |
| T3; C87 | Essa reportagem do TIB escancara a hipocrisia das reações de Moro e Dallagnol diante da divulgação das suas conversas. Todas as suas ações não buscam privilegiar a justiça mas a ideologia política que a permeia, daí relativizarem a | | | | | | |

| | | | | | | | |
|------------|---|--|--|--|--|--|--|
| | idoneidade dos meios usados conforme as suas conveniências. Um poder estatal para quem "os fins justificam os meios" não é republicano e não tem nenhuma diferença do poder arbitrário de uma ditadura como a da Venezuela. | | | | | | |
| T3; C88 | FDS=Pasquim soviético, mentiras e estórias. | | | | | | |
| T3; C89 | Assim as tais troca de mensagens do Juiz Moro. O que é verdade e o que é mentira? O que é natural e o que não é. Estes diálogos sempre existiram e sempre existirão no Judiciário. É sabido. Não é absolutamente recomendável segundo o Direito Germânico Romano adotado no Brasil. Isso, porem até querer invalidar um julgamento passado em segunda instancia. Isso só no Brasil Faça-me o favor!!! Jornalismo a serviço dos que querem voltar ao “pudê”. É explorar a boa fé do cidadão. | | | | | | |
| T3; C90 | No meio da demência toda em que se transformou este país com a ascensão, prevista por Nelson Rodrigues, dos i d i o t a s ao poder, só nos conforta e trás esperança a imprensa livre e corajosa que esta desmascarando a obra dos p s i c o p a t a s que estão levando o país ao abismo. Parabéns, Folha, pela reportagem. Por favor, continue ajudando o Brasil. | | | | | | |
| T3; C91 | Dou graças a Deus por ter a imprensa livre! Além de serem muito corajosos, quem além deles iria expor tudo isso, se qualquer pedido de investigação é arquivado? Só agradecer a Folha pela parceria e ao Glenn Greenwald | | | | | | |
| T3; | Exibir documentos mas não fornecer a fonte é | | | | | | |

| | | | | | | | |
|------------|---|--|--|--|--|--|--|
| C92 | um direito da imprensa. Mas fazer ilações sem exibir nem os documentos isso é calúnia, difamação, desonestidade. A única certeza demonstradas pela FSP é que seus repórteres foram hackeados, mais nada. Nem a Lava Jato e muito menos Sérgio Moro são os verdadeiros assuntos, mas a reação criminosa dos que querem a corrupção de volta ao país. | | | | | | |
| T3; C93 | Com esses diálogos, fica provado o que tem se dito há algum tempo: a lava-jato é a nova Operação Condor latino-americana. (A Operação Condor foi uma ação das ditaduras latino-americanas para perseguir, prender, sequestrar lideranças e militantes políticos de esquerda em vários países da AL). A sugestão de vaziar a delação, tornar pública, não saiu da cabeça de Moro. Certamente foi encomendada direto do Departamento de Estados dos EUA - ou mesmo da CIA. | | | | | | |
| T3; C94 | Está muito claro que Moro atuava em equipe com a acusação transgredindo a lei claramente. As mensagens reveladas até agora com essas parcerias do Intercept Brasil com Folha e Veja só reforçam. | | | | | | |
| T3; C95 | Se faltava o caráter transnacional da orcrim de Curitiba, foi agora revelado pelo Intercept. | | | | | | |
| T3; C96 | Aha uhu a Venezuela é nossa!!! Aha uhu A Venezuela é aqui. Parabéns Folha, reportagem brilhante, renovou minha fé no jornalismo. | | | | | | |
| T3; C97 | É inimaginável o que ocorria nos bastidores da lava jato. Acharam-se no Direito de criar mecanismos para driblar o sigilo imposto, mes- | | | | | | |

| | | | | | | |
|-------------|---|--|--|--|--|--|
| | <p>mo que juridicamente não houvesse efeito prático. Só queriam vazar dados em troca de efeito político. Era o simples prazer de mostrar sua força e influência e robustecer seu projeto de poder aqui dentro. Sentiram-se os donos do Brasil e ao que parece, almejavam sentirem-se os "donos do mundo".</p> | | | | | |
| T3; C98 | <p>Vocês se alinharam com um site estrangeiro de extrema-esquerda, criminoso, para divulgar fake news contra autoridades. Ficaram desmoralizados desde que acusaram o presidente de mensagens Whatsapp e não conseguiram provar. O ministro Barroso tem toda razão. Lula será considerado de novo e continuará preso.</p> | | | | | |
| T3; C99 | <p>Além de não ler as conversas entre os membros da farsa-jato, que colocava claramente o povo venezuelano na eminência de uma guerra civil, a extrema direita avalia erroneamente o jornalismo que cumpre o seu objetivo de denunciar os meandros do poder. Deve ser a deficiência cognitiva programada a que todos os minions estão sujeitos.</p> | | | | | |
| T3; C100 | <p>Todos os diálogos publicados até aqui nada comprovam em desabono do ministro. São papos triviais jurídico, com fraca substância para ensejar processos investigativos. O puro revanchismo é o principal ingrediente de parlamentares, empresários e militantes que temem ou já foram atingidos pela lava jato. De resto se vê imprensa obcecadas por furos, independente de análise séria. Sempre foi o papel deste tipo de imprensa. Só não entendo como a Globo embarca nesta canoa furada de conjecturas.</p> | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|---|--|--|--|--|--|--|
| T3; C101 | Parabéns Folha de S.P. por promover o bom debate. Na Ditadura de 64 não havia tal chance. Avante, mesmos que o pessoal contrariado manifeste de forma desleal e de quem não tem nada na cabeça, seguidores do olavismo, do Ministro das Relações Exteriores do Governo, não do Brasil, do Ministro da Educação que faz piadas, com coisas sérias e do MA, que não está nem aí para as consequência do rumo que deseja implantar, da política a favor do armamento e do trabalho escravo infantil e humano, há de.. | | | | | | |
| T3; C102 | Parabéns aos envolvidos ! A transparência internacional , o povo venezuelano e quem luta contra uma ditadura só podem simpatizar com tais atitudes !!!! Acho q A FSP está perdendo fôlego | | | | | | |
| T3; C103 | Culpando a janela pela paisagem rapaz. Jornalistas sérios divulgam. É notícia. Autoridades não podem cometer crimes para desvendar crimes. Nem operar nas sombras ao gosto político de A ou B. Entendeu? | | | | | | |
| T3; C104 | Intercept está fazendo a mesma coisa. Expondo as vísceras de uma operação fora da lei. | | | | | | |
| T3; C105 | O ci nismo sem precedentes deste jornal em parceira com a agência criminosa chamada intercept é sem paralelo e revoltante. Até quando e até quem a dupla David o marido e Gleen o whatever continuarão a rir das leis do país para libertar Al Capone? | | | | | | |
| T3; C106 | claro que são verdadeiras a Veja confirmou tudo. | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|--|--|--|--|--|--|--|
| T3; C107 | Não bastasse a defesa de bandi/dos, agora a Folha alinha-se a dita/dores venezuelanos. Moro e procuradores agiram muito bem! | | | | | | |
| T3; C108 | Se Jornalistas brasileiros, como vc, apoiam esse jornalista que utiliza formas ilegais e sem comprovações absolutas do conteúdo, porquê os jornalistas brasileiros massacram juízes que fazem interlocuções para prender B A N D I D O S? Viva a cor rup ção! Cor rup tos então devem voltar ao poder. Pode-se deduzir isto? Eu continuo apoiando Moro e sua equipe. E devem mesmo se articularem, em buscas de provas. Espero que ele se candidate e farei campanha favorável. | | | | | | |
| T3; C109 | Folha, queria realmente entender pq vcs soltaram um editorial falando que as mensagens não atestam provas contra os ministros e não tem provas de veracidade para depois continuar com esse show de sensacionalismo em cima do produto de um crime. Falta coerência | | | | | | |
| T3; C110 | Folha, Veja e Intercept fazem de tudo para livrar os presos pela operação. Nenhum casamento, nenhuma amizade, resistiria a 2 anos de diálogos gravados. Uma análise estática do material gravado após tanto tempo induz a interpretações que não avaliam a dinâmica dos fatos no momento em que os diálogos ocorreram. | | | | | | |
| T3; C111 | Era pra ser uma acusação ao Moro e ao MPF? Pq a matéria saiu como uma exaltação kkk. Parabens aos procuradores por revelarem ao povo venezuelano na mão de quem estão | | | | | | |
| T4; | Jânio de Freitas ganhou um premio jornalístico porque antecipou o resultado de uma licitação, | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|---|--|--|--|--|--|--|
| C112 | isso é jornalismo. Aqui temos um site que publica conversas do passado que não se concretizaram em realidade e nem em fatos, conforme verificação do próprio jornal. Pelo visto, tabloides sensacionalistas ao estilo inglês sejam mais rentáveis que o jornalismo tradicional | | | | | | |
| T4; C113 | A Folha perdeu tanto tempo para escrever uma matéria em cima de uma fake. Por que não escrevem uma sobre outra fake, as famosas palestras do tio Lula. | | | | | | |
| T4; C114 | Supondo que os diálogos sejam verdadeiros, qual seria o crime cometido pelos citados? Palestrantes cobram por seus serviços e quanto mais famosos eles são, mais alto os cachês. Paga quem quer. Problema seria se eles recebessem pelas palestras e não as apresentassem, não é mesmo? | | | | | | |
| T4; C115 | Como não há condições de periciar os vazamentos eles não têm valor legal, e mesmo que a FSP insista em divulgá-las tanto o ministro como os procuradores estão acima dos desejos do diário. Os vazadores são simplesmente incompetentes. | | | | | | |
| T4; C116 | A Foiha virou Jornal Panfletário do Lullupetismo! Rararaaaaaaaaááááá! | | | | | | |
| T4; C117 | Espero que o procurador Danton processe esse jornal e os "jornalistas" que continuam divulgando mensagens obtidas através de atividade criminosa. O Lula deve estar jogando muito dinheiro nessa mer da que se diz imprensa. | | | | | | |
| T4; | A Folha tem que criar um caderno de fofocas | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|--|--|--|--|--|--|--|
| C118 | para publicar as matérias em parceria esse site. Só especulações | | | | | | |
| T4; C119 | Que baita reportagem! Parabéns aos jornalistas envolvidos. É evidente que ele planejou usar a mulher como laranja para burlar a lei e conseguir lucrar. Vejam só ainda queria criar um instituto sem fins lucrativos para dar um jeito de esconder os lucros. | | | | | | |
| T4; C120 | Graças à coragem, capacidade e honestidade do brilhante jornalista G. Greenwald e equipe, da pessoa/s que entregou a ele o material, à Folha, Veja e outros meios, o povo brasileiro (e do mundo) agora sabe quem é esse grupo de justiceiros que muitos chamaram de heróis. Como outros já afirmaram, o que ocorreu no Brasil foi um golpe "soft"/macio. | | | | | | |
| T4; C121 | Qual o erro ético em desejar ser palestrante remunerado, após adquirir notoriedade por seu trabalho profissional ? Só jornalista ou professor universitário que ficam famosos, uns devido o trabalho dos outros, têm direito a isto, numa sociedade capitalista ?? Ora, a Folha não está contribuindo para a melhora no discernimento das pessoas, sobre o que é ético ou não. Lamento muito que esse jornal, que sempre defendi por sua imparcialidade, se deixe levar pela cobiça e não pelo interesse público. | | | | | | |
| T4; C122 | Com essas divulgações de mensagens, resta claro, límpido e cristalino que o fajuto idealismo de combate a corrupção ficava em último lugar, em primeiro ficava a sanha de conseguir prestígio e poder político e em segundo lugar o dinheiro. | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|---|--|--|--|--|--|--|
| T4; C123 | <p>Quem redigiu a manchete deve ter pensado em usar a expressão 'montar um esquema', mas achou mais suave o 'montar plano'. Reportagem é um apelo por leitores, visando maior faturamento. Este seria, digamos, o objetivo institucional. Há ainda o objetivo ideológico, que é arranjar pretexto para soltar Lula. Não passarão. Espetáculo midiático é também deprimente, produzido para amestrados, já que expõe a intimidade de pessoa sem motivação alguma, jurídica ou jornalística.</p> | | | | | | |
| T4; C124 | <p>A Folha de S. Verdevaldo quer atingir Moro para detonar Bolsonaro e soltar Lula. Objetivo a curto prazo é conquistar assinantes petistas para sobreviver em época de penúria e a médio prazo colocar um petista como presidente em 2022 e voltar a ter propagandas institucionais. Mas,. em toda a extensão nada apresenta contra Moro. O plano das fake gravações falhou.</p> | | | | | | |
| T4; C125 | <p>Está feio, Folha de São Paulo! Revelar conversas entre marido e mulher obtidas de forma ilegal é demais para qualquer veículo de comunicação. Vocês pelo menos colocaram o contexto todo ou pinçaram o que poderia acabar a Lava Jato?</p> | | | | | | |
| T4; C126 | <p>Desde que não seja uma empresa nos moldes que o Lula tinha, qual é o problema? Essa matéria só é levada a sério pelos adoradores de Lula, o resto apenas lê, confere o teor e da risada do desespero da FSP de tentar achar pelo em ovo. Chega, já deu, está ficando patético, não vão soltar o Lula e sim prender o Aécio.</p> | | | | | | |
| T4; | Esperando o próximo vazamento cri-min-oso | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|--|--|--|--|--|--|--|
| C127 | para morrer de rir! E tem gente que ainda acha isso é jornalismo! Essas publicações fazem parte do grande aglomerado de jornalistas ban-di-dos integrantes de facção criminosa a serviço do crime organizado. | | | | | | |
| T4; C128 | Folha dê São Verdevaldo perdeu hoje mais assinantes. Rumo à falência | | | | | | |
| T4; C129 | A Folha é o maior e melhor jornal brasileiro não resta dúvida, parabéns por jogar luz na maior organização criminosa brasileira que agia nas sombras , organização essa comandada pelo político mais poderoso do país, pois comanda o MP e tem a PF pra cumprir suas vontades. Já era assinante da Folha digital, agora estou comprando o jornal escrito aos domingos para guardar. | | | | | | |
| T4; C130 | "Deltan montou plano para lucrar com fama da Lava Jato, apontam mensagens" Cadê as empresas que seriam abertas. Existiram? E as palestras? E o dinheiro das palestras, quem pagou, quem recebeu? Tudo isso deixa rastros, onde estão? mais importante, onde estão as mensagens originais trocadas? Trabalho jornalístico novelasco e sensacionalista, até agora. Acreditar nesse enredo não é tarefa fácil. Só para iniciados, que acreditam que o Lula é inocente e os criminosos são os acusadores. | | | | | | |
| T4; C131 | No Brasil qualquer cargo em que há título de Dr. sem ter doutorado padece de um pavãoismo gigante. Não precisava nem da Folha ter gastado um texto desse tamanho para mostrar isso, eu sempre acreditei nisso. Infelizmente, Folha, quem precisa ler não lê, ou está cego de- | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|--|--|--|--|--|--|--|
| | vido a ideologia que segue. | | | | | | |
| T4; C132 | Todas estas mensagens precisam serem analisadas por perícia idônea e competente. Todavia, após organizações sérias e renomadas como a revista Veja e agora a Folha de São Paulo sinalizarem para sua veracidade, a situação de Moro, Dalagnoll, e outros procuradores, realmente se complica. | | | | | | |
| T4; C133 | Venho falando que tudo isso foi muito bem arquitetado entre setores do judiciário e setores da mídia. O judiciário acabou com nossa economia, orientação dos Estados Unidos. Já a mídia teve papel fundamental pra detonar o PT é consequentemente a prisão do Lula. Único que seria capaz de vencer essa farsa. Obrigado Elite Golpista. | | | | | | |
| T4; C134 | Ora, o caixa 2 ministerial existe também! E está comprovado! A FSP e o TIB fizeram aquilo que o CNMP não quis sequer investigar. A propósito, lembrem-se que Dallagnol queria gerir um fundo privado milionário com recursos da Petrobrás sob o pretexto cínico de "promover cidadania" também. A Lava-Jato de Curitiba virou milícia ministerial ... | | | | | | |
| T4; C135 | A FSP e o site The Receptor (de mercadoria roubada) divulgaram também a conversa no Telegram entre Deltan e sua esposa, quando este discutia com ela se vestiria cueca azul ou preta para uma festa vindoura. Ele acabou vestindo nenhuma das duas e foi de vinho mesmo conforme se vê no Telegram. À FSP e ao The Receptor (de mercadoria roubada) , parabéns pelos excelentes serviços de informação prestadora à | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|---|--|--|--|--|--|--|
| | sociedade. Kkkkk | | | | | | |
| T4; C136 | Fonte anônima...coelhinho da Páscoa existe. Podem continuar publicando as mensagens hackeadas; a Lava Jato e seus integrantes tornaram-se patrimônio nacional. A Folha presta um desserviço à Nação. | | | | | | |
| T4; C137 | Tanta gente escrevendo bobagem e a Folha censurando o que a gente escreve. Realmente este jornal é parcial e defende a esquerda a todo custo. Esquerda está que lesou o país em mais de meio trilhão de reais. Fala sério! | | | | | | |
| T4; C138 | A folha está escrevendo para os componentes da esquerda carnívora . Não consegue convencer ninguém com a cabeça no lugar. | | | | | | |
| T4; C139 | A divulgação da cleptocracia é dever moral dos procuradores. Luz forte neste ninho de ratazanas é tudo de ruim para a Or c rim, cujos simpatizantes instalados nas cortes superiores jamais receberam um tostão pelas participações em eventos- kkkkkkkkk. Pao velho, requentado e surrupiado no café de domingo é desastroso, fsp. Continuamos de olho na enrascada juridica que insistem em chafurdar. | | | | | | |
| T4; C140 | A Folha parece que quer lançar, mudando as leis eleitorais, uma disputa em 2022 para a presidência: o duelo Moro X Gleen G. | | | | | | |
| T4; C141 | Tão insistindo ainda na tese dos diálogos adulterados? Se for, para tudo. Vamos eleger esse "hacker" presidente do Brasil. Pq só um gênio ou uma entidade paranormal conseguiria inventar tantos diálogos verossímeis e com detalhes pessoais dessa natureza. Já pode trocar a máscara, Deltan, pq essa de herói já caiu faz | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|--|--|--|--|--|--|--|
| | tempo, tá só te deixando com cara de bocó mesmo. | | | | | | |
| T4; C142 | Os fatos apresentados pelo intercepte, foram denunciados pelo jornalista Luis Nassif, há muito tempo, agora as provas apareceram, é um escândalo sem precedentes, mas da para notar que o corporativismo prevalecerá e não haverá punição a ninguém. A realidade é que todos envolvidos nesta confusão, podem ser demitidos, ao bem do serviço público, Que a justiça seja feita, mas, porém, todavia, contudo.... Tudo ira para debaixo do tapete. | | | | | | |
| T4; C143 | Com mais estes vazamentos da TIB comprovamos as intenções não republicanas deste procurador. Desde aquele espetáculo do powerpoint percebeu-se a saga por visibilidade ao seu nome com o único intuito de lucrar com estas palestras. A máscara de bom moço caiu e o único que ficou de "bon" nesta estória foi o Pozzobon, que faz lembrar o nome de alguém famoso(Bozo) que por sinal não tem nada de bom. | | | | | | |
| T4; C144 | Impossível não se indignar! esta coletânea de reportagens trouxe luz aos esclarecimentos de tantos fatos obscuros na trajetória da, hoje, desmoralizada Lava Jato. Moro/Dallagnol/e tantos outros se apropriaram do Ministério Público para tramar contra a democracia numa fraude sem precedentes. | | | | | | |
| T4; C145 | Olha como a imprensa livre é pressuposto de democracia?! Resta saber se o Estado vai cumprir a sua parte de forma republicana. Contudo, uma parte interessante do povo brasi- | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|---|--|--|--|--|--|--|
| | leiro tem acompanhado atentamente tudo que está acontecendo. Resta a aqueles que tiveram a sorte e o privilégio de boa instrução escolar, ajudar na educação do povo, para que, de forma cidadã, tome posicionamento crítico a despeito dessas práticas nefandas atribuídas a agentes públicos de altos poderes e salários. Avante!! | | | | | | |
| T4; C146 | Falta ética a quem coloca na primeira página conversas privadas entre marido e mulher, roubadas por um hacker. Que absurda esta reportagem. | | | | | | |
| T5; C147 | Na linha esquerdista do 'ninguém presta', Folha penhora relevante serviço ao 'estado de direito' acalentado por Reinaldo Não-Há-Provas Azevedo. Saco de vento que resulta da tal série de reportagens do jornal, que replica crime cibernético, vai acabar estourando na cara da parceria. E isto é apenas o óbvio, não é agouro ou previsão. Senso de razoabilidade passa ao largo do jornalismo tendencioso. | | | | | | |
| T5; C148 | É preciso informar a essa jornalista tendenciosa que dar palestras, e cobrar por elas, não é ilícito. Ilícito é dar palestras com o objetivo de lavar dinheiro de origem ilícita. Esse é o ponto que ela e muitos leitores desse jornal fingem não perceber, mas a opinião pública desengajada enxerga bem. | | | | | | |
| T5; C149 | Ja até cancelei a assinatura desse jornal, de tão tendencioso que é. Tem que explicar que dar palestra também requer desprendimento de tempo, e na sociedade que vivemos, tempo é dinheiro sim! Até relógio precisa de pilha pra trabalhar | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|--|--|--|--|--|--|--|
| T5; C150 | A Folha precisa respeitar sim, seus clientes, mas é tão desagradável essas manifestações pueris de gente que não tem a menor noção do que representa a liberdade de imprensa para o jornalista!!! O trabalho da Intercept com a participação da Folha, da revista Veja, Band News e alguns comunicadores é muito importante até para dar ao STF a oportunidade de melhorar sua imagem diante de tantos atropelos jurídicos Parabéns ao bom jornalismo livre e apartidário.. | | | | | | |
| T5; C151 | E esta divulgação invalida o fato em si? A imprensa esta descortinando uma face que se desconhecia de Dalagnoll e Moro. | | | | | | |
| T5; C152 | Aprenda primeiro sobre o que é o jornalismo. Não tem nada de folhetim nas matérias divulgadas. Tem sim farta documentação, mensagens, vídeos. Ninguém é inocente para divulgar notícias que não tenham respaldo de fontes. O resto, como o Pavão Misterioso, não passa de fake news. Não conseguem provar nada do que escrevem. Fato é fato. | | | | | | |
| T5; C153 | Que papelzinho feio da FSP... virou folhetim de fofoca escondido atras da liberdade de imprensa. A liberdade sem responsabilidade será a missão deste jornal ? Depois não reclamem... | | | | | | |
| T5; C154 | O que o TIB está fazendo é a "Lava-Jato da Lava-Jato" que a direita xucra não esperava e a democracia precisava. Só quem ainda apoia cegamente esses atos desmascarados de Dallagnol e Moro são os grupos que se identificam com o cinismo e com a desfaçatez dessa moralidade hipócrita do bolsonarismo: as elites financeira e | | | | | | |

| | | | | | | |
|-------------|---|--|--|--|--|--|
| | industrial oportunistas, os conservadores neofascistas, os formadores de opinião golpistas, os militares ufanistas, os políticos governistas e os pastores arrivistas. | | | | | |
| T5; C155 | O método de divulgação das mensagens em trechos está se mostrando eficiente. Aos poucos, a população começa a perceber a gravidade das revelações. E está ficando mais difícil para os defensores do indefensável , na imprensa governista, dizerem que "é tudo normal". | | | | | |
| T5; C156 | E daí, ninguém é obrigado a promover palestras gratuitas, Ele cobrou este preço, como poderia cobrar de outra forma. Somente cego ou quem não quer enxergar não percebe que este jornalista estrangeiro e seu site está a serviço dos impostores pegos pela lava jato. O deputado casado com ele o tempo todo demonstra ser aliado da esquerda. Para o bom entendedor meia palavra basta, do contrario nada basta porque seus interesses interligados a paixões partidárias falam mais alto. | | | | | |
| T5; C157 | A imprensa continua blindando e protegendo o herói de barro que criaram: Moro. Tudo é grave nessa última mgs, principalmente o uso de dinheiro da 13 vara p/produzir vídeo promocional. O vídeo foi feito e veiculado,quem pagou por isso? A produtora tem a nota com o nome de quem pediu. Não vejo ninguém falando sobre a gravidade disso. Estou esperando juizes defendem o desvio de dinheiro das varas tb, dizendo que isso é normal. Mafiosos! | | | | | |
| T5; | Sou leitor desta folha, e serei. Mas tá ficando chato e massante essa determinação em dimi- | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|--|--|--|--|--|--|--|
| C158 | nuir a lava jato. A associação com o The Intercept é o pacto com o jornalismo raso. E o pior é ler: " não se trata da lava jato ...é o devido processo legal.." Esse manchetismo maniqueísta é tecnicamente um "porre". | | | | | | |
| T5; C159 | OK, digamos que todos esses diálogos sejam verdade, isso não transformará criminosos em santos inocentes nem aqueles que publicaram as matérias em novos heróis. Poucos percebem que todo esse oba oba é para desviar intencionalmente o foco e desacreditar toda uma estrutura montada para combater a corrupção e o crime organizado , onde por causa de alguns, todos os outros integrantes são equiparados a eles | | | | | | |
| T5; C160 | Criminosa atuação do jornal, cúmplice da ascensão do PT e beneficiário de dinheiro do partido da corrupção. Não pediu passagem mas pediu verba publicitária. Agora o esforço é tirar al Capone Lula da Silva da cadeia | | | | | | |
| T5; C161 | Folha Fofoca , eta Jornal escrroto! | | | | | | |
| T5; C162 | Querem destruir a vida de quem contribui para um Brasil melhor, está e a função da imprensa , destruir para conseguir benesse | | | | | | |
| T6; C163 | Como a foice pode ser tão baixa? Usar essa fonte e apregoar como jornalismo... | | | | | | |
| T6; C164 | Para os que insistem em defender heróis de pé de barro, questionando as revelações do Intercept: vamos supor que se referissem a um Juiz e a um Procurador que honrassem o jura- | | | | | | |

| | | | | | | |
|-------------|--|--|--|--|--|--|
| | mento de posse (Juro cumprir a Constituição e as leis do país); não iriam questionar a fonte, adulterações e nem dizer que não se recordam, como fizeram o juiz e o procurador da orçim de Curitiba. Diriam apenas: eu jamais faria isso! Acordem! | | | | | |
| T6; C165 | Quem disse que estas mensagens são verdadeiras? O jornal as pública como se fossem. O vai acontecer com estes criminosos? Está difícil continuar assinando este jornal! | | | | | |
| T6; C166 | Sempre fui a favor da Lavajato, mas a promiscuidade que houve entre o órgão de acusação e o julgador é um verdadeiro absurdo, independente se o LULA cometeu crime ou não. O MP e o Judiciário devem atuar sob o império das leis e não do seu arrepio. Na idade média as pessoas eram torturadas para confessarem crimes que nunca cometeram ou delatar pessoas que se sabiam inocentes. Pelas revelações até agora divulgadas, o Dellagnol e o Sérgio Moro formaram uma organização criminosa para perseguir O PT. | | | | | |
| T6; C167 | As mensagens foram periciadas a pedido da justiça ? Forma editadas ? São verdadeiras? | | | | | |
| T6; C168 | Nos diálogos vazados, que são criminosos e sem qualquer credibilidade, os jornalistas da própria FSP confirmam que seus diálogos foram hackeados, não trazem absolutamente nada que possa atingir a imparcialidade e sentenças de Moro. Os articulistas fomentam, para vender jornal, uma ridícula teoria da conspiração de Verd eval do. | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|---|--|--|--|--|--|--|
| T6; C169 | <p>Folha, Estadão, O Globo, Veja, Época, El País, Wall Street Journal, NYT, Wasington Post, Financial Times, The Economist... Até veículos claramente alinhados com a direita, no mundo todo, dão credibilidade ao vem sendo divulgado. Tem que ser um sujeitinho muito do à toa pra vir aqui defender fofuquinha e calúnia do Frango Encantado, tenha a santa paciência!</p> | | | | | | |
| T6; C170 | <p>Prezado, se esses doutos têm a consciência limpa, é fácil invalidar os diálogos revelados pelo Intercept/Folha/Veja. Basta abrir mão do sigilo telemático, como propôs a Deputada Jandira Feghalli. Só que tudo revelado até agora, além de ter sido exaustivamente verificado pelos Repórteres, foi objeto de confirmações indiretas: uma testemunha em Goiás, Faustão, .. E, depois da revelação sobre a Empresa de Palestras, não basta a quebra do sigilo telemático. tem de quebrar o bancário e o fiscal, tb.</p> | | | | | | |
| T6; C171 | <p>Tanto o site como seus responsáveis sao pessoas de caráter idoneo, conhecidos internacionalmente, o site e o jornalista ganharam o Prêmio Pulitzer e o Prêmio Polk, os maiores prêmios jornalisticos do mundo, junto com dois jornais o "The Guardian" da Inglaterra e o Washington Post dos USA. Quem está se auto-denegrindo são os dois principais membros do grupo, planejam colocar as esposas como "laranjas" em empreendimentos, futuros, tentando faturar com a notoriedade que ganharam.no Lava Jato.</p> | | | | | | |
| T6; | <p>Petista ativista pró-corrupção e admirador de hacker internacional</p> | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|---|--|--|--|--|--|--|
| C172 | | | | | | | |
| T6; C173 | <p>Como assinante da Folha de São Paulo há mais de 30 anos é triste ver o nome respeitável de um jornal com 98 anos de circulação associado oficialmente a um site de reputação duvidosa como The Intercept Brasil; se não bastasse tal incoerência a edição de domingo trouxe duas extensas páginas, que visam denegrir a atuação de membros da Lava Jato.</p> <p>Que tal se repórteres da Folha investigassem a quem pertence legalmente o tal site? Com certeza chegarão a um laranja.</p> | | | | | | |
| T6; C174 | <p>É natural que jornalismo vá fundo em temas polêmicos e de conhecimento público. Mas em alguns casos as instituições e a sociedade correm riscos. Certas notícias e comentários sugerem campanha contra a operação Lava Jato. Na Itália com a “Operação Mãos Limpas” ocorreu o mesmo porque atrapalhou políticos corruptos e a bandidagem pesada que se assemelhasse. O Juiz Giovanni Falcone foi assassinado em 23 de maio de 1992 em Palermo, Itália. Que vergonha Jornalismo no papel de censor!?!</p> | | | | | | |
| T6; C175 | <p>Crepúsculo dos ídolos de pés de barro, do pau oco e de conceitos cariados. Parabéns à equipe de jornalismo de folha (RAF). Real força da imprensa brasileira. Continue o bombardeio de verdades! O dia D está chegando.</p> | | | | | | |
| T6; C176 | <p>A lei da impunidade, essa sim é a lei defendida pela Corporação do crimem e seus capachos que comentam aqui na Foice defendendo a soltura do Capo Pixuleco e o restante da quadrilha inclusive os sócios do Centrão; busca-se os currículos</p> | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|--|--|--|--|--|--|--|
| | e a maioria é beneficiará desse esquema mesquinho de exploração dos demais, o restante, é id.i.ota útil mesmo. A Folha, espertamente, se coloca como porta voz dessa gente e, claro, também lucra com a situação. | | | | | | |
| T6; C177 | É NOJENTO o que a Folha Faz, como pode uma imprensa defender quem estava Destruindo o Brasil na maior Corrupção que esse País já Teve e apresenta documentos dos que Trabalham contra esses Corruptos , será que a Folha é a favor do Ex. Governador do Rio Janeiro Preso, do Ex.Senador de Minas com o Primo com Mala de dinheiro, do Cidadão Correndo com malas cheia dinheiro em São Paulo, do Cidadão na Bahia com apartamento com 50 milhões nas malas, uma Vergonha, NOJENTO. | | | | | | |
| T6; C178 | A folha se posicionou como imprensa de esquerda. Se associou ao intercept. Problema nenhum. Ótimo. Mas no caso aqui o tiro está saindo pela culatra. Quanto mais esmiuça o trabalho dos procuradores e de Moro, mais a população de bem passa a admirar o Herculeo trabalho destes heróis para desbaratar as quadrilhas e prender os criminosos e escroks deste país. Parabéns Sérgio Moro. | | | | | | |
| T6; C179 | Agora a Folha decidiu de vez trabalhar com sites criminosos como o intercept Brasil ; é a confirmação da decadência editorial do grupo Folha UOL . Vida longa ao herói Sérgio Moro . | | | | | | |
| T6; C180 | E esse jornal aonda perdendo tempo com fakes do merdevaldo. Por que nao mostra a "matéria prima" periciada? | | | | | | |
| T6; | É incrível como a folha é parcial, os meus co- | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|---|--|--|--|--|--|--|
| C181 | mentários que não os agrada não são postados, valorizem o que a lava jato fez de bom e não deem credito a intercept ilegalidade. | | | | | | |
| T6; C182 | Acho que esse Jornal jamais poderia se basear em notícias vindas de um site duvidoso onde o jornalista mor é também pessoa de reputação muito duvidosa. Isso torna as notícias por vo- cês publicadas também duvidosas. Não sei se esses vazamentos são verdadeiros ou falsos. Só sei que não dá para confiar num Jornal com essa postura, ainda mais contra um paladino como Sergio Moro. | | | | | | |
| T6; C183 | Meu amigo, dizer que o jornalista Glen Greenwald tem reputação duvidosa é uma sandice. Ele é o cara do jornalismo com um dos prêmios mais cobiçados na área, o pulit- zer que é dado a aqueles que realizem trabalhos de excelência na área do jornalismo, prêmio este administrado pela Universidade de Columbia, de Nova York(EUA). | | | | | | |
| T6; C184 | A Folha de São Paulo está mostrando toda a qualidade de seu jornalismo ao divulgar notí- cias sem qualquer respaldo em fatos. Reparem que essas "revelações" já não causam NENHUMA repercussão, pois são não há qual- quer comprovação do seu conteúdo ser ver- dadeiro, ainda mais tendo a origem que tem. CREDIBILIDADE ZERO. | | | | | | |
| T6; C185 | Infelizmente, se você pensa assim, você não en- tende nada de jornalismo. Sensacionalismo é quando você não está respaldado por fontes, di- vulga informações sem checar. O trabalho me parece bem criterioso. Outros meios de co- | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|---|--|--|--|--|--|--|
| | municação também avaliaram o material. Quem não convence são os envolvidos. | | | | | | |
| T6; C186 | Isso é só a ponta do Iceberg. Quero ver quando forem revelada as movimentações financeiras das conjas do juiz e dos procuradores. Calma, bolsominions, agora é a vez do Intercept mostrar tudo em câmera lenta. | | | | | | |
| T6; C187 | FSP porque não enaltecem os ganhos com a lava jato e a moralização que ela deu a este país. Vocês só valorizam o errado, o INTERCEPT não deveria nem ser citado. | | | | | | |
| T6; C188 | Operação Fiasco, da associação Foice-Veja-Verdevaldo, consagrando Moro e Dallagnol, carrascos da Corporação do cri.meh, que achava que nunca se daria mal. Quebraram a cara, portanto, choooooora pete.zaada! | | | | | | |
| T6; C189 | O Amigo do VerdeValdo, já deu salvo conduto, em nome do Bozonaro, por isso essas diarreia em gotas. O cara ficou intocavel, pode escrever qualquer coisa que ninguém pode investigar | | | | | | |
| T6; C190 | A Folha continua em sua peregrinação pelos corredores da ilegalidade, baseando-se em atos criminosos para atacar quem trabalha contra a corrupção neste país. Pessoas, atos e motivações suspeitos são suas fontes?É assim que se faz a defesa da bandidagem que tomou conta do Brasil nos últimos anos? Tentativa canhestra de transformar criminosos em vítimas. Nada mais tendencioso. | | | | | | |
| T6; C191 | Era o que faltava neste panfleto que um dia foi um Jornal de credibilidade: Matérias assinadas por membros do The IntercePT Brasil. | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|---|--|--|--|--|--|--|
| | Pelo jeito há um joint venture entre Folha e Hackers. | | | | | | |
| T6; C192 | A Folha, a Veja, a Época, o Globo, o Estadão, o El País, o Financial Times, The Economist, Wall Street Journal, The Guardian... Até canais conservadores e alinhados com a direita, em todo o mundo dão credibilidade ao que vem sendo denunciado, | | | | | | |
| T6; C193 | A Folha está mergulhando na lama junto com o Sr Gleen. Não há qualquer credibilidade em informações pirateadas sabe-se lá por quem é de quem, publicadas fora de contexto e sem nenhuma verificação. A imprensa nacional está no fundo do poço, sedenta por notícias sensacionalistas que possam trazer dinheiro fácil para seus cofres. Já a credibilidade, essa foi para a lama. | | | | | | |
| T6; C194 | Sou leitor desta folha e continuarei. Agora, falar sobre a cultura do desperdício no nosso país seria uma contribuição mais contrutiva que a tentativa, nada sutil, de apequenar e destruir a maior operação anti corrupção do planeta. | | | | | | |
| T6; C195 | Uma longa matéria. Proporcional à sua inutilidade. O folhetim de spaulo persegue o desjornalismo com afinco. Abusa da liberdade sem responsabilidade. | | | | | | |
| T6; C196 | O circo cri minoso da Folha de São Verde Valdo para libertar Al Capone Lula da Silva é todos os 40 continua. Até quando? | | | | | | |
| T6; C197 | Ainda bem que temos jornalistas competentes que estão ajudando a recuperar o estado de direito. Moro e Deltam deveriam ter vergonha e pedir para sair. | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|--|--|--|--|--|--|--|
| T6; C198 | A FSP está agindo de má-fé. Não há absolutamente nada de ilegal ou antiético na conduta do MPF ou do juiz (isso dando de barato que realmente houve tais conversas). A ação desse jornal beira a irresponsabilidade. Nunca vi nada tão abjeto na história recente da nossa imprensa. | | | | | | |
| T6; C199 | Quase um Km de reportagem para mostrar o fiasco do plano Verdevaldo-Foice de SP para desmontar a Lava Jato. Até agora conseguiu comprovar para o povo que temos 2 legítimos representantes contra os criminosos engravados que saqueiam o País desde sempre, Sérgio Moro e Deltan Dallagnol, ainda mais fortes do que antes da presepada. | | | | | | |
| T6; C200 | Vixe! Colocaram tudo à luz do sol sob o escrutínio público. Utilizar-se de ilicitudes para combater ilícitos configura violência de mesma natureza e intensidade, ou as primeiras mostram-se mais violentas que as segundas, já que aos agentes é exigido exatamente o contrário? Sendo a verdade revelada, o que fazer? Lembrei-me de episódio do Profissão Repórter, quando, em SP, a mãe de um entregador de pizza viu seu filho ser violentado pela PM, e se viu no dilema de solicitar a PM para impedir a PM. | | | | | | |
| T7; C201 | Matéria gigante é atestado de proibidade de Dallagnol! Custo a acreditar que tudo isso foi escrito 'no interesse público' ou 'por relevância jornalística'. Ambas as hipóteses não estão presentes. Ombudsman da Folha escreveu texto onde indaga: 'Folha e IntercePT, nada a ver'? Bem, a cada dia a resposta fica mais eloquente, não é? SIM, | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|--|--|--|--|--|--|--|
| | nada a ver! Site sensacionalista empurrou cavalo de Tróia e a Folha o aceitou, iludida com sua aparente imponência. Só que o quadrúpede estava oco! | | | | | | |
| T7; C202 | As revelações do Intercept em parceria com a Folha, a Veja e o Reinaldo Azevedo já revelaram quem são os ratos. O queijo é a justiça sendo corrompida, devorada e instrumentalizada para condenar réu sem julgamento justo, interferir em processo eleitoral e ser usada para ganhar dinheiro em palestras regamente pagas. Se forem julgados e condenados, esses ratos receberão como 'punição' uma gorda aposentadoria compulsória. | | | | | | |
| T7; C203 | Jornalismo de verdade em defesa do Estado Democrático de Direito. Parabéns à Folha pela brilhante parceria com o Intercept Brasil e pela aula de isenção. Espero continuar vendo a cobertura das falcatruas orquestradas pelo conluio entre procuradores e juízes a fim de dilacerar o CPP com o objetivos políticos! | | | | | | |
| T7; C204 | Folha continua com jornalismo vergonhoso. Não merece nenhum crédito. Defensora de foras da lei. Só continuo assinante para contestar o projeto criminoso deste jornaleco . | | | | | | |
| T7; C205 | Intercept, Folha, UOL, VEJA, Reinaldo Azevedo e Band capricharam na mira a Sérgio Moro e acabaram acertando em cheio no Dalagnol, que é um grande Procurador e faz um trabalho de excelente qualidade. | | | | | | |
| T7; C206 | Que vergonha para o jornal tentar influenciar o leitor com essa chamada... Palestras do Lula, claramente para lavar dinheiro roubado, nunca | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|--|--|--|--|--|--|--|
| | mereceu do jornal um destaque desses. Vergonhoso! Por essa e por outras, cancelei minha assinatura, que só vai até o dia 08/08. | | | | | | |
| T7; C207 | Mas qual é a notícia? Que o procurador recebeu por um trabalho que executou? O que o impedia de fazer a palestra para uma empresa que, segundo diz (timidamente, é claro) o texto, não tinha até então qq envolvimento com a Lava Jato? E pq não foi salientado com o mesmo estardalhaço que ele pediu afastamento do caso tão logo a empresa apareceu numa delação? Saudade do tempo em que a Folha fazia jornalismo. | | | | | | |
| T7; C208 | O Grupo Folha/UOL está demorando muito para perceber a furada que foi fazer parceria com Intercept e publicar com destaque matérias duvidosas sobre vazamentos na Lava Jato. lamentável. | | | | | | |
| T7; C209 | Atacando a janela pela paisagem rapaz. A FSP mostra os fatos. Aceita quem tem neurônios ativos. | | | | | | |
| T7; C210 | Querido acorda você! Um jornal tem que motivar tudo! A raiva ao PT surgiu de 10 anos dos jornais publicando o que é matéria jornalística. Agora o escândalo é do outro lado, o jornalismo vai publicar do mesmo jeito! Só por que fere suas preferências, não quer dizer que não tenha que ser publicado! Acorda você amigo! | | | | | | |
| T7; C211 | Folha, hoje é dia de falar dos Hacker, e não ficar desviando a atenção para falar de \$-33 mil do Deltan de uma empresa que esta na lava jato, então vamos falar da Odebrecht, não vamos desviar o foco, queremos saber quem pagou os Hacker, que invadiram mais de mil telefones, | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|--|--|--|--|--|--|--|
| | inclusive do presidente da republica, e não invadiu nenhum telefone da esquerda, e os \$-100 mil encontrado em dinheiro na casa do Hacker, quem pagou, quem tinha interesse nessas gravações, função da folha investigar, ou não... | | | | | | |
| T7; C212 | A parceria da Folha com o Intercept está sensacional. A cada nova reportagem mais bomba. Continuem! | | | | | | |
| T7; C213 | Claro! Uma "saudável" parceria entre a Folha e o crime! Não é demais? | | | | | | |
| T7; C214 | Obrigado, Folha!!!! Excelente reportagem. Como são dilatadas as fronteiras éticas desses procuradores. Já têm salários pornograficamente acima de média dos servidores federais que é pra, em tese, ficarem longe de conchavos comprometedores. Mas acham pouco 30, 40 mil. Que vergonha. | | | | | | |
| T7; C215 | Parabéns pelas reportagem! Tudo que for de interesse público deve ser divulgado. | | | | | | |
| T7; C216 | Um quilômetro de reportagem para produzir mais uma fake-news pilantrosa; dá até sono! É o empenho dos militância do aparelho de mídia político partidário petista-marxista que não dorme direito desde outubro do ano passado. Só porque perderam o topo da pirâmide! Gostaram da fatura? Só que agora chega; vai ter que dividir! Tetinha fácil secou, rsss! | | | | | | |
| T8; C217 | Como a esquerda inconformada está organizada para rebater as opiniões contrárias aqui no UOL. Mas não adianta querer condenar juizes e procuradores que colocaram bandidos no | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|---|--|--|--|--|--|--|
| | cárcere e defender hackers e notórios corruptos. Não conheço um dos condenados que não se beneficiaram com o dinheiro do país e agora se associam com hackers e americano, que é pessoa non grata em seu país. | | | | | | |
| T8; C218 | O que você pôs nas malas do Greenwald? Você e o Palloci tem muito em comum. | | | | | | |
| T8; C219 | Hackers são os piratas modernos e invadem computadores, tablets, celulares e tudo que vier pela frente e só tem um objetivo: dinheiro, muito dinheiro. E não foi diferente desta vez e já sabemos quem custeou esta empreitada, que é a maior invasão de intimidade dos mais altos escalões da República. Estranho é que dois envolvidos no caso estejam se mandando para o exterior. Greenwal de malas prontas e Manoela já se foi. | | | | | | |
| T8; C220 | Ingenuidade pensar que o o principal hacker Walter Delgatti Neto dos ataques de celulares de autoridades tenha ligado apenas para Manoela Dávila e que esta de pronto o encaminhou para Greenwald; com certeza o pirata virtual tentou outros contatos com expoentes do PT. Temos que conscientizar que estes fatos são gravíssimos e que parte da grande imprensa brasileira toma partido de marginais, que procuram desestruturar a recuperação de nosso país. | | | | | | |
| T8; C221 | Que privacidade tem, procuradores do MP - agente publico- para trapacear? Que privacidade tem , um juiz - outro agente publico- para julgar parcialmente um ex- presidente e alterar um processo eleitoral? As conversas divulgadas, em | | | | | | |

| | | | | | | |
|-------------|--|--|--|--|--|--|
| | <p>momento nenhum, mostrou conversas íntimas entre os agentes públicos e seus familiares e amigos, pelo contrário! Mostrou o modo aético como esses agentes públicos, pagos com o dinheiro do contribuinte, utilizaram para fazer justiça! Então, não é privado!</p> | | | | | |
| T8; C222 | <p>Resta questionar. O Jornalista pode ou tem o direito de receptor dados ou informações frutos de roubo e ficar por isso mesmo? É isso? Estimulando ainda mais esse crime. A meu ver não. Isso não é liberdade de imprensa é liberdade para roubar e incentivar a criminalidade, assim como uma carga roubada com direito a vender o produto do roubo. Esse "Jornalista" precisa responder na Justiça por isso. Folha de S.Paulo é conivente e cúmplice. Roubaram um carga de Ouro dias atras. Não tem interesse??</p> | | | | | |
| T8; C223 | <p>Você precisa se informar melhor. Se as informações são de interesse publico como é este caso do conluio entre juiz e MP, mesmo que obtidas de forma ilícita, o jornalista tem todo o direito de publicar. Esta previsto na constituição. A Folha já se cansou de publicar isso. leia a matéria de hoje sobre Moro.</p> | | | | | |
| T8; C224 | <p>O jornal Folha de S.Paulo, o maior do Brasil e que figura entre os maiores do mundo, enviou equipe qualificada para examinar o material em poder do Intercept Brasil, e esses profissionais altamente qualificados não encontraram indícios de fraude. Além da Folha, também a Veja e o Reinaldo Azevedo examinaram e acharam conforme. Por outro lado, nenhum dos</p> | | | | | |

| | | | | | | |
|-------------|---|--|--|--|--|--|
| | citados, incluindo Moro e Deltan, entregaram seus celulares para perícia, e ainda apagaram todo o conteúdo do Telegram. Precisa dizer mais? | | | | | |
| T8; C225 | Complementando: como já está provado o Hacker Valter é um grande estelionatário , segundo a PF. Então é inconcebível que ele tenha dado tudo de mão beijada para Greenwald e Manoela Dávila no que era p maior golpe de sua vida. Daqui a pouco aparecerá os valores e quem os remunerou. Não existe almoço grátis nesta área de pirataria e busca pelo poder maior do país. | | | | | |
| T8; C226 | Estelionatários, corruptos, comunistas, hackers, jornalismo marrom, defensores do Al Capone Lula da Silva, juntos todos se merecem. | | | | | |
| T8; C227 | Xô petezada da Bolha de SP!! O destino de vocês é Curitiba, para dar "bom dia Lula" até 2050. Kkkkkkk! | | | | | |
| T8; C228 | FSP faz panfletagem de oitava série. 100% de pura cretinice. | | | | | |
| T8; C229 | O fato de Moro ter aceito ser ministro de um governo o qual indiretamente ajudou a eleger é um escárnio por si só. As mensagens obtidas pelo Intercept corroboram tal argumento , porquanto o ex-juiz, quando em exercício, violou diretamente a CRFB e o Código de Processo Penal, o que, se a Justiça deste país ainda tiver um pingão de ombridade, vai implicar a anulação de processo(s). | | | | | |
| T8; | A procedência das mensagens não invalida | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|--|--|--|--|--|--|--|
| C230 | sua divulgação, porquanto tema de interesse público. O Intercept e a FSP estão perfeitamente conformes à lei. Já o mesmo não se pode dizer de Moro, como detalhado em diversos outros comentários aqui. | | | | | | |
| T8; C231 | Os outros juízes não tinham as informações sobre os procedimentos ilegais de Moro e do MPF que ora são denunciadas nos vazamentos. Logo, julgaram sem ter conhecimento pleno dos fatos que indicam suspeição por parte do juiz da 1ª instância, o que justifica anulação. | | | | | | |
| T8; C232 | Datas batem. Informações são fundamentadas. Mas alguns mitômanos ainda reclamam das fontes. Sugerem alterações nos dados. Ah vá. Já deu pra ver que Moro, e mais outros, usaram a lava-jato em benefício próprio e com vista em objetivos maiores. Se tornando tão criminosos quanto os objetos da lava-jato. | | | | | | |
| T8; C233 | Parabéns a folha ! Que está mostrando como agia a lava jato do Moro !! Num país democrático isso que aconteceu é um crime ! Democracia significa respeitar as leis !! A lava jato perdeu o foco é escolheu o caminho torto de um projeto poder que faz mal ao país ! Hugo Chaves , caçador de corrupto , fez isso !!E agora vem essa falsa direita querendo apropriar do espírito de Hugo Chaves !! | | | | | | |
| T8; C234 | Houve um vazamento na França e o Ministro do Meio Ambiente saiu. Aqui, nesse atraso total, tornam-se legalistas no formato e esquecem o conteúdo ? Como pode isso !!! Cadê as Instituições que precisam nos proteger ? Esse escândalo deixa WaterGate de chininho...ainda | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|---|--|--|--|--|--|--|
| | <p>bem que as pessoas estão percebendo que isso não é democracia e que assim, o "inimigo" poderá ser outro, ser qualquer um, amanhã. Os meios nunca justificaram os fins e nunca justificarão. Vergonha !!!</p> | | | | | | |
| T8; C235 | <p>Segue Gabeira: "O propósito do hacker era combater a Lava Jato, como ficou claro também em suas postagens na rede. Mas ele gosta de dinheiro, deu alguns golpes, tinha atalhos para entrar em contas bancárias. Mesmo se conseguir provar que estava apenas numa cruzada pela justiça, era um tipo ideal para ser contatado para um trabalho puro de espionagem".</p> | | | | | | |
| T8; C236 | <p>Série de reportagens com base em dossiê roubado por hacker preso, em parceria com IntercePT, parece ter chegado à fase 'cult'. É aquela em que o esforço da construção da tese é inversamente proporcional ao interesse do público. De fato, deu sono ler a matéria. Mais ainda quando lembrei que a pegada do jornal, à época, era de espanto pela troca de status do ministro, considerada desvantajosa. Agora se defende o contrário porque, afinal de contas, 'ninguém presta', né?</p> | | | | | | |
| T8; C237 | <p>Maia fraca do que a delação de Palloci são os fatos com os quais se tenta anular o processo por uma suposta suspeição do juiz da causa. Pior que isso, só a cobra se envenenando com a própria saliva.</p> | | | | | | |
| T8; C238 | <p>Nesses meus quase meio século de vida, aprendi uma coisa: tudo que essa Rede Globo apóia no campo da política é sempre contra os interesses da maioria do povo brasileiro. Foi assim</p> | | | | | | |

| | | | | | | |
|-------------|--|--|--|--|--|--|
| | <p>no golpe militar de 64, depois vindo a pedir desculpas e reconhecendo seu erro histórico. Agora, apoiando a tal Lava Jato. Não demora reconhecer que errou novamente.</p> | | | | | |
| T8; C239 | <p>Essa série de reportagens demonstra a parcialidade dos leitores em relação a bandidagem... São fiéis ao Moto até nesse quesito! Para eles alguns criminosos valem a pena e alguns não... São seletivos! Não consigo entender essa lógica mas funciona assim...</p> | | | | | |
| T8; C240 | <p>As mensagens são tão insignificantes, pior que novela mexicana, esperava mais conteúdo, que tal voltar a fazer jornalismo de verdade? Parabéns Moro.</p> | | | | | |
| T8; C241 | <p>Essas gravações mostram como a imprensa foi usada pela Lava Jato para manipular a opinião pública. E quanto contribuiu para o empoderamento deste ex- juiz, que continua achando está acima da lei. Criaram um monstro.</p> | | | | | |
| T8; C242 | <p>Diálogos sem chance de comprovação oficial, criminosamente obtidos e divulgados por site cujo dono já mostrou repetidamente seus viés ideológico de esquerda é a fonte de mais está fofquinha reproduzida aqui? Escrever muito e bobagens, não sana a origem fora da lei e a óbvia chance de manipulação do atual pretense texto mas sugere que quem divulga material roubado é cúmplice e deve ser punido também por calúnia , difamação e receptação como neste caso aqui.</p> | | | | | |
| T8; C243 | <p>Não deve o jornalista atuar como guardião de segredos sombrios de agentes políticos suspeitos de corrupção.</p> | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|---|--|--|--|--|--|--|
| T8; C244 | <p>Jornalismo é assim. Você recebe material, checa as informações para ter certeza de sua veracidade e, caso sejam de interesse público, publica-se. Moro e seus aceclas até agora não disseram que as mensagens trocadas são mentirosas. Porque sabem que não são. Para garantir a democracia, cabe ao jornalista o direito de sigilo da fonte. Está na Constituição.</p> | | | | | | |
| T8; C245 | <p>Pois eu, que prezo a democracia, acho que estes diálogos são gravíssimos. Roubado ou não, o material mostra que Moro e seus aceclas agiram de forma parcial e se beneficiaram disso. Só não vê quem é ingênuo ou está muito mal-intencionado....</p> | | | | | | |
| T8; C246 | <p>A FSP tentando justificar o injustificável. Publicando diálogos oriundos de um criminoso reincidente fichado como estelionatário e praticante de outros crimes em prejuízo de pessoas que têm por objetivo o melhor desempenho de suas funções e buscam um país melhor. O receptor Glenn Greenwalda também cometeu crime ao, sabedor da fonte ilegal da informação, publicá-la em seu site com o único objetivo de promoção pessoal já que nada investigou. Apenas pagou ao estelionatário pelo crime cometido.</p> | | | | | | |
| T8; C247 | <p>Pelo que vi, você desconhece o trabalho jornalístico. O jornalista recebeu material anônimo de interesse público. Checou a VERACIDADE das informações. Tanto é que nem Moro, nem nenhum dos envolvidos afirmaram que não falaram o que foi exposto. Os caras usaram a imprensa, foram parciais, agiram fora</p> | | | | | | |

| | | | | | | |
|-------------|--|--|--|--|--|--|
| | da lei, se beneficiaram disso. E você diz que o jornalista deve ser punido? Você se mostra um inimigo da democracia. | | | | | |
| T8; C248 | O volume de texto para explicar o teor de simples trocas de ideias entre particulares demonstra de forma clara o desespero da Folha e do site fundo de quintal em manter acesa a chama dos que querem libertar criminosos e acabar com a Lava Jato. Chega de palhaçada. Vão trabalhar vaga bundos! | | | | | |
| T8; C249 | Estava claríssimo que essa operação era seletiva e partidária, pouco se importando com corrupção, basta ver o Queiróz atualmente, que apesar de todas as evidências sequer foi a uma delegacia pessoalmente. Mas vê-la desmascarada será bom para a história do Brasil. | | | | | |
| T8; C250 | Mais um traque da The Intercept Folha. O texto se esgueirou e se contorceu, mas só conseguiu provar a lisura de Moro e dos procuradores. | | | | | |
| T9; C251 | E segue a armação da associação Foice-veja-Verdevaldo-hackers estelionatários-Manuela Dávila-Banda podre do STF contra a Lava Jato, com primeiro objeto de soltar o guru da pixuletagem da prisão em Curitiba, na visão da Corporação para o crime, o único capaz de reverter a revolução polukar pela ética no Brasil liderada por Bolsonaro Moro. | | | | | |
| T9; C252 | Limpinho é o Antaaagonista. Caro, veja a posição da folha perante o impeachment e a prisão do Lula. Agora veja as posições do antaaagonista e me fale qual &#279; mais ou menos parcial. | | | | | |
| T9; | Mais uma vez fico a me perguntar: Qual é a da | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|---|--|--|--|--|--|--|
| C253 | FOLHA? Quanto pior melhor?"Colocar fogo no circo"? Proteger os assaltantes da Lava Jato!Vender Jornal? Sempre foi do conhecimento público a paixão da FOLHA pela turma da "esquerda", mas jamais um órgão da grande mídia nacional assumiu postura tão devastadora contra Instituições Nacionais. A Imprensa investigativa da FOLHA nunca quis investigar a fundo as denúncias contra os tais Ministro do Supremo. Porque? Medo? . | | | | | | |
| T9; C254 | Alguns tentam desqualificar o conteúdo em função do hackeamento, todavia, não há ilegalidade na divulgação, o que há é um grande descontentamento com o desmonte da moralidade da Lava-jato. Em tempos de polarização aceitar o óbvio só é possível se não destruir a narrativa preferida. Pelo bem da justiça continuem FSP e IB, com o tempo, os fatos sobreviverão às narrativas míopes da realidade. | | | | | | |
| T9; C255 | Matéria maliciosa e cheia de intenções em que a FSP, mais uma vez, tenta transformar o nada em alguma coisa. Tudo tem limite e chega a ser assombroso o nível elementar das tentativas de rebaixar e desacreditar a Lava Jato. O que tem de revelador ou desabonador nas mensagens? Nada. Apenas procuradores tentando realizar seu trabalho. FSP/The Intercept/ hackers estelionatários de Araraquara - o trio do jogo de soma zero para o Brasil./Claudia F. | | | | | | |
| T9; C256 | Com o agora conhecimento de que as mensagens são de origem crimminnosa...a folha mesmo assim publica assumindo a posição de receptor...lamentavel... | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|---|--|--|--|--|--|--|
| T9; C257 | <p>Não. Não é um caso de desmanche de carro roubado. Trata-se de informações de alto interesse público, considerando que juiz e procuradores são funcionários públicos e, no exercício da função pública, o que fazem com recursos custeados pelos impostos que pagamos, e tem, inescapavelmente, de se dar dentro da Lei. Não há como criminalizar o jornalista. Criminosos são os que burlaram a Lei na condução da Lava Jato.</p> | | | | | | |
| T9; C258 | <p>A folha não recebe, o intercept que publica e eles relatam. Embora fonte criminosa, são de interesse público, afinal trata-se de promotores de justiça e membros do STF. Não podemos comparar as mensagens como receptação de carga roubada ou drogas. São coisas bem diferentes. Embroa, nessas conversas, para mim, não há nada demais. É meio notório que alguns ministros não são bons exemplos de ética.</p> | | | | | | |
| T9; C259 | <p>As mensagens são verdadeiras e de interesse público . A Folha como o Intercept tem todo o direito de publicar . Está na Constituição, carta que você não deve conhecer . Volte para o seu buraco de avestruz e nos poupe de tanta ig.no.ran.cia .</p> | | | | | | |
| T9; C260 | <p>Não vejo nada de mais nas conversas, que tratam de investigações e citações. Vejo sim que tanto a mídia como outros dão mais crédito a ações ilegais de hackers, que em investigações que tentam moralizar este país. Em outros passei as investigações são muito mais invasivas que estas, usando inclusive investigadores particulares.</p> | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|--|--|--|--|--|--|--|
| T9; C261 | "Qdo chega no judiciário, eles se fecham", disse Deltan aos colegas em 21 de agosto, um dia após a reportagem sobre Toffoli chegar às bancas. "Corrupção para apurar é a dos outros." Pois é, que beleza de serviço intercePT e seus aliados estão fazendo para o país em detonar a força-tarefa da Lavajato, hein? Afinal, não pode ou-sar investigar a corrupção da alta corte do judici-ário... "tem que manter isso daí", né? Esse tiro vai sair pela culatra. | | | | | | |
| T9; C262 | A Folha tem credibilidade, mas de uns tempos pra cá algumas matérias estão muito tenden-ciosas, isso não é jornalismo, é manipulação, a Folha está a caminhar para o mesmo abismo que a Veja, que nem sei se ainda existe como revista, enfim, algumas matérias são péssimas e apelati-vas e de uma pobreza escrita que não chega a irritar e sim dar dó. | | | | | | |
| T9; C263 | A Força Tarefa do The Intercept Brasil, com-posta por Gleen Greenwald, Folha de São Paulo, VEJA e Reinaldo Azevedo e baseada em informações ilegais obtidas por hackers, tinha como alvo principal o ex-Juiz e atual Ministro da Justiça Sérgio Moro. Hoje pode-mos afirmar que injustamente o principal atingido é o Procurador Deltan Dallagnol, que executa sua função com maestria. Aguardo para ver quando aparecer vazamentos com no-mes de outras esferas da República(ex.:STF) se o grupo vai continuar com t | | | | | | |
| T9; C264 | Parece que a FSP torce contra o Brasil, noti-ciando sobre heróis que só ajudaram o Brasil com uma coragem e capacidade brutais. | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|---|--|--|--|--|--|--|
| | Quanta repugnância vocês me causam! | | | | | | |
| T9; C265 | A Folha informa que o procurador Deltan "incentivou"... Não "ordenou"... Então é assim, a Folha pega o que conseguir e ajeita para parecer pior. Pega de quem? Em última instância, de um estelionatário. Bem a calhar, muito coerente. E tem o auxílio luxuoso desse senhor Greenwald, a maior e mais explícita caricatura de agente da CIA que já se viu. É curioso vê-lo brandindo seu passaporte na cara do Chico Buarque e de outros: -posso ir, mas não vou... | | | | | | |
| T9; C266 | A Folha não vai conseguir destruir a Lava-jato. Parece um panfleto petista! | | | | | | |
| T9; C267 | Como um jornal decente poderia publicar elogios de algo que ou é prenhe de medidas inconstitucionais ou representam regressão do padrão civilização? | | | | | | |
| T9; C268 | Bozominions, é sabido o quanto são bur.rinhos, mas a FSP faz reportagem. Tanto faz de onde venham os “fatos”, uma das funções do jornal é “reportar” . E o fato é que o conje do Marreco e o Marreco tinham um projeto pessoal de poder. Nunca estiveram preocupados com combate à corrupção. Enganaram a todos. Aceitem que para de doer com o tempo. | | | | | | |
| T9; C269 | Essas revelações são muito graves. Ao contrário do que falado pela Força Tarefa, tudo isso aí é ilegal. As mensagens demonstram que a Receita Federal tinha acesso a operações financeiras ao arrepio dos requisitos da LC 105/01, e o MPF, criminosamente, escolhia seus alvos para iniciar investigações. A veracidade das conversas | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|--|--|--|--|--|--|--|
| | é nítida, já que as esposas de Gilmar e Toffoli foram, clandestinamente, alvo de "investigação". A Lava Jato é um projeto de poder asqueroso e repugnante. | | | | | | |
| T9; C270 | Essas matérias da Folha já estão ficando chatas. Tá parecendo fofoca. Acabou o sentido de divulgar isso. | | | | | | |
| T9; C271 | Bom resumo da lava-jato. Sabemos que o tempo se encarregaria de jogar uma luz mais racional sobre os fatos, mostrar o que realmente foi a lava-jato, e os vazamentos do Intercept e parceiros só aceleraram esse processo. | | | | | | |
| T9; C272 | Parabéns à Folha pelo jornalismo sério e independente. A divulgação dessas denúncias é fundamental para esclarecer e trazer à luz o submundo da Lava Jato. | | | | | | |
| T9; C273 | Reportagem cheia de maledicência e insinuações contra um Procurador que apenas cumpriu o seu papel de combater a corrupção e o crime organizado. Lamentável a postura da FSP. | | | | | | |
| T9; C274 | E aprenda uma coisa: não há crime quando o jornalista utiliza-se de informação obtida de maneira ilegal por terceiros, mas sua intenção é apenas a de divulgar o conteúdo. Busque interpretar mais a lei de acordo com a Constituição, e não conforme seus critérios políticos. | | | | | | |
| T9; C275 | Folha de São Paulo parem de usar informações criminosas, não conhecem a Teoria dos Frutos da Árvore Envenenada? O que vocês estão dizendo para a população é: podem torturar um preso para obter informações, o que importa é a informação sobre o crime. Cadê a Constitui- | | | | | | |

| | | | | | | | |
|-------------|---|--|--|--|--|--|--|
| | ção que vocês tanto defendem? E o Estado Democrático de Direito? | | | | | | |
| T9; C276 | Vc está confundindo jornalismo com opinião. Está última é a que vc tem quando conversa com amigos na sala de jantar , jornalismo reporta. Nesse caso é um fato que para combater foras da lei, a Vazajato restou fora da lei. Pena sobre todos eles. De um lado e do outro. | | | | | | |
| T9; C277 | Creio que este vazamento atinge em cheio, o Tofo.Ili. Dallagnol, absolutamente nada... Perderam de novo, não acertam uma. Revela apenas desespero deste parceirão do Intercept no cometimento de graves crimes contra a segurança nacional... | | | | | | |
| T9; C278 | As novas revelações mostram que a República de Curitiba é movida por futricas e fofocas. Basta haver um vago rumor para que avancem acusações graves contra uma pessoa. | | | | | | |
| T9; C279 | Folha de São Verde Valdo receptação é crime, mas o que importa é que o objetivo é libertar Al Capone Lula da Silva | | | | | | |
| T9; C280 | Impressionante não há nada nestas conversas, apenas diálogos de pessoas que faziam seu trabalho, realmente deprimente tentativa de macular a lava jato a todo custo , mas o bem produzido pelas investigações até hoje em curso são calculados na casa dos bilhões. | | | | | | |
| T9; C281 | As reportagens se tornam cada vez mais irrelevantes. As mensagens trazem apenas conversas sobre possíveis ilícitos e, muitas vezes, o Deltan está apenas perguntando, por exemplo, se o delator mencionou o Min. Toffoli. O único ilícito continua sendo a origem aparentemente cri- | | | | | | |

| | | | | | | | |
|--------------|--|--|--|--|--|--|--|
| | minosa da “fonte” do jornal... | | | | | | |
| T9; C282 | Parabéns Folha pela reportagem, muito reveladora do submundo obscuro do Judiciário e MP, contaminado de desvios éticos, morais e legais, logo eles que se julgam defensores dessas virtudes, mostra a hipocrisia com que tratam a opinião pública, em entrevistas é uma coisa, e nas conversas paralelas: desvios, conluios e chantagem. | | | | | | |
| T9; C283 | Mais uma reportagem bombástica. Parabéns à Folha e ao Intercept Brasil por essa parceria e pelas reportagens sempre muito bem analisadas. Isso é muito grave e ultrapassou todos os limites. O STF precisa reagir e rápido. | | | | | | |
| T10; C284 | FSP, Intercept, Veja, Reinaldo, etc. estão ajudando a sanear nossa sociedade. Esses vazamentos estão servindo para 2 coisas: 1) as pessoas estão mostrando "a cara" e parte delas jamais foi contra a corrupção de verdade e 2) as próximas "sentenças" judiciais contra o Lula deverão ser muiiito bem fundamentadas. As verdadeiras pessoas de bem estarão atentas! | | | | | | |
| T10; C285 | Vcs são o lix o da mídia e jornalismo virtual, dão manchete a todo tipo de idiotice, com viés sensacionalista e tendencioso, dão a entender na manchete que moro não declarou dinheiro em sua renda, dinheiro esse que ele nem recebeu, e sim dou a uma entidade, fez caridade, e só lá bem no fim explica isso, a caridade, sabemos que seus correligionários não são adeptos a leitura lêem no máximo uma duas linhas, no caso a própria manchete | | | | | | |
| T10; | O desespero da FSP é bem visível. Compreendo | | | | | | |

| | | | | | | |
|--------------|--|--|--|--|--|--|
| C286 | que não foi fácil perder as verbas governamentais, mas gastar tanto espaço assim para criticar o governo atual não vai adiantar muito. Se tem alguma coisa concreta contra qualquer integrante do governo, deveria entrar na justiça e não ficar fuxicando feito velhas comadres como tem feito. | | | | | |
| T10; C287 | E, tão descuidado assim, visava ao STF e à Presidência da República. Os Brasileiros lúcidos são muito gratos ao Glenn Greenwald, equipe de The Intercept Brasil, FSP, Veja, Band, Reinaldo Azevedo pelas revelações que, com fé na Justiça, vão levar o criminoso-mor(o) e seus procuradores amestrados para a cadeia. | | | | | |
| T10; C288 | Caso você não tenha percebido (lapso?), a FSP é um jornal. Um jornal informa. Ter raiva do carteiro que entregou a cobrança é patético. | | | | | |
| T10; C289 | A Força Tarefa da Intercept Brasil volta a atacar. A poderosa organização composta por Gleen Greenwald, Folha de São Paulo, VEJA e Reinaldo Azevedo, biruta de aeroporto. Engraçado que só falam de Moro e Dallagnol, heróis que conseguira estancar a destruição do país e principalmente da Petrobrás. E o restante das interceptações que dizem envolver muitas autoridades, inclusive do STF. Como bem disse Barroso: fofocada que leva à euforia parte da população, as esquerdas inconfonformadas. | | | | | |
| T10; C290 | Perdeu de novo, Falha de São VerdeValdo. Ainda não cansaram de apanhar do Dr.moro. E ele respondeu. Foi amplamente divulgado na mídia. Cachê de dez mil reais foi doado à instituição de caridade que cuida de deficientes físi- | | | | | |

| | | | | | | |
|--------------|--|--|--|--|--|--|
| | cos, Pequeno Cotolengo, de Curitiba. Palestra em 2.016, cadastro implantado em 2.017. Vão publicar errata? | | | | | |
| T10; C291 | Respondendo a um comentário aqui, se eu fosse hackeada, nada a temer porque sempre respeitei as leis. Hackear é crime, mas não dá para ignorar as conversas que mostram todo um esquema para favorecimento próprio ou de amigos. É o velho ditado: quem não deve, não teme. Já quem deve... ou nega ou diz que esqueceu. | | | | | |
| T10; C292 | Esta "revelação" revela o ridículo da tentativa deste jornal em dar alguma justificativa à sua parceria com a atividade criminosa de invasão de privacidade de autoridades da República. Exigem até a clarividência de Moro, que deveria registrar uma atividade de 2016 antes da existência do sistema de registro, implantado em 2017. Sou leitor da Folha desde os anos 60 e nunca vi o jornal tão desviado do jornalismo como agora. Uma pena. O pior é ver leitores embarcarem nesse festival de fakes. | | | | | |
| T10; C293 | Graças a essas reportagens, o Brasil tomou conhecimento dos interesses escusos dos "justiceiros" da Lava Jato. Mas, quem é perpicaz, já tinha sacado a charada a cada atitude de Moro para se favorecer. | | | | | |
| T10; C294 | É a Folha tentando ganhar o carnaval colocando sua escola para desfilar às 10 da manhã, quando não há mais plateia e o pouco público remanescente já não está tão assim interessado. O sol já está quase a pino fazendo com q plumas e paetês não reflitam corretamente | | | | | |

| | | | | | | | |
|--------------|--|--|--|--|--|--|--|
| | todas as suas cores. Em outras palavras, hora de virar o disco (pra quem entende de vinil).... | | | | | | |
| T10; C295 | A prova foi obtida por meios ilegais, e os criminosos já estão pagando,ponto. Ninguém discute isso, o que se discute é que os "arautos da moral", cometiam atos ilegais, quando não criminosos, e os diálogos evidenciam isso. Não podemos avançar como sociedade, usando uma Lei para uns, outra para os adversários. Não é assim que funciona nas grande democracias do mundo. | | | | | | |
| T10; C296 | Aos poucos vamos conhecendo nossos "heróis" e mais importante atestando a veracidade dos vazamentos pelos próprios. Intercept deve estar preparando a "reportagem das reportagens". | | | | | | |
| T10; C297 | Glenn recebeu o maior prêmio concedido a um jornalista por conta das publicações que fez. . | | | | | | |
| T10; C298 | A IntercePT não parou por aí, pelo visto! A Manú deve ter rodado bastante! Muito mais coisas devem ter sido intercePTadas pelo departamento de interceptação de informações roubadas da Orcrim! | | | | | | |
| T10; C299 | A Folha tá fazendo o jogo dos bandi.d.os. O serviço que o homem prestou ao país sendo posto em questão por 10, 15 mil reais. Sem lava jato, Cabral ainda estaria passeando por Paris, Lula estaria dando palestras de mentirinha é passeando de pedalinho em Atibaia... já se sabe que a fonte é criminosa, porque a Folha publica? O americano devia pegar uma cana, mesmo, pois quer tumulto em terra que o acolheu. Se | | | | | | |

| | | | | | | | |
|--------------|--|--|--|--|--|--|--|
| | pisar nos EUA vai preso pelas publicações do caso snowden. Folha já foi melhor. | | | | | | |
| T10; C300 | Mais uma matéria que expõe os atos ilícitos dos senhores sergio moro (tudo assim, minúsculo mesmo) e deltan "dinheiol". Promiscuidade pura. Os caras eram ovacionados, como representantes da honestidade pura. Sabe-se, agora, que tudo o que eles pregavam era uma farsa. | | | | | | |
| T10; C301 | Como é triste acompanhar a trajetória da Foice de substituição do jornalismo pela pica-retagem. Hoje com mais uma fake manchete contra Moro, transformando em omissão um esquecimento óbvio, de declaração de 1 evento em 16, num sistema que, inclusive, desobriga a declaração de honorários. O Jornal se desmoraliza diariamente ao tentar desmoralizar a Lava Jato e impedir mudanças no País. Isso não entendo. "Será que compensa"? | | | | | | |
| T10; C302 | Lembro quando, nos anos 80, um famoso líder da CUT que falava cuspiando, em entrevista ao Jornal do Brasil, declarou que havia mais de "800 jornalistas na folha de pagamento da CUT"! E foi antes dos assaltos da Ocrim aos cofres públicos, de centenas de bilhões de reais! Será que hoje colunistas e jornalistas recebem menos? Será que os jornais pós-papel só vivem de assinaturas e propagandas declaradas? O que de fato teria acontecido para que notórios jornalistas anti-"petralhas" virem pró-Ocrim? | | | | | | |
| T10; | Se a FSP fosse um jornal sério e tivesse compromisso com a verdade a manchete seria: | | | | | | |

| | | | | | | | |
|--------------|--|--|--|--|--|--|--|
| C303 | "Moro dá palestra para duas mil pessoas, é aplaudido de pé e doa parte do cache a instituição de caridade!" | | | | | | |
| T10; C304 | A FSP também invadiu a declaração de renda do Moro? Este jornal não cansa de passar vergonha! | | | | | | |
| T10; C305 | A cada dia, as “revelações” dos hackers se tornam mais irrelevantes. O que as palestras que Sérgio Moro, Deltan, Gilmar Mendes, outros Ministros fazem têm de relevante? Ou mesmo palestras que jornalistas fazem? A Folha exige que seus jornalistas informem as palestras que fazem? Do jeito que vai, em breve a Folha, na 1ª página, vai anunciar que o Moro soltou um “pum”... | | | | | | |